



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA - MESTRADO

PAULO RICARDO PEREIRA DOS SANTOS

**“RAP É COMPROMISSO”:**

Uma cartografia dos dizeres a partir da vivência no rap

RECIFE

2025

Coautor PAULO RICARDO PEREIRA DOS SANTOS

**“RAP É COMPROMISSO”:**

Uma cartografia dos dizeres a partir da vivência no rap

Dissertação de Mestrado apresentada aos membros do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, vinculado à Linha de Pesquisa Práticas Psicológicas Clínicas e Demandas Sociais Contemporâneas, como exigência parcial para sua aprovação e defesa pública, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Francisco

RECIFE

2025

S237r Santos, Paulo Ricardo Pereira dos.  
“Rap é compromisso” : uma cartografia dos dizeres a  
partir da vivência no rap / Paulo Ricardo Pereira dos  
Santos, 2025.  
136 f. : il.

Orientador(a): Ana Lúcia Francisco.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de  
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Psicologia  
Clínica. Mestrado em Psicologia Clínica, 2025.

1. Psicologia clínica. 2. Juventude - Aspectos psicológicos.  
3. Rap (Música) - Aspectos psicológicos. 4. Subjetividade.  
5. Psicologia social. I. Título.

CDU 159.9

Luciana Vidal - CRB-4/1338

**Nome/coautor:** Paulo Ricardo Pereira dos Santos

**Títulos:** “Rap é compromisso”: Uma cartografia dos dizeres a partir da vivência no rap

Dissertação apresentada à universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica, em 23 de abril de 2025

**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Francisco



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elcimar Dias Pereira



Prof. Dr. Severino Ramos Lima de Souza

Recife, 2025

Dedico este trabalho a toda a minha família, à minha parceira e a todos os amigos que me apoiaram nessa caminhada, a todos os jovens pretos, que, cada um no seu caminho, querem vencer na vida, é tudo por vocês!

## AGRADECIMENTOS

Em meio às lagrigas, preciso dizer algo, mesmo que o tamanho dos agradecimentos não caibam em uma folhinha.

Agradeço primeiramente às mulheres da minha família. Este estudo foi também uma retomada às minhas origens, então pude ter um pouco mais da dimensão do quanto são guerreiras essas mulheres, voinha, a minha bisavó, Neném, a minha vó, Ana, a minha mãe, e todas as minhas tias, isso aqui é primordialmente por vocês.

Mainha, isso aqui é primeiramente por você. A mulher da minha vida, que me ensinou tudo que sei, e que me permitiu chegar tão longe. Se hoje eu posso sonhar, foi porque você lutou para que isso tudo deixasse de ser sonho para se tornar realidade.

Aos meus pais, meu pai e meu padrasto, que são exemplos para mim de como ser um homem, vocês me ensinaram muito! Em meio a tanta dificuldade, me sinto privilegiado de ter duas pessoas incríveis assim na minha vida, sem vocês, eu não seria o homem que sou hoje.

Aos meus irmãos, que, eu sei que não fui o melhor irmão, muitas vezes em falta, muitas vezes omissos, muitas vezes oferecendo apenas problemas ao invés de soluções. Mas hoje eu consigo enxergar, eu fui o que eu consegui ser em todos os momentos, mesmo que oferecendo pouco, por isso, venho tentando (e não vou parar) ser um exemplo de irmão que vocês merecem de fato. Biel, Artur, Beca e Rafa, eu amo vocês!

Ao meu amor, minha companheira, que me incentivou a seguir essa caminhada, e é um dos vetores que me fizeram estar aqui. Laura, te vendo, observando tua força, eu pude ver em mim uma força que eu nem sabia que existia. Você é uma mulher incrível, sorte a minha de te ter na minha vida, o meu amor por você não caberia nas estrelas do céu, e é por você que eu tento ser o melhor de mim a cada dia, e é você que quero ao meu lado pelo resto da minha vida. Te amo!

Aos meus amigos, que, graças a Deus são muitos, mesmo que a vida de adulto e acadêmica tenham me tirado muito perto de vocês, saibam que vocês são essenciais na minha vida.

À minha orientadora e mãe acadêmica, Ana Lúcia, que, desde a graduação me acompanha e me incentiva a ser o meu melhor, muitas vezes me mostrando que posso ser mais do que penso, me obrigando a ser melhor a cada momento.

À liga de Fenomenologia da Unicap, me orgulho em fazer parte deste trabalho lindo, e, o tanto que dou de mim para a existência da Liga, tanto mais me é dado por vocês a cada aula e supervisão, é a partir de vocês que pude me descobrir enquanto professor, obrigado!

Aos colegas de mestrado, obrigado pelo companheirismo, e digo, nossa caminhada não se encerra aqui, é apenas mais uma etapa de algo muito maior.

À banca examinadora, professor Biu e professora Elcimar, que desde a minha qualificação conseguem ver uma potência na minha escrita que nem eu mesmo tenho dimensão, obrigado por estarem presentes neste momento tão importante da minha vida.

Ao colegiado da pós graduação de psicologia clínica da Unicap, em especial às professoras Danielle Leite, Paula Barros, Marisa Amorim, e claro, Professora Carmem Barreto, se hoje eu consigo me enxergar professor, é porque, desde à graduação, vocês, a partir de seu fazer, me despertaram isso. E a professora Cida Craveiro, foram suas aulas que me trouxeram a uma realidade vivida, porém não enxergada, minha admiração por você e as outras professora citadas não tem dimensão. Obrigado!

À CAPES, que, a partir da concessão da bolsa de mestrado, me permitiu dar esse passo imenso em minha caminhada acadêmica. Espero estar deixando algo valioso para aqueles que virão.

Aos colaboradores da pesquisa e a todos os jovens pretos que lutam dia a dia para conquistar esse mundão. Eu sou apenas mais um rapaz latino-americano, que vai tentando ganhar a vida, como qualquer outro mano, a minha vitória é nossa.

Ao Sabotage, Ao Chico, ao 2Pac, aos Racionais, ao BK', ao Djonga, ao César, AO DK, ao Emicida, ao Marechal, ao Inquérito, ao Brazza, ao Baco, ao Projota, ao Rapadura, Ao Marcelo Falcão, Ao Chester Bennington, se eu escrevo, é porque vocês me inspiram, e, com certeza estão comigo, dia a dia.

## RESUMO

A presente dissertação tentou responder a seguinte questão: poderia o *rap* ser compreendido como expressão de subjetividades e ser utilizado como uma ferramenta de ação clínica e promoção de saúde em uma perspectiva de clínica ampliada? e, como objetivo que norteia nosso estudo, cartografar os processos de subjetivação do jovem de periferia, a partir do *rap*, e analisar as possibilidades oferecidas por este dispositivo enquanto expressão cultural e possibilidade de ação clínica. Os caminhos trilhados para seguir tal objetivo foram: caracterizar a periferia enquanto território e este jovem que a habita, questionando o lugar que estes ocupam na sociedade; propiciar um espaço de escuta para a expressão dos sentidos encontrados através do uso do gênero musical *rap*; e analisar, a partir dos caminhos do *rap*, como podem se configurar enquanto modalidade de ação clínica. Buscamos mapear as ideias do *rap*, como e onde veio, suas origens, o movimento *hip-hop* e sua importância para a população negra e periférica que o consome e do qual faz parte. No campo da Psicologia Clínica, buscamos conceituar uma psicologia “clássica”, com um fazer eurocentrado para, a partir dele, trazer um contraponto com a necessidade e emergência de um olhar decolonial e interseccional para a psicologia clínica. A pesquisa-intervenção foi realizada utilizando como caminho metódico a abordagem cartográfica; o campo foi realizado no território-rua (territórios periféricos), adotando-se o diário de bordo para registro das participações em edições da Batalha da Escadaria, importante batalha de rima, tombada como patrimônio imaterial da cidade do Recife, bem como entrevistas-conversas com Mc’s que fazem parte da Batalha da Escadaria, A partir das entrevistas-conversas, chegamos a alguns eixos centrais, foram eles: O Racismo e a Estigmatização do Rap: Resistência, Identidade e Subjetividade Negra; A Construção da Subjetividade Negra e o Rap como Espaço de Afirmação; Persistência Feminina e o Lugar da Mulher no Rap; e O Rap como Educação e Produção de Conhecimento Marginal. A partir destes pontos, pudemos observar a dimensão de denúncia e resistência, além da dimensão educativa do rap, como também caracterizá-lo como uma ferramenta de ação clínica e promoção de saúde, em uma compreensão de clínica ampliada. O rap se mostrou como um vetor de forças que permite aos jovens de periferia quebrar estigmas e abrir caminho para novas compreensões da própria existência, e meio de diversos processos de subjetivação, buscando mais do que aquilo que nos é empurrado por uma sociedade excludente e necropolítica para com a juventude e a população negra.

**Palavras-chave:** rap; juventude; periferia; subjetividade; cartografia; clínica ampliada.

## ABSTRACT

This dissertation sought to answer the following question: Could rap be understood as an expression of subjectivities and used as a tool for clinical action and health promotion from the perspective of an expanded clinic? Guided by this question, the main objective of our study was to map the subjectivation processes of young people from the periphery through rap and to analyze the possibilities offered by this device as a cultural expression and a potential for clinical action. The paths followed to achieve this objective included: characterizing the periphery as a territory and the young individuals who inhabit it, questioning the place they occupy in society; providing a space for listening to the meanings expressed through the use of rap as a musical genre; and analyzing, through the paths of rap, how it can be configured as a modality of clinical action. We aimed to map the ideas of rap—how and where it originated, its roots, the hip-hop movement, and its importance to the Black and peripheral population that both consumes it and is part of it. In the field of Clinical Psychology, we sought to conceptualize a “classical” psychology with a Eurocentric framework, in order to contrast it with the need and urgency for a decolonial and intersectional perspective in clinical psychology. The intervention-research was carried out using the cartographic approach as its methodological path. The fieldwork took place in the “street territory” (peripheral areas), using a field journal to record participation in editions of Batalha da Escadaria—an important freestyle rap battle recognized as intangible cultural heritage of the city of Recife—as well as through interview-conversations with MCs who take part in Batalha da Escadaria. From these interview-conversations, we identified several central themes: Racism and the Stigmatization of Rap; Resistance, Identity, and Black Subjectivity; The Construction of Black Subjectivity and Rap as a Space of Affirmation; Female Persistence and the Role of Women in Rap; and Rap as Education and the Production of Marginal Knowledge. Based on these points, we were able to observe rap’s role as a tool for denunciation and resistance, as well as its educational dimension. Furthermore, we were able to characterize it as a tool for clinical action and health promotion within an expanded understanding of clinical practice. Rap emerged as a force vector that allows young people from the periphery to break stigmas and open pathways for new understandings of their own existence. It acts as a medium for various processes of subjectivation, seeking more than what is imposed upon them by an exclusionary and necropolitical society toward youth and the Black population.

**Keywords:** rap; youth; periphery; subjectivity; cartography; expanded clinical practice.

## RESUMEN

La presente disertación buscó responder a la siguiente pregunta: ¿podría el rap ser comprendido como una expresión de subjetividades y ser utilizado como una herramienta de acción clínica y de promoción de la salud desde una perspectiva de clínica ampliada? Como objetivo que orienta nuestro estudio, nos propusimos cartografiar los procesos de subjetivación de los jóvenes de la periferia a partir del rap y analizar las posibilidades que ofrece este dispositivo como expresión cultural y como posibilidad de acción clínica. Los caminos recorridos para alcanzar dicho objetivo fueron: caracterizar la periferia como territorio y a los jóvenes que la habitan, cuestionando el lugar que ocupan en la sociedad; propiciar un espacio de escucha para la expresión de los sentidos encontrados a través del uso del género musical rap; y analizar, a partir de los recorridos del rap, cómo puede configurarse como una modalidad de acción clínica. Buscamos mapear las ideas del rap: cómo y dónde surgió, sus orígenes, el movimiento hip-hop y su importancia para la población negra y periférica que lo consume y de la cual forma parte. En el campo de la Psicología Clínica, nos propusimos conceptualizar una psicología “clásica”, con una práctica eurocentrada, para a partir de ella traer un contrapunto con la necesidad y la urgencia de una mirada decolonial e interseccional para la psicología clínica. La investigación-intervención se llevó a cabo utilizando como camino metodológico el enfoque cartográfico. El trabajo de campo se realizó en el territorio-calle (territorios periféricos), adoptándose el diario de campo como instrumento de registro de la participación en ediciones de la Batalha da Escadaria, una importante batalla de freestyle reconocida como patrimonio inmaterial de la ciudad de Recife, así como entrevistas-conversaciones con MCs que forman parte de dicha batalla. A partir de las entrevistas-conversaciones, identificamos algunos ejes centrales: El Racismo y la Estigmatización del Rap: Resistencia, Identidad y Subjetividad Negra; La Construcción de la Subjetividad Negra y el Rap como Espacio de Afirmación; La Persistencia Femenina y el Lugar de la Mujer en el Rap; y El Rap como Educación y Producción de Conocimiento Marginal. Desde estos puntos, pudimos observar la dimensión de denuncia y resistencia, además de la dimensión educativa del rap. Asimismo, fue posible caracterizarlo como una herramienta de acción clínica y de promoción de la salud dentro de una comprensión de clínica ampliada. El rap se mostró como un vector de fuerzas que permite a los jóvenes de la periferia romper estigmas y abrir caminos hacia nuevas comprensiones de su propia existencia, siendo medio de diversos procesos de subjetivación que buscan ir más allá de lo que una sociedad excluyente y necropolítica impone a la juventud y a la población negra.

**Palabras clave:** rap; juventud; periferia; subjetividad; cartografía; clínica ampliada.

## LISTA DE SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

DJ – Disk Jockey (Disco-Jóquei)

MC – Master of Cerimonies (Mestre de Cerimônias)

RAP - Rhythm and Poetry (Ritmo e Poesia)

## LISTA DE QUADROS

1. Descritores: Rap AND Subjetividade
2. Descritores: Hip-hop AND Subjetividade.
3. Descritores: Rap AND Juventude
4. Descritores: Hip-hop AND Juventude
5. Descritores: Rap AND Periferia
6. Descritores: Rap AND Psicologia
7. Descritores: Hip-hop AND Psicologia
8. Descritores: Rap AND Cartografia
9. Descritores: Hip-Hop AND Cartografia
10. Lista de Colaboradores da Pesquisa

## SUMÁRIO

<b>1. LANÇANDO A BATIDA E APRESENTANDO O DJ .....</b>	<b>12</b>
<b>2. PRIMEIRO AS RAÍZES, COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI? .....</b>	<b>19</b>
2.1 A Periferia de fato: O nascimento das favelas no Brasil .....	22
2.2 A partir das favelas, a semente do grito: O surgimento do hip-hop e do rap.....	27
2.3 O território fértil da periferia: o jovem subalternizado e seus processos subjetivos .....	34
<b>3. ESTADO DA ARTE: OS CAMINHOS DA PSICOLOGIA E SUAS REFLEXÕES JUNTO AO JOVEM DE PERIFERIA E SUA ARTE.....</b>	<b>42</b>
<b>4. O RAP COMO POSSIBILIDADE DE CLÍNICA AMPLIADA.....</b>	<b>71</b>
4.1 A noção de Clínica ampliada e o rap enquanto possibilidade de ação clínica e promoção de saúde.....	76
<b>5. A NECESSIDADE DE UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL E INTERSECCIONAL DA SOCIEDADE .....</b>	<b>86</b>
<b>6. HÓDOS-METÁ: A RUA É O CAMPO, UM CAMINHAR POSSÍVEL .....</b>	<b>93</b>
<b>7. “LICENÇA PRA CHEGAR” – O CAMPO E SUA COLHEITA .....</b>	<b>99</b>
7.1 O Racismo e a Estigmatização do Rap: Resistência, Identidade e Subjetividade Negra .....	100
7.2 A Construção da Subjetividade Negra e o Rap como Espaço de Afirmação .....	107
7.3 Persistência Feminina e o Lugar da Mulher no Rap .....	115
7.4 O Rap como Educação e Produção de Conhecimento Marginal .....	121
<b>8. CONCLUSÕES E INCONCLUSÕES: O RAP COMO FERRAMENTA DE AÇÃO CLÍNICA E DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL .....</b>	<b>126</b>
<b>9. CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>131</b>
<b>10. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>133</b>

## 1 LANÇANDO A BATIDA E APRESENTANDO O DJ

O que nos move a permanecer no campo da pesquisa em psicologia? O que nos move a buscar compreender a ação de um ser ou uma coletividade através de uma ação ou conceito? Acredito que a psicologia, mais do que outras ciências humanas, nos permite olhar para a sociedade tanto quanto para o indivíduo por diversas óticas.

Várias são as provocações que podem nos mover a pesquisar e, a partir das possibilidades que a psicologia nos oferece, iniciarmos este trabalho buscando compreender um coletivo e os processos subjetivos singulares que constituem determinada coletividade.

Sou um jovem negro periférico que em minha existência vivi, vivo e convivo com jovens que habitam territórios periféricos. Muitos seguiram caminhos acadêmicos em suas especificidades, outros não tiveram oportunidade para tal; logo, são diversas as realidades e modos de existir que habitam o meu entorno. Foi a partir dessa realidade que emergiu a inquietação em debruçar-me sobre a temática aqui trabalhada, algo que dialogue com o meio em que habito.

Foi percorrido um longo caminho para chegar à construção deste estudo, caminho que ainda está em curso e que não pretendo parar por aqui. Desde a graduação é uma temática que busco cada vez mais compreender e questionar, abrangendo mais e mais campos de estudos para pô-los em diálogo com a psicologia, com o intuito de colaborar para a construção de uma psicologia que dialogue com algumas das muitas realidades da sociedade brasileira.

A graduação em psicologia me despertou questões que até então estavam silenciadas em mim, por mais que já me inquietassem desde outros tempos. Questões como raça, o lugar que ocupo na sociedade, como a sociedade enxerga um homem negro, o peso de pertencer a uma família não abastada financeiramente e as entrelinhas e conexões suscitadas por tais questões.

E na construção da monografia fui questionado pela professora da disciplina sobre o que eu queria escrever, o que poderia traduzir os meus 5 anos de estudo e preparo na graduação? Como colocar em um texto minhas inquietações frente à psicologia que aprendi e a que quero exercer? E hoje vejo que as respostas para tais questões me motivaram a chegar até aqui e continuarão em minha trajetória, tentando sempre sedimentar a psicologia na qual acredito ser o caminho.

Eu, como homem negro, como um jovem psicólogo em formação em plena pandemia do Covid-19, busquei algo que fizesse sentido para mim naquele momento e o que surgiu desses

questionamentos foi justamente o *rap*. Preso dentro de casa, em um mundo que cada vez mais se constituía a partir do excesso de informações, vi um refúgio na leitura e na música.

As leituras para a escrita da minha monografia naquele momento, artistas que lançaram álbuns no contexto da pandemia, que me permitiram, a partir deles, tentar entender o que estava acontecendo ali, me ajudaram a me manter bem durante aquele isolamento. Basicamente, os exercícios de ouvir músicas e de leitura foram o que me mantiveram são, além de me permitirem dar um salto qualitativo nos estudos, pois, não só ouvi tais músicas, como as trabalhei no fechamento da minha graduação. Era uma realidade singular vivenciada que tomava forma como trabalho acadêmico, permitindo que as coisas fizessem sentido.

Ouvindo *rappers* como Djonga, BK, Emicida, Renan Inquérito, Fábio Brazza, refletindo sobre suas inquietações em relação ao mundo, à existência, à nossa sociedade, injustiças sobre a vida ou falta dela, foi a partir daí que escolhi a arte como caminho para responder às inquietações propostas pela minha professora.

A partir dessas inquietações e experiência, a monografia que construí na graduação foi nomeada da seguinte forma: “Falando alto para sermos gigantes”: dando vez e voz à existência do jovem de periferia através do *rap*. O trecho citado foi retirado da música Gigantes, do *rapper* BK, de álbum do mesmo nome. O pré-projeto submetido à vaga do mestrado intitulou-se: “A continuação de um sonho”: do sofrimento à criatividade do jovem de periferia pelos trilhos do *rap*, agora transformado na temática desta dissertação. O trecho em questão também foi retirado de uma música do já citado BK, música do mesmo nome, do álbum *Icarus*.

Importa ressaltar que não estamos abordando arte enquanto Arteterapia, mas arte enquanto expressão cultural e subjetiva de um povo, de uma sociedade, de uma chamada minoria da população, que constitui a maioria na sociedade, que é lançada para as margens, literal e figurativamente falando, é silenciada e considerada como uma minoria sem direitos. É esta arte abordada aqui, traduzida nas linhas de vários *rap's* como grito e expressão de criatividade e subjetividades de um povo há tanto tempo não ouvido e deixado de lado.

Mais à frente, aprofundamos questões ligadas ao *rap*, território periférico, como também abordaremos alguns elementos da clínica ampliada, referências essenciais para o desenvolvimento deste trabalho de dissertação e que, também, justificam a não utilização de Arteterapia, mas, como já dito, a compreensão da arte como ferramenta para construções subjetivas heterogêneas. Entendemos que a partir de um olhar transversalizado é possível compreender as diversas dimensões que permitem construções subjetivas do estudo em questão. A arte, a partir do *rap*, é uma ferramenta heterogênea que permite trocas e construções diversas dentro de um território.

Mesmo me colocando como pesquisador, falar do *rap* e de sua importância na existência dos jovens periféricos, é falar também da minha vida, pois muitas vezes foi através da música que pude expressar meus sentimentos. E, a partir disso, também passando a escrever pequenas poesias, traduzindo em uma folha o que a garganta não conseguia dizer, entendi o retrato e o lugar do *rap* e toda cultura *hip-hop* como potencializadora de vivências e experiências para todos aqueles que sempre escutaram que “isso aqui não é lugar para gente preta”.

E foi com essas questões que passei a trabalhar, foram elas meu ponto de partida, lugar que hoje ocupo com orgulho e que, constantemente, é posto em questionamento, ressignificado, atualizado frente às diversas batalhas que diariamente travo para me entender enquanto homem negro e psicólogo.

E, se em minha monografia trabalhamos com músicas, por diversos motivos, tais como tempo, pandemia, implicações éticas, nesta dissertação buscamos dialogar com quem vive a cultura *hip-hop*, com quem vive o *rap*, quem o toma como lugar para expressão de seus processos subjetivos, ou seja, os jovens.

Contudo, mesmo tendo vencido a corrida pela bolsa de estudos, o que teoricamente permitiria dedicar-me exclusivamente à construção da pesquisa, isto não me impede de a cada passo, a cada dia que se passa, eu me fazer questionamentos como: quem sou eu para pesquisar isso? Quem sou eu para querer falar do *rap*? Quem sou eu para assumir um lugar de acadêmico no espaço da rua? Tenho certeza de que são questões que me habitarão até depois da conclusão dos estudos e pesquisas que pretendo fazer.

Talvez seja uma postura de homem negro, que desde a infância sempre foi desacreditado, não era posto entre os mais bonitos da turma, sempre era deixado de lado e alvo de piadas e brincadeiras que, só hoje, muitos anos após o fim do ensino médio, entendo como sendo altamente racistas e infelizes. Mas o Paulo de 14 anos não tinha noção do que eram essas coisas.

Assumindo a postura de cartógrafo, proposta por Passos (2015), a partir dos estudos de Deleuze e Guattari (1995), dou início à minha experiência de vida como ponto de partida e caminho até o presente estudo.

Eu nunca fui um jovem de favela, dito “favelado”, “marginal”, pois nunca residi propriamente nas comunidades que comumente conhecemos por favela. Mas sempre morei no subúrbio da cidade do Recife, na periferia, não dentro das favelas, mas em um bairro periférico, e que naturalmente me fez ter amizades de dentro das favelas, conviver com esta realidade constantemente, o que me aproximou mais desses jovens e de suas vivências, o que seria

diferente se eu residisse, por exemplo, em um prédio ou condomínio locado em uma área de classe média da cidade.

Esta diferença de realidades foi por mim vivenciada no início da graduação. Estudei em uma instituição privada com maioria do alunado formado por pessoas brancas de classe média, o que, para mim, era uma nova realidade, um lugar no qual eu pouco via semelhantes. No primeiro ano isso se tornou uma barreira, tanto que só consegui fazer amizades, me aproximar de pessoas, a partir do segundo ano de graduação, no qual fui para outras turmas e “coincidentalmente” me aproximei de pessoas com uma realidade social parecida, que estavam no espaço da universidade como bolsistas.

O que exemplifica muito bem isto é uma ponte. No meu bairro existe uma ponte conhecida como “Ponte da Amizade”, que liga o bairro da Iputinga, onde moro, com o bairro vizinho de Apipucos. E, como dizem os “Racionais MC’s”, “Da ponte pra cá” a história se configura diferente, pois a ponte daqui partia da favela, havendo bastante palafitas no entorno da ponte. E, ao atravessar, encontramos um novo mundo, um bairro residencial de prédios e mais prédios, uma realidade totalmente oposta ao outro lado da ponte.

Então, por mais que eu não fosse da favela propriamente dita, toda minha infância e adolescência foi convivendo nesses espaços. Assim, falar da periferia, falar das comunidades, é falar de minhas vivências também.

Além do que, mesmo nunca tendo passado fome, todos na minha família trabalharam e trabalham muito para isso não acontecer. Minha bisavó, nascida em 1920, casou-se e veio para a capital aos 19 anos. Em 1939, ficando viúva aos 39 anos e tendo que cuidar sozinha, na capital, de 8 filhos, 6 mulheres e 2 homens, todos tiveram que trabalhar desde cedo para que não faltasse comida na mesa.

Minha bisavó faleceu em 2010 aos 90 anos, a voz fica até embargada, a garganta arranha ao escrever tudo isto e me lembrar dela, pois foi e é o maior exemplo de vencedora que conheci em vida. Muito antes de o feminismo negro se tornar área de estudos, ele foi vivido na pele pelas mulheres da minha família, logo, por mais que o conceito não seja abordado diretamente nestas linhas, ele sempre estará presente enquanto postura de vida.

Tenho uma boa relação com meu pai, sempre foi presente em minha vida, mas ele e minha mãe nunca se casaram, fui criado em uma casa por diversas mulheres, bisavó, avó, tias, mãe, o que me permitiu delicadeza e, ao mesmo tempo, firmeza para guiar a vida. Sou o primeiro da família a concluir uma graduação, o primeiro a chegar em uma pós-graduação, então, para cada linha que escrevo aqui, foram necessários muito suor e lágrimas.

Tudo isso faz com que minha escrita carregue um peso enorme, o peso da escravização dos meus ancestrais, o peso da luta e suor das mulheres da minha família, o peso dos meus iguais que ainda não têm acesso a uma universidade. Minha escrita carrega o peso de dizer a esses que sim, vocês também podem!

Em meio ao que foi apresentado sobre minha biografia, chegamos ao momento presente, momento no qual chego à arte por meio do *rap* como ferramenta para dar conta de meus anseios e dúvidas, como também ferramenta motivadora de sonhos e desejos. Parto da indagação norteadora desse trabalho: **poderia o *rap* ser compreendido como expressão de subjetividades e ser utilizado como uma ferramenta de ação clínica e promoção de saúde em uma compreensão de clínica ampliada?**

Para tanto, elegemos como objetivo geral cartografar os processos de subjetivação do jovem de periferia, a partir do *rap*, e analisar as possibilidades oferecidas por este dispositivo enquanto expressão cultural e possibilidade de ação clínica.

E como objetivos específicos, pretendemos: caracterizar a periferia enquanto território e este jovem que a habita, questionando o lugar que estes ocupam na sociedade; propiciar um espaço de escuta para a expressão dos sentidos encontrados através do uso do gênero musical *rap*; e analisar, a partir dos caminhos do *rap*, como podem se configurar enquanto modalidade de ação clínica.

O caminho escolhido para tentar responder a esta indagação é justamente nos trilhos do *rap*, inserido na cultura *hip-hop*. O espaço escolhido é o das batalhas de rima, *freestyle*. As batalhas de rima surgiram e foram se proliferando junto ao *rap* e toda a cultura *hip-hop* (os quais iremos aprofundar nos capítulos seguintes), e são o espaço ideal para encontrar pessoas inseridas no mundo do *rap* que nos ajudem com nossos questionamentos.

Desse modo, pensamos a construção desta dissertação como um *rap*, no qual eu me coloco como o *MC*, mestre de cerimônias que vai dar vida a esse *beat* (batida) que é a pesquisa em si, sendo minha orientadora a *DJ* que guiará esta batida, e os colaboradores da pesquisa farão o *feat* (parceria, colaboração) que constituirão este som.

A partir dessa formação, pensamos a estrutura não em capítulos, mas como estrofes que compõem o som, e cada subcapítulo sendo os versos, o *rap* como uma poesia, cujos versos e estrofes estarão juntos compondo esta obra. Anseio que, ao final da leitura, a caminhada nesse percurso e sua chegada nos deixem imbricados com as respostas que procuramos encontrar, por certo com mais perguntas que surgirão neste trajeto.

A **primeira estrofe** e os primeiros versos são estes, no qual estamos sedimentando o que virá a seguir em nossa canção. Uma introdução potente que sirva para transmitir um pouco da força que buscamos ter nesta construção.

Na **segunda estrofe** pensamos em adentrar na periferia, espaço no qual estamos a habitar e dialogar, desenvolvendo o conceito de periferia enquanto território (Santos, 1999), um território existencial (Guattari, 2012), vivo e pulsante, um espaço além de apenas físico, recheado de vida e criatividade. Nos versos seguintes, trabalharemos mais a fundo a ideia do *rap*, como e onde veio a surgir, suas origens, o movimento *hip-hop* e sua importância para a população negra e periférica que o consome e do qual faz parte.

Ainda nesta estrofe, nos versos finais, abordaremos a construção do jovem que habita este território existencial, dialogando a partir do conceito de subjetividade proposto por Guattari e Rolnik (1996), e do conceito de subalternidade (Spivak, 2010), buscando compreender seu lugar na sociedade.

Na **terceira estrofe** realizaremos o estado da arte, buscando, na literatura disponível, estudos que possam dialogar com a compreensão do *rap* e periferia nos campos da psicologia para além do seu espaço social, em seu campo clínico. Quem fez e como fez tal diálogo, ou então a falta deste, se for o caso.

Na **quarta estrofe** pretendemos problematizar, a partir do que foi apresentado, o lugar da psicologia nisso tudo? Pretendemos trazer à pauta Luís Claudio Figueiredo (2007), Gilberto Safra e a dimensão do cuidado para estes autores, para sedimentar nossa construção no campo da psicologia clínica. Ainda nesta estrofe, abordaremos um dos pontos principais do texto, que é a proposta do *rap* enquanto uma possibilidade de ação clínica e promoção de saúde, como clínica ampliada, colocando sob questão a matriz eurocêntrica da psicologia.

Na **quinta estrofe** colocaremos em foco a conceituação teórica, essencial para a continuidade dessa canção. Nesse campo faremos um *sample* com outros autores, como Fanon e seu importante conceito da Sociogenese (2008), Mbembe e Necropolítica (2021), Patricia Hill Collins (2023) e Carla Akotirene (2019) trabalhando a interseccionalidade, as discussões de Grada Kilomba em sua obra “Memórias de Plantação” (2020) e diversos autores trabalhando a partir da perspectiva decolonial.

A partir dessa grade conceitual, procuraremos refletir sobre a possibilidade de ação clínica e promoção de saúde por meio do *rap*.

Na **sexta estrofe** pensamos em uma metodologia possível, a partir da introdução da cartografia como caminho a trilhar em nossa pesquisa, apresentando os conceitos propostos por Deleuze e Guattari a partir do olhar de Passos et. al. (2015). Adiante, introduziremos os *MC's*



## 2 PRIMEIRO AS RAÍZES, COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

Para chegar no rap e em sua importância, é preciso entender suas causas e motivos, seus caminhos, as condições que permitiram que este surgisse no seu tempo e na sua forma, sua origem para que nascesse e crescesse como tal. Para dar conta dessas questões faz-se necessária uma pequena recapitulação histórica do nosso Brasil, para tentar compreender como chegamos até aqui e os atravessamentos que fizeram com que fosse da forma que foi, o rap, a periferia, enfim, a vivência negra.

O hip-hop surge, inicialmente, nos guetos do Bronx, em Nova Iorque, e chega ao Brasil também pelas e para as ruas, pois é uma linguagem daqueles que não tinham lugar ou formação para liberarem sua criatividade. Então a rua foi tal local. Dialogando também com as ruas, com os diversos guetos pelo mundo que compartilhavam das mazelas e precariedades vividas por aqueles, era uma linguagem traduzida e entendida por muitos, pois falava de algo que, com suas semelhanças e algumas diferenças, todos nas ruas, nas periferias, viviam tal realidade.

Entretanto, não há como falar sobre o rap, o hip-hop, ou qualquer outro recorte que advém da cultura negra, sem fazer um mínimo percurso histórico. Daí o questionamento: como chegamos aqui? O que aconteceu na história do Brasil para permitir o surgimento do rap da forma que este surgiu, com suas reverberações e desdobramentos e o que o tornaram como ele se constitui hoje?

Não vamos aqui fazer uma aula de história recapitulando os acontecimentos do que hoje conhecemos como Brasil, mas buscamos nos ater às intensidades, às fissuras causadas por tais acontecimentos, este é o ponto de partida para dialogar a partir dos dizeres do rap.

Falar sobre a invasão dessas terras, falar sobre o Brasil colônia, falar sobre a escravidão e o tráfico de escravizados, falar sobre o extermínio dos povos originários, por si só já é algo complexo. Contudo, buscamos refletir um pouco a partir das afetações advindas de tais acontecimentos que ainda hoje são e causam fissuras na história dos povos que sofreram tais violências.

Segundo Santos (2017, p. 144), ainda que muitos desses africanos escravizados tenham conseguido refazer suas vidas na América, os milhões de seres humanos que foram violentamente retirados de suas sociedades de origem não deixam dúvidas de que o tráfico

transatlântico de africanos escravizados foi um dos maiores crimes cometidos contra a humanidade. E até hoje nós vemos, diariamente, o retrato dessa realidade, haja vista que a maioria da população carcerária se encontra na faixa da pobreza extrema e, mais literalmente, é a população negra a mais criminalizada pela sociedade, incidindo em maior número pela população de rua.

A colonização latino americana dizimou as diversas populações indígenas pelo continente, acabou quase que em sua totalidade com as formas de cultura presentes, ditando o que seria “civilizado” a partir do que vinha da cultura européia. Desse modo, ligar-se às raízes e encontrar uma ancestralidade na qual possa se inspirar se tornou (e ainda hoje o é) um desafio intrínseco às existências negras e indígenas espalhadas por todo o continente sul americano. Com isso, as diversas formas de expressões musicais e artísticas, no geral, se mostraram um importante registro dessa resistência cultural.

Segundo Hinkel e Maheirie (2018), temos acesso à compreensão da música não apenas como expressão, mas, fundamentalmente, como produção humana. Reconhecemos a necessidade de pensar o sujeito que está em contato com a música como um ser situado sócio-historicamente, que vive mediante condições objetivas e subjetivas específicas, segundo as quais realiza suas possibilidades de relação. Ou seja, a vivência colonial de toda América nos aproxima, fazendo com que as possibilidades de criatividade desses povos também sejam compartilhadas.

Como nos traz De Souza e De Castro (2022), o capitalismo periférico que se constitui na América Latina faz com que as estruturas sociais desses países sejam formadas por uma escassez dos recursos básicos de existência e domínio permanente de uma classe social sobre a outra. A violência acaba sendo um fator estrutural, norteadada pelo sistema econômico capitalista que se faz presente na cotidianidade do sujeito periférico. Sendo assim, às suas maneiras, o sofrimento nos diferentes guetos pelas Américas é também compartilhado.

Contudo, antes de tratar da periferia em si, vamos compreender como foi o surgimento dessas. Assim sendo, dialogamos a partir do período de escravidão dos povos africanos para colonização e exploração dessas terras. Pois, se hoje buscamos meios criativos para expressar nossas subjetividades, foi porque em algum momento essa foi a nossa única saída.

Segundo Arruda (2017), a cultura hip-hop tem por base as raízes africanas e jamaicanas, se desenvolvendo nos Estados Unidos e chegando ao Brasil na década de 1980. O autor faz referências aos griots, trovadores guardiões da história cultural que ensinavam arte, imersos no

folclore de canções faladas. Toda a formação das Américas teve por base a dizimação dos povos originários e a escravidão dos povos africanos, logo, não é ao acaso que toda a experiência musical e necessidade de espaço para criatividade no qual surgiu o hip-hop e seus elementos se mistura, se perde e se encontra pelas diferenças e semelhanças culturais que formam os diversos povos das Américas.

De acordo com Pimentel (1997), os latinos não vigiavam as horas de folga dos escravizados, deixando que eles desenvolvessem seus rituais, até mesmo usando os tambores (por isso no Brasil os elementos religiosos africanos foram profundamente preservados). Já os ingleses impediam qualquer manifestação dos negros, mesmo em suas horas de descanso. Assim, muito da música negra norte-americana só se desenvolveu depois que os escravizados passaram a participar dos cultos protestantes, onde podiam cantar e dançar à vontade.

Nos Estados Unidos, o uso da voz foi o que permitiu àqueles escravizados manter a conexão com sua terra e seu povo. O uso dos cantos nas lavouras eram um meio de suportar todo o sofrimento, ao mesmo passo em que os donos dos escravizados viam que estes rendiam muito mais quando estavam unidos cantando e, por tal motivo, permitiam a cantoria unida ao movimento de trabalho.

Enquanto isso, no Brasil, os donos de escravizados separavam os que falavam a mesma língua, para dificultar possíveis revoltas e fugas e o sincretismo religioso foi a janela que permitiu a manutenção de cultos e rituais de suas terras originárias.

Para De Souza e De Castro (2022), tais movimentos se articularam ao entrelace que corresponde à dança e música rimada/falada, considerando a oralidade como parte essencial das tradições afro-americanas e afro-caribenhas, como os já ditos griots, que são contadores representantes desse tipo de transmissão cultural através da fala. Então, o rap, hoje, não se diferencia das origens africanas nas Américas, no qual a fala e o canto eram os vetores de fissuras no sistema escravocrata, era o entre que permitia ao povo escravizado resistir e existir e é uma das fissuras que nos permite, hoje, também fazer tais movimentos.

Na visão de De Souza, Da Silva e Da Silva (2020), a arte como narrativa da experiência do povo negro atravessa fronteiras e descentra a unidade pretendida pelo Ocidente e suas propostas de universalização de um modo de vida fundado em premissas e valores eurocêntricos. A partir daí, observamos que quando o rap surgiu, junto a todo movimento hip-hop, ele emerge a partir de um lugar que era um não-lugar, pois não se encaixava nos padrões do que era considerado arte naquele momento (ou em qualquer outro momento da história, na

visão europeia). O rap surgiu através da fissura de uma sociedade colonial que não dava espaços para o colonizado.

Qual é a significação estética dessa orgulhosa arte de apropriação? Primeiramente, ela desafia o ideal tradicional de originalidade e autenticidade que durante tanto tempo escravizou nossa concepção de arte. [...] O modernismo, em seu compromisso com o progresso artístico e com a vanguarda, reforçou o dogma de que a novidade radical era a essência da arte. [...] A arte pós-moderna, como o rap, acaba com essa dicotomia, empregando e adotando de forma criativa sua apropriação como temática, no intuito de mostrar que empréstimo e criação não são incompatíveis. [...] Opondo-se à estética do culto devocional à obra fixa, intocável, o hip hop oferece os prazeres da arte desconstrutiva - a beleza vibrante de desmembrar obras antigas para criar outras novas, transformando o pré-fabricado e o familiar em algo diferente e estimulante (Shusterman, 1998, pg. 150).

Importante situar o uso do não-lugar no texto, cuja base vem de Gonzalez e Hasenbalg (2022). Gonzalez discute como a cultura afro-brasileira e a subjetividade negra são frequentemente marginalizadas dentro da estrutura social brasileira, sendo relegadas a uma posição de não-ser<sup>2</sup>. A partir dessa perspectiva, podemos entender o não-lugar como a condição imposta às populações negras e indígenas dentro da lógica racista e colonialista da sociedade brasileira. Esse não-lugar não se refere apenas a espaços físicos, mas a um deslocamento existencial, onde a subjetividade negra é silenciada ou apropriada de forma exotizada e despolitizada.

É através dessas fissuras da nossa sociedade que se abriu espaço para o surgimento do rap, do hip-hop, de toda música negra e todo caminho encontrado por estes para desconstruir e reconstruir suas subjetividades. E o terreno foi a periferia.

## **2.1 A Periferia de fato: O nascimento das favelas no Brasil**

Já estamos tratando sobre o rap, já estamos falando da periferia, já estamos dialogando no universo hip-hop; todavia, aqui, vamos buscar compreender um pouco mais este lugar de fissuras, o espaço da periferia que foi o terreno de fundação de diversas formas de subjetivação por aqueles que nela habitam.

Poderia ser em qualquer lugar, poderia ser a partir de qualquer vivência, poderia ter como motivação qualquer experiência, contudo, foi com a vivência do povo negro africano

---

<sup>2</sup> Ver Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2005) e Maldonado-Torres (2002), respectivamente: A colonialidade do poder, a colonialidade do ser, e Sobre a colonialidade do ser.

escravizado nas Américas, com o povo latino colonizado por europeus, com essas experiências passadas por nossos ancestrais que o solo para que surgissem os meios de expressão dessas subjetividades foi sedimentado.

Se vivemos este hoje da forma que vivemos, é porque nosso caminho foi trilhado da forma como foi trilhado e a luta ainda continua, enquanto sofrermos com as mazelas sociais estaremos buscando compreender nosso hoje a partir do que vivemos ontem para que, assim, possamos pensar em nosso amanhã.

A libertação dos escravos no final do século XIX e a grande imigração de europeus no começo do século XX foram responsáveis por uma demanda por empregos que a conjuntura socioeconômica da época não conseguia absorver. Os negros ex escravos foram libertados sem nenhuma proposta de inserção no mercado de trabalho; pelo contrário, foram colocados em situação jurídica irregular com a criação da lei de repressão à ociosidade, um mês após a promulgação da Lei Áurea. [...] Para agravar a situação, as tropas advindas do conflito de Canudos em 1897, sem local para se estabelecer na cidade do Rio de Janeiro, foram ocupar principalmente os morros, em especial o da Providência, no centro da cidade, passando a chamá-lo de Morro da Favela, alusão a um morro existente na região de Canudos. O nome “favela” acaba virando sinônimo deste modelo de moradia e outros morros ocupados passam a receber essa alcunha (Naiff e Naiff, 2005, pg. 109).

Ainda, segundo os autores Naiff e Naiff (2005), tivemos no século passado o chamado êxodo rural e regional, responsável por mais um inchaço nas metrópoles brasileiras, movimento no qual nordestinos e nortistas vieram para o “sul maravilha” em busca de oportunidades para tentar escapar da fome, da miséria e da seca, tendo, em sua maioria, se concentrado nas periferias e morros das principais metrópoles brasileiras.

Diversos foram os motivos e acontecimentos para que surgisse a periferia como território que conhecemos/vivemos hoje. Desde a “abolição<sup>3</sup>” teórica da escravatura pela Lei Áurea (pois, na prática, novos modos de subjugar um povo foram construídos), as batalhas nas diversas regiões do Brasil, os êxodos rurais, as campanhas sanitaristas, entre outras condições, fizeram com que certas populações fossem lançadas cada vez mais para as margens, para os confins da sociedade, fazendo com que aos poucos fossem surgindo as favelas no Brasil.

A visão da pobreza que era advinda de doenças, das supostas vadiagens e promiscuidades, passou a ter novo adjetivo: perigosa. Assim, a população pobre recebia mais esse estigma e seu local de moradia, que agora se constituía nas favelas, passou a ser denominado pela ordem burguesa vigente como também um lugar perigoso e que trazia ameaça à ordem social urbana. No sentido de continuar fazendo presente esse tipo de hierarquia social diante da nova configuração de cidade, o

---

<sup>3</sup> Falamos de uma abolição teórica pois, o que vemos na realidade é que a escravização da população negra continuou, com outras roupagens. A população negra ainda ocupa os piores empregos da sociedade, ainda está à margem, ainda é criminalizada e tida como inferior. De fato, a abolição foi teórica, na prática não funcionou.

discurso se pauta no processo de civilizar os indivíduos e modernizar o espaço público, o que significa conseqüentemente a territorialização da pobreza, especialmente no Rio de Janeiro, uma vez que a segregação social passa a ser construída por meio da segregação territorial (De Toledo, 2018, pg. 7).

A utilização de diversas nomenclaturas não é por acaso, periferia, favela, comunidade, periferia, diversas são as formas de nomear tais lugares, que vamos nomear aqui como território, entendendo que os diversos nomes dizem respeito a um mesmo espaço, facilitando a compreensão, mas não deixando de questionar as relações de poder a partir das diferentes nomeações desses territórios. Sendo assim, podemos utilizar quaisquer nomenclaturas apontadas, pois as entendemos como sinônimos que dizem respeito a territórios periféricos.

Como nos traz Fernandes (2009), o paradigma que caracteriza a favela é o da ausência. Dessa forma, definiu-se favela pelo que não seria ou pelo que não teria. Assim, é compreendido, em geral, como um espaço destituído de infraestrutura urbana – água, luz, esgoto, coleta de lixo; sem arruamento; globalmente miserável; sem ordem; sem lei; sem regras; sem moral. Enfim, expressão do caos.

A partir de Santana, de Freitas Silva e de Souza (2021), a mudança do termo favela por comunidade é uma forma de tentar mascarar o estigma carregado pelo uso do termo favela, enraizado sócio-histórico-culturalmente. Já “a categoria ‘comunidade’ parece evocar, tanto para os representantes do poder público quanto para os moradores diretamente atingidos pelo processo de estigmatização, uma alternativa simbólica viável”. Entretanto, a troca do termo advém de uma política que tem como paliativo a decisão de dissolver os problemas existentes apenas no âmbito discursivo.

Por todos estes fatores, foi se criando junto ao território periférico um forte estigma de lugar perigoso, um lugar à parte do resto da sociedade, um lugar onde a civilização não toca, logo, onde não se tem humanidade. Nada disso é por acaso, desumanizando os que naquele espaço habitam, fica mais fácil mantê-los à margem, mantê-los fora do círculo social; relegando a esses tudo que há de ruim na sociedade, cria-se uma mistificação acerca do território periférico, que o coloca como portador de todas as mazelas sociais e coisas ruins que caracterizam a nossa sociedade.

“As condições de espaços abarrotados são marcantes nas periferias, assim como no tempo da escravidão eram as conjunturas das senzalas. Desse modo, há uma indicação de favela como uma senzala dos tempos pós-modernos. [...] É notório que esta ocupação dá início a uma segregação socioespacial em recursos e prioridades políticas, visto que, a população que reside nessas zonas periféricas, na maioria das vezes, é pobre e de cor negra. E isso proporciona desigualdades de recursos entre estas localidades, com a preferência de infraestrutura para os centros e não para os subúrbios.” (De Santana, De Freitas Silva e De Souza, 2021, pg. 18)

Nego Bispo (2018) importante autor brasileiro, em seus escritos busca sempre trazer à reflexão o lugar que é destinado aos povos indígenas, quilombolas e negros no Brasil. A partir de seus questionamentos, intentamos compreender o contexto atual de nossa existência nos diversos territórios habitados por essas populações subalternizadas, podendo ser compreendidos até como Quilombos urbanos. Assim nos traz Nego Bispo, que, em publicações, nomeia-se Silva (2018, pg. 76):

“Do que todas essas comunidades são acusadas? De serem povos atrasados, improdutivos e sem cultura, portanto, um empecilho ao avanço e ao desenvolvimento da integridade moral, social e econômica e cultural dos colonizadores. O que podemos perceber é que essas comunidades continuam sendo atacadas pelos colonizadores que se utilizam de armas com poder de destruição ainda mais sofisticado, numa correlação de forças perversamente desigual. Só que hoje, os colonizadores, ao invés de se denominarem Império Ultramarino, denominam a sua organização de Estado Democrático de Direito e não apenas queimam, mas também inundam, implodem, trituram, soterram, reviram com suas máquinas de terraplanagem tudo aquilo que é fundamental para a existência das nossas comunidades, ou seja, os nossos territórios e todos os símbolos e significações dos nossos modos de vida.”

A partir dessas reflexões, compreendemos a multiplicidade de fatores que constituem o território periférico. De tal modo, o olhar para dialogar neste espaço também o deve ser. Parafraseando Santos (2002), a utilização do território pelo povo cria o espaço, produção unificada de duas demandas: a tecnosfera, a dimensão da materialidade, do mundo físico e dos objetos, em geral associada a demandas externas aos lugares; e a psicofera, a dimensão imaterial, dos fluxos informacionais, das ideias, crenças, paixões e ideologias, lugar da criação de valores e hábitos.

Logo, o território deve ser olhado como esse lugar de fissuras, de constantes fluxos, de mudanças, de movimento. O território é mais que seu espaço geográfico, são todas as afetações sentidas e causadas por aqueles que o habitam. São mais de 500 anos de afetações para fundar/romper sentidos e, nessa direção, devemos tentar acompanhar tais compreensões, vivas como elas são. Assim, para falar desses espaços, falamos com eles, falamos neles, e não por eles, nos colocando junto a estas populações subalternizadas e escutando suas vivências (Spivak,2018).

Ferreira Neto (2019), também busca compreender o território em sua multiplicidade, entendendo este não como um espaço fixo, inerte, mas como um espaço em permanente construção: “Ao considerarmos um território como um coletivo de agências heterogêneas, isso

nos ajudaria a pensar que nossas vidas, sentimentos, nossas epistemologias e nosso jeito de fazer pesquisa estariam atrelados à paisagem que nos compõe.” (pg. 79)

Corroborando com o olhar para o território a partir das afetações, trazemos Guattari (2012), com sua compreensão a partir dos territórios existenciais. Nos diz que “Os territórios existenciais representam espaços e processos de circulação das subjetividades das pessoas. Estes são territórios que se configuram/desconfiguram/reconfiguram a partir das possibilidades, agenciamentos e relações que as pessoas e grupos estabelecem entre si”. (pg. 34 Apud Azambuja e Ferreira Neto, 2019, p. 77)

Logo, é urgente fazer o diálogo a partir de um olhar interseccional (Collins, 2023), sendo impossível não o fazê-lo, pois, se falamos a partir dos territórios, se falamos sobre raça e suas afetações, o conceito de interseccionalidade é imprescindível para tal. Vários são os afetos constituídos/constituintes nesses espaços, variado também deve ser o olhar a partir das diversas dimensões que atravessam o território periférico: social, econômica, religiosa, racial, entre outras, dimensões que atravessam e, conseqüentemente, constituem esses lugares.

O uso deste conceito sociológico (Collins, 2023), preocupado com as interações e marcadores sociais nas vidas das minorias, possibilita observar como o privilégio e a opressão coexistem, são faces de uma mesma dimensão, constitutivos em termos de subjetividade. A depender da identidade dos indivíduos e do contexto social em que estão inseridos podem experimentar vantagem, desvantagem ou ambos ao mesmo tempo.

A periferia se constitui em um lugar que é um não-lugar, ao mesmo tempo, sendo um lugar rico de afetações, vivências, criações, construções e desconstruções, mantendo este espaço vivo e pulsando, o ressignificando a todo instante. Por Sawaya (2017, pg. 8):

A dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado. Essas subjetividades não podem ser explicadas unicamente pela determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência.

O sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas e, por conseguinte, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalternizado, sem valor, apêndice inútil da sociedade.

Dessa maneira, sedimentamos o terreno para o surgimento do rap, que vem como força motriz para gritar tantos anos de silenciamento, dor e sofrimento. Configurando-se como escape para todas as afetações guardadas, desde o genocídio dos povos originários à escravização dos povos africanos trazidos a essas terras, o esquecimento e silenciamento das diversas populações “inferiores”, a marginalização e subalternização destas e a recorrente criação da imagem desses territórios como “tudo que há de ruim em nossa sociedade”.

Em termos subjetivos, esta imagem socialmente difundida torna-se um empecilho para a construção de uma identidade negra positiva e acaba por naturalizar ações de violência social e estatal direcionada a população negra. Os/as jovens negros/as são o bode expiatório da política proibicionista criminal de drogas, do mercado letal da segurança e de uma polícia militarizada e focada no direito penal do inimigo a combater nas periferias (CFP, 2022, pg. 301).

Assim sendo, trazemos o questionamento feito por Menezes (CFP, 2022): periferia é periferia em qualquer lugar? Não para apenas problematizar, mas para apontar de onde surgiu o questionamento para tal colocação, sendo a deixa para continuarmos nosso diálogo:

Ao transformarmos o título da música do grupo Racionais Mc em uma pergunta, queremos destacar que experiências de opressão em diferentes localizações têm especificidades e a localização importa para uma política de produção de conhecimento comprometida em analisar, de modo mais preciso possível, aspectos que comprometem a transformação das condições de vida dos grupos historicamente subalternizados (CFP, 2022, pg. 298).

Diversos são os desdobramentos para as populações que buscam existir e resistir nos territórios, pois, para além do que foi instituído, ainda hoje muito se é construído para que os territórios periféricos sejam colocados como representantes de todas as mazelas sociais, mascarando o resto da sociedade. Logo, se eles são o problema, devemos resolver o problema para o bem da população civilizada, para os cidadãos de bem.

O rap surge como possibilidade, como caminho, como uma saída entre outras possíveis, um rasgo no tecido social que permitiu aos povos periféricos terem acesso a modos de subjetivação outros além dos instituídos e direcionados a essas populações.

## **2.2 A partir das favelas, a semente do grito: O surgimento do hip-hop e do rap**

Pelos fatores aqui apresentados e tantos outros desdobramentos, dos quais não conseguimos alcançar em sua totalidade, conhecemos hoje o território-periferia como ele é, rico em vivências, em criatividade, alegria, disposição; porém, excluído, subalternizado, marginalizado e, por isso, pobre em moradia, saneamento, oportunidades, em questões financeiras, enfim, posto de lado pelos que se dizem “sociedade”.

Logo, foi preciso ao povo subalternizado e silenciado, utilizar das fissuras da sociedade para fazer delas seu lugar, seu espaço, seu canto e, delas, fazer mostrar-se tantos modos de ser que por tantos séculos foram apagados constantemente das páginas da nossa história.

A presença dos saberes afrodiaspóricos no modo de viver brasileiro pode ser facilmente identificada. Basta um honesto exercício de observação que será possível percebê-la nas produções artístico-culturais (Capoeira, Maracatu, Rap, Reggae, Samba, carnaval, maculelê, jongo etc.), nas práticas religiosas (Candomblé, Umbanda, Jurema etc.) e na manipulação de alimentos (azeite de dendê, feijoada, vatapá, acarajé, pamonha, cocada etc.), nas palavras (caçula, babá, xodó, denço, quitanda, cochilo, miçanga etc.), entre outras dimensões do viver (Hinkel, da Cruz, 2023, pg. 4).

É nesse contexto que foi preciso para aqueles que habitam esses espaços buscar meios para viver para além da sobrevivência, em questões profissionais principalmente, mas, também na dimensão do lazer, diversão, vivências enquanto comunidade, cultura e sociabilidade. É nesse contexto que se tem espaço para o surgimento do hip-hop, é nesse contexto que surge o rap.

Após a abolição, a lei contra vagabundagem; o movimento higienista no início do século XX - na qual as populações com necessidade de serem higienizadas eram as parcelas mais pobres da população; a criminalização das religiões de matriz africana, em uma lógica cristã, “práticas do diabo”; o próprio surgimento das favelas, cujas ocupações eram feitas por pessoas que não tinha lugar na ‘sociedade’; a lógica manicomial, na qual, além de mulheres e inimigos políticos, muitas pessoas negras foram largadas nestes espaços por quaisquer justificativas que parecessem plausíveis, por mais absurdas que fossem, para com isso limpar as ruas das cidades.

Estes são alguns dos pontos que justificam o silenciamento e esquecimento da população negra e periférica, o que deixou ainda mais urgente a necessidade do surgimento de possibilidades de expressão dessas populações, como foi o samba, o maracatu, o repente nordestino e, mais recentemente, o rap.

A emergência de algo que permitisse a livre expressão do pensamento e das subjetividades periféricas foi e ainda é um ponto crucial, pois, atualmente, ainda falamos da

truculência e falta de preparo dos policiais por todo o território tupiniquim para com as populações subalternizadas, a falta de apoio e políticas públicas de inclusão como problemáticas impeditivas para que estas populações possam se expressar, possam existir, possam apenas ser.

Logo, não só o rap, mas as outras vertentes do hip-hop e outras expressões artísticas, sociais e culturais se fazem necessárias para dar conta da heterogeneidade das populações subalternizadas. Sim, o rap é heterogêneo, tem em si diversas vertentes, como o rap ostentação, o rap de mensagem e, mesmo assim, não abarca a multiplicidade das populações periféricas.

Um meio de denúncia social sim, um meio de resistência sim, um meio de inclusão dos excluídos sim, todavia, muito mais um campo de subjetivações, um campo de trocas, uma dimensão entre, que surgiu e se tornou lugar para o compartilhamento de vozes, antes não ouvidas, agora cantadas, rimadas aos quatro cantos.

Assim, começavam a surgir elementos associados à música, como o break, às artes visuais, como o grafite, e à moda, como o estilo único e despojado de se vestir. Desse modo, essa cultura de rua, que trava suas batalhas não só entre seus integrantes, mas também com a sociedade e com tudo aquilo que os oprime, tornou-se um meio de expressão e posicionamento social. [...] Todos os elementos do hip-hop manifestam expressões de cunho artístico e político, com posicionamentos contestadores e críticos que refletem subjetividades identitárias próprias da periferia e que expõem opressões cotidianas, como a desigualdade racial e social, o preconceito, a censura e a revolta social (Silva e Teixeira, 2021, pg. 78).

O hip-hop surge nas ruas do Bronx, em Nova Iorque, derivando dos bailes funk dos anos 1970, época das discotecas. Aqueles que comandavam a festa tinham acesso, apenas, a algumas poucas opções de discos, os que sobravam à época, ou juntavam algum dinheiro e compravam de algum artista do qual se era fã. Antes do rap, outros gêneros musicais também nasceram a partir das vivências do povo negro, como é o caso do Jazz, Blues, Rock, Soul, Reggae e Funk; e se viermos para o Brasil, o Samba, o Pagode, as origens do Repente, do Maracatu, do Forró e do Baião, tendo em comum, na sua história, a influência da população negra na criação destes.

Segundo Teperman (2014), duas ondas foram importantes para o surgimento do rap e outros estilos musicais. A primeira, como já sabido, foi a escravização dos africanos e sua vinda forçada para as Américas e, mais recentemente, a migração de povos latinos para os Estados Unidos, como os povos das ilhas caribenhas, vindos de Cuba, Porto Rico e Jamaica após a Segunda Guerra Mundial. Essas duas populações passam a dividir espaço nos guetos americanos, que seriam as periferias e favelas brasileiras e, a partir desta convivência, suas influências culturais se misturam e se entrelaçam, criando possibilidades para novas coisas

surgirem, e foi daí, dessa mistura de culturas e musicalidades, que surgiu o rap enquanto gênero musical.

A partir da utilização dos discos nas festas organizadas pelas populações dos guetos, os Dj's passaram a inovar e dar novos usos aos discos, sintetizando e repetindo pequenos trechos das músicas, como que criando músicas. Além desses desafios para os DJ's, surge um novo desafio para os Mc's que, além da improvisação que já utilizavam para levantar aqueles que frequentavam a discoteca, passaram a criar pequenas rimas para embalar tais bailes. (Teperman, 2014)

Acabamos de trazer dois elementos fundadores e fundamentais para o hip-hop, o DJ e o MC e, junto a estes, nas próprias festas que vinham crescendo exponencialmente em popularidade e divulgação, surge o Break, elemento da dança a partir dos B-Boys, que já dançavam e faziam suas apresentações nas festas, e o Graffiti, que vem a ser o elemento artístico visual. Foram estes os quatro elementos e pilares do movimento hip-hop, que foi crescendo pelas margens, até tomar completamente as ruas dos Estados Unidos nos anos 1970/80, chegando no Brasil entre os anos 1980/90.

De qualquer modo, aquela dança de rua tornou-se algo além de simples arte, passando a ter um significado social: ela ajudava a manter os jovens longe da marginalidade, [...] quando os jovens do Hip-Hop se reúnem para ver quem dança, desenha, compõe, canta melhor, ou é o DJ mais habilidoso, vemos o coração do movimento, pois essa competição é algo positivo ao incentivar uma atitude constante de criação e de invenção a partir de recursos bastante limitados (Pimentel, 1997, pg. 9).

Trazendo para a reflexão, além de o rap se tornar esse espaço de vivências, tirando muitos jovens do caminho do tráfico e marginalidade, ele permitiu também a busca por inclusão em uma sociedade que não os incluía, passando a fazer parte de uma cultura e vivências próprias. Dessa forma, ao invés de querer se encaixar no que a sociedade colonial trata como norma e padrão, cria-se uma norma e padrão fora de normas e padrões ditados por esta cultura, propiciando, ainda, identificação do negro com o próprio negro, potencializando fissuras e permitindo a criação de territórios existenciais dentro dos espaços subalternizados e excluídos.

Para além dos quatro elementos difundidos, há ainda diversos pormenores que vão constituindo a cultura hip-hop, como o conhecimento, tido como quinto elemento, além de outros pontos. Seja a estética dos que a compõem, pelo seu modo de vestir e falar, pelos adereços que utilizam, seja pelos seus caminhos de existência, que têm pela arte, além de meio de criatividade e diversão ou denúncia e resistência, a escolha de tal contexto para também ser sua realidade profissional e caminho para subsistência.

“O conhecimento está presente em todos os elementos que compõem o hip-hop. Contudo, devido a sua importância, passou a ser considerado como quinto elemento. Trata-se do reconhecimento da experiência de cada integrante e da própria vivência da rua transmitidas aos demais, geralmente por meio das letras de rap e militâncias.” (Silva e Teixeira, 2021, pg. 79)

O que começou como uma dança, o hip-hop (mexer os quadris) ganhou contornos existenciais significativos e não pensados previamente, tornando o território habitado pelo rap um lugar de pertencimento, trocas, enraizamento, possibilidades, criatividade, enfim, um lugar que permitiu a possibilidade de expressão de subjetividades.

Ainda há muitas críticas ao rap, como apologia ao crime, incentivo à violência e sexualização, entre alguns outros, contudo, muitas dessas críticas são feitas por justamente o rap fazer uso de uma linguagem informal, não culta; logo, aqueles que ainda se acham superiores por fazer parte de um certo grupo da sociedade, apontam aqueles que se colocam como tal. Até a própria ostentação, utilizar e falar sobre roupas e itens de grife quando se vem da favela, incomoda, seja pela contradição, de antes ser pobre e muitos poderem, agora, ostentar, visto que muitos desses passaram a ter lugar de destaque.

O povo negro vai lutando contra o sistema dentro do próprio sistema. Como coloca Shusterman (1998):

Assim como os negros, ao serem escravizados, eram transformados de seres humanos independentes em propriedade, também sua maneira de reconquistar a independência era adquirir propriedade suficiente para comprar sua liberdade (como na tradicional história da libertação de Frederick Douglass). Tendo sido ignorados, durante tanto tempo, pelo fato de serem propriedades, os afro-americanos concluíram, com razão, "que somente a propriedade possibilita a expressão (pg. 158).

Passar a ostentar itens de luxo, carros, roupas de marca, correntes de ouro, para além de uma estética, é uma denúncia de quem não tinha nem o que comer diariamente. A ostentação, para uns, é um meio de mostrar aos seus iguais que sim, é possível quebrar com a ideia colonial de subjugação e subalternização e vivenciar coisas outras para além de uma realidade antes cristalizada e imposta.

“Nessa pedagogia criativa de resistência e (re)existências, as contradições e ambiguidades tanto na linguagem musical quanto no estilo de vida dos rappers também se fazem presentes. Por exemplo, faz parte do imaginário popular a imagem de rappers com suas correntes de ouro e relógios caros. Mas, ao contrário do que poderia apontar, uma leitura apressada e que resultaria numa ideia de captura pelo sistema, o estilo ostentação é algo mais do que um mero assumir um estilo de vida “burguês”. Ao contrário, essa é a forma encontrada pelos rappers, oriundos da favela e do gueto, dizerem que a realidade de pobreza precisa ser superada.” (de Oliveira, Sathler e Lopes, 2020, pg. 11)

Trazendo para os dias atuais, o rap e suas vertentes é um dos gêneros mais ouvidos e compartilhados atualmente, inclusive, no mercado fonográfico é um dos que mais movimentam o lado financeiro para seus envolvidos. Como aconteceu com seus antecessores, o rap também foi absorvido pelo capitalismo e hoje, também, é um gênero mercadológico.

Podemos afirmar, então, que o rap se constituiu a partir de uma perspectiva decolonial, pois, com o espaço forjado por aqueles que o vivem, o negro pôde entender que também é cidadão, também é social, também é cultural, mesmo sem precisar se encaixar nos padrões antes impostos e tidos como única alternativa. É controverso colocar o rap como ~~fazer~~-expressão decolonial, pois este não escapa das críticas ao, em alguns momentos, acabar servindo a uma lógica de mercado. Ainda assim, continua sendo um fazer que busca romper com algumas lógicas deterministas da sociedade, sem dúvida necessitando evoluir em diversas questões de inclusão que, infelizmente, ainda perpetua, como por exemplo o machismo.

Por vezes, e não raramente, o rap cai na lógica de mercado que tanto critica desde sua fundação. A lógica capitalista também ocupa estes espaços, pois, esta faz uso daquilo que está em destaque, toma para si e o transforma em algo vendável. O rap não fica fora disso, mesmo com toda a resistência e possibilidade de existência a partir de si, em diversos momentos acaba servindo à esta lógica, o que acaba corroborando com a exclusão que tanto luta contra.

De Sousa, da Silva e da Silva (2020) questionam: Como expressar a própria vivência pautado por marcadores e signos linguísticos, estéticos, estilísticos e corporais da branquitude? Falando a partir da dimensão decolonial, o rap propõe a transformação dos nossos referenciais, produzindo reflexões no interior do próprio grupo social através do questionamento dos padrões e parâmetros dominantes e hegemônicos.

– Só no rap você consegue dar conselho pra quem está numa errada. Falando: "Você tem que parar com a droga!", o sujeito não ouve. Mas cantando, o cara decora a letra, fica com o refrão na cabeça... É o poder da música, que fala ao mesmo tempo à razão e à emoção. Esse jeito de ser dos africanos deu origem à primeira forma musical que os escravos encontraram para expressar suas emoções, nos campos de trabalho: o grito, em que o negro expunha sua revolta, sua dor, além de comunicar-se com seus irmãos, até mesmo quando tinha de passar uma mensagem secreta (Pimentel, 1997, pg. 24).

Pelos mesmos autores, compreendemos também que “quando crianças negras se veem como heróis e heroínas, um conjunto de sentidos e imaginários é mobilizado, gerando afetos e

autoestima, valorização de si e dos seus, apreço pela própria história e práticas culturais.” (De Sousa, da Silva e da Silva ,2020, pg. 13)

Pelo que apresentamos aqui, lanço o questionamento, que danado de poder é esse que o rap parece ter? Que influência é essa que traz tantas possibilidades de existência e modos de ser distintos? Não, o rap não tem poder nenhum, como também não os têm o hip-hop e todos os outros elementos que o constituem.

“Ao valorizar a livre expressão das subjetividades, o hip-hop oferece espaço às narrativas de vidas inscritas em campos onde a violência transita. Desse modo, ela pode possibilitar a mudança de rotas de vidas e de novos movimentos e posicionamentos subjetivos e políticos diante do mundo. Os discursos que circulam na cultura hip-hop indicam modos de reconhecimento mútuo e pertencimento dos jovens, atribuindo novos valores e posições no laço social. Ou seja, este modo de circulação da palavra pode romper com a lógica de humilhação social sustentada por um discurso provindo de um modelo de produção de exclusão socioeconômica.” (Imbrizi, 2019, pg. 169)

O que há de diferencial é que, a partir do Rap, do Break e do Graffiti, a existência que antes se punha e se via como cristalizada, agora enxerga que há possibilidades de existência e resistência para além do que lhe foi incansavelmente ensinado e imposto como único caminho possível, ser subalternizado e marginal até o fim.

As feridas causadas pela escravização e tantas violências na história do Brasil não vão desaparecer do dia para a noite, talvez nunca desapareçam, mas, a partir de possibilidades como o próprio caminho do Rap, podemos questionar nossa posição enquanto inferiores e buscar os espaços que são nossos também.

A partir de Fernandes, et al (2019), o hip-hop, concebido através de ações artísticas, culturais e políticas, constituiu-se como exemplo de cultura contemporânea de resistência negra, possibilitando a expressão da voz do marginalizado, do excluído, além de uma reflexão acerca daquilo que reprime as classes menos favorecidas.

O Rap é ainda um caminho que ensina, pois obriga àqueles que querem se tornar mc’s, por exemplo, a estudar e aprender a se expressar pela música, a cantar e a rimar e, por mais que muitas vezes não se deem conta, os mc’s também podem ser tratados como poetas, pois para além de tudo, o rap em diversas vertentes, ainda é recitado muito mais do que cantado.

Nas culturas orais, é comum identificar o uso de regras formulares na composição de poesias e versos. O ritmo, a métrica, a rima, as repetições, as aliterações, as assonâncias, garantem a escuta atenta e a recordação do que é ouvido, do que é narrado, de modo que a mensagem possa ser estabilizada numa expressão capaz de ser fixada pela comunidade. [...] A oralidade transforma-se em um depósito de valores e tradições que ultrapassam os limites da escrita, do registro, pois o

ensinamento não está presente no documento escrito, mas no jeito de falar, no modo de dizer, na forma como se fala, nos modos de enunciação (Fernandes, Martins e Oliveira, 2016, pg. 191).

A riqueza do discurso do rap está nos seus pormenores, nas suas entrelinhas, nas fissuras que habitam e nas quais permitem que existências possam fluir e apenas existir, para além do sobreviver costumeiro. Como diz Silva e Teixeira (2021):

“A grandeza está em não oferecer uma explicação intelectualíssima dos problemas sociais, mas em relatar, denunciar e expor sem se importar com o que os demais pensam, muito menos se preocupar em explicar ou tornar compreensíveis os assuntos abordados. É a voz da periferia falando para alguém da periferia, apesar de convocar também uma escuta que extrapola tal espaço.” (pg. 91)

### **2.3 O território fértil da periferia: o jovem subalternizado e seus processos subjetivos**

Já adentramos e intentamos fazer uma cartografia no território fértil da periferia e suas afetações. Mas como pode ser fértil em meio a tantas barreiras impostas às populações nesses espaços? Um dos caminhos possíveis que seguiremos, aqui, é que justamente por tantos obstáculos colocados, quem habita o território-rua (favelas, periferias, comunidades) busca meios diversos de fazer seus próprios caminhos, já que o que nos dão não é suficiente, nós mesmos vamos buscar conquistar.

A juventude periférica é colocada naturalmente em um lugar de marginalização, marginal para além do que está à margem, o marginal do senso comum brasileiro, aquele que é envolvido com drogas, crimes, violência e tudo de pior que nos rodeia. Logo, não se constitui como um cidadão, alguém que faz parte da sociedade e é dotado de deveres, mas também de direitos, a partir disso, se não está do lado da sociedade, está contra, ou seja, precisa ser combatido.

Segundo Takeiti e Vicentin (2019), uma modulação quase ‘padrão’ é a associação juventude-pobreza- violência, responsável pela produção de um imaginário social sobre as

juventudes como “classe perigosa”. O que coloca tudo que sai da periferia como não digno de fazer parte da sociedade, já que tudo que sai dela apresenta um risco.

Podemos observar, a partir de De Sousa e Goldmeier (2008), se dizemos que todos os estes à margem são parte da mesma sociedade que fazemos parte, estamos constatando que nós também temos responsabilidade sobre o lugar que este outro ocupa. pois:

Pouco sabemos dos nomes destes jovens que insistem em limpar os vidros de nossos carros. A dificuldade em nomeá-los talvez revele a resistência em conferir-lhes um lugar que nos leva a questionar a manutenção de um sistema que não pode prescindir dos excluídos; se tiverem nome, eles terão, ao menos, um mínimo de história, e isso os enlaça ao fluxo coletivo da cidade e os engendra nos nós que o constituem (e Sousa e Goldmeier, 2008, p. 1000).

Assumir que estes problemas sociais também fazem parte do nosso universo, é assumir que também temos culpa no cartório, é assumir também que parte da responsabilidade é nossa para buscar caminhos para resoluções possíveis. Então não, não podemos nos equiparar enquanto sociedade, não podemos nos colocar em um lugar ao lado destes outros, se há um problema, a culpa é deles que são assim, que não tem capacidade para fazer parte da nossa sociedade de forma igualitária. Uma questão tão complexa e coletiva é relegada a um lugar individualizado e comum, delegando a culpa de estar em uma posição ‘abaixo’ ao próprio indivíduo.

Acima, o uso do termo ‘indivíduo’ foi proposital, resumindo todos em um lugar individualizado, padronizado, igual a todos, vindo de um mesmo lugar, tendo as mesmas questões, os mesmos problemas, os mesmos erros, os mesmos pecados, os mesmos defeitos.

“O racismo produz discursos que procuram normalizar as diferenças entre os sujeitos, atribuindo-lhes a responsabilidade pelas desigualdades sofridas. Dessa maneira, são veiculadas normas e prescrições para a população negra, que funcionam como máquinas de agenciamento de identidades e subjetividades homogêneas, passivas e assujeitadas (Oliveira, Meneghel e Bernardes, 2009, p. 267).

A partir deste ponto, não por acaso ao chegar em terras americanas, a população africana escravizada teve suas histórias e nomes apagados, traços pessoais apagados, pois assim era mais difícil criar um senso de coletividade, também desumanizando o negro escravizado, delegando a este, a partir de agora, um lugar de coisa, objeto, pertencente a um dono, superior.

Logo, não é distante pontuar que a desumanização de populações periféricas, entre outras populações, “minorias” violentadas a partir de suas singularidades, como raça e gênero,

por exemplo, é permitida justamente por ser diferente. Eu desumanizo para poder tratar como não humano, pois dessa forma é possível agir sem culpa, pois, não é o meu igual.

E desde o período da escravização o povo encontra meios de singularizar, de ser mais que um indivíduo, de ser mais do que dizem que sou, mas de tentar ser o que realmente se quer ser, para além da posição de subalternizado que nos delegaram.

Por isso também os trilhos percorridos aqui, pelo rap, nos dão território para romper e fundar mundos, romper com tradicionalismos e individualizações, e buscar por processos subjetivos que nos singularizam, que não dizem sobre nós, mas que permitem que nós mesmos falemos de nós. Como nos traz Spivak (2011), precisamos falar com, deixar que se fale, e não falar por.

A narrativa poética é ancestral. Desde o continente passando pela diáspora e o período da escravização até os dias de hoje, a poesia é uma forma de expressão que conta a história, dá vida ao corpo e ao espírito, e isso compõe a psique do povo africano. A força da oralidade é sentida antes, durante e depois do slam, que mobiliza palavras e inspira a poesia. Inspira a escrevivência, que não apenas “incomoda sonos injustos”, mas também cria uma rede de afeto pelo compartilhamento de experiências semelhantes (Prates, Guareschi e Reis, 2021, p. 12).

Por isto trazemos que os diversos caminhos a partir do hip-hop, seja pela fala, pela linguagem corporal, pela arte expressa em telas e muros, fala das singularidades de quem as faz, mas também dialoga com tantas outras singularidades que partilham da mesma realidade. Fazer rap é conversa com um igual, fazer rap é conversar com os nossos ancestrais escravizados, fazer rap é conversar com nossos pais e avós, fazer rap é fazer poesia, fazer rap é lançar ao mundo o que não conseguimos traduzir em palavras. Ainda segundo Prates, Guareschi e Reis (2021): Por meio da poesia, conseguimos dar nome àquilo que não sabemos nomear nem dar forma em um primeiro momento, mas que já é sentido.

Todo o rap se constitui como arte, uma arte que fala para e fala com realidades, com pessoas, que fala de processos, vivências, experiências, todo o rap fala de vida.

A arte, no encontro com nosso corpo, se torna singular à medida que pode produzir em nós coisas antes não experimentadas. Ela comporta a potência de fazer diferir nossos modos de estar no mundo, através da criação e do rompimento com as prescrições que hoje enquadram nossas vidas a modelos com fronteiras tão bem demarcadas (Lacaz, Lima e Heckert, 2015, p. 63).

O território-rua é este lugar não-lugar, é tudo que foi posto à margem, é tudo que a sociedade não quis, e foi aqui também que estes marginalizados conseguiram romper com as

cristalizações de meios de subjetivação e passar a criar outros modos de subjetivar a partir do que se tinha no próprio território.

Também quando falamos a partir do lugar da arte, é também um lugar do real, não é algo que está apartado da sociedade, pelo contrário, é algo que fala dela, que dialoga, que traduz muito do que se passa e que muitas vezes não pode ser dito por aqueles que fazem parte, por não entender totalmente tudo que os rodeia.

Todo e qualquer processo artístico é produto de uma questão social, pois realiza juntamente com a política um vínculo que questiona os valores sociais e as significações dos sujeitos. A música, enquanto atividade que localiza os indivíduos em um cenário cultural e político, também pode apontar discussões sobre a mudança das estruturas sociais.” (Maheirie, 2008, p. 5).

Todas as questões sociais que aqui estão sendo discutidas fazer parte da nossa existência, é algo que já configurava o mundo ao nosso redor antes do nosso viver e, infelizmente, irá continuar mesmo após nossa partida, claro, com todas as partículas da contemporaneidade então vivida. Todavia, é no ser, no humano que ali vive que todas estas questões acabam por reverberar.

As fissuras da nossa sociedade, todas as vivências e todos os microcosmos que fizeram/fazem o que hoje chamamos por Brasil, são tragadas pelo ser, constituindo e cristalizando sua existência. Já este, embebido por tudo o que o rodeia, perspectivas de futuro ou a falta dele, o peso da realidade presente, e toda a carga do nosso passado, têm naturalizado um sobreviver, sendo roubadas as suas possibilidades de existir, o desumanizando e lançando para um lugar de constante sofrimento.

Doloroso é pensar que este projeto de desumanização de corpos, de todo um povo, foi e é um projeto consciente. Seja o massacre dos povos originários, seja a escravidão e tráfico de povos africanos, isso nada mais foi do que um negócio, no qual algumas lideranças utilizaram dessas brechas para crescer e enriquecer os seus, frente a desumanização e sofrimento de outros.

Segundo Dias (2020), é este pilar ideológico que nos constituiu enquanto sociedade latina como um todo:

O racismo é, pois, o fruto desse esquema ideológico do período colonial que será tratado aqui para que possamos entender toda a crueldade e a brutalidade que recaíram sobre o corpo negro, reproduzindo-se de forma viral ainda no tempo presente. Portanto, o racismo colonial é o pilar ideológico do colonizador, que está presente em todas as suas ações, assim como o modo com que os costumes e estética africanos foram tratados nas Américas. Um projeto político ideológico que foi reproduzido pelo Estado brasileiro por meio da política do branqueamento e da ideologia da democracia racial (Dias, 2020, p. 81).

Não ao acaso, Fanon, em sua obra mais conhecida, *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008), nos traz que a raça negra foi inaugurada nesse contexto. Nos tornaram raça para poder relegar tudo aquilo que havia de pior na própria sociedade que não queria se enxergar. O projeto colonial foi a fundação do Negro na sociedade ocidental.

Neste contexto, por mais que em grande parte do tempo não se saiba nomear, algo inexplicável cresce naqueles que compartilham tal realidade, fazendo com que revoluções sejam possíveis, ao passo em que alguém chegue nomeando o que é comum a todos.

Decerto, a violência tem cor e raço, remete-nos a uma história que começa com a diáspora do Atlântico, a partir da qual foram impostas diversas formas de inferiorização, animalização e enfraquecimento do povo de origem africana. Uma diáspora que instituiu a diferença entre raça e racismo. Este ganhou força como estratégia de dominação dessas populações negras desterradas de África, que foi sustentada por essas formas distorcidas e desumanizantes de se pensar o negro (Dias, 2020, p. 81).

Com isso, as revoluções se iniciam em cada um, até que se tornem coletivas. Como foi a partir de Rosa Parks em 1955 (Martins, 2020), o que também deu forças ao crescimento da liderança marcante de Martin Luther King; os Panteras Negras a partir de 1967 (Chaves, 2015), buscando retomar o que Malcolm X começou a partir de 1959.

Se nos voltamos ao Brasil, nas diversas esferas da sociedade, temos os exemplos de Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, Cartola, Abdias do Nascimento, Lélia Gonzales, Milton Santos, Lima Barreto, Machado de Assis, entre tantos outros.

Trago à reflexão também que, por mais que estas personalidades tenham causado um alvoroço com seus fazeres, como diz Fanon (2012), o negro ainda chega antes do ser mulher ou ser homem, logo, quando uma pessoa negra rompe com o que lhe é encaminhado naturalmente (subalternização e inferiorização), há um tremendo reboliço em seu entorno.

Trazendo para a contemporaneidade, a partir da globalização e avanço da tecnologia, mais pessoas acessam espaços e lugares que antes lhes eram negados. Tomando como exemplos dos nossos dias, Djamila Ribeiro, Deivison Faustino, Carla Akotirene, Erika Hilton, Mano Brown, Djonga, cada um em sua esfera, são figuras importantes por suas obras e por serem pessoas negras que buscam abrir os olhos dos iguais para as problemáticas que nos rodeiam.

Todas habitam seus próprios territórios, não deixando de habitar tantos outros que os entrelaçam. Podemos dialogar com Santos (2002) e Guattari (1992) para refletir em relação aos

diversos territórios, como são mais que espaços físicos, constituem-se como territórios existenciais, cheios de afetações, dotados de movimento, que falam daqueles que o habitam, mas não são estanques e, como vivos que são, estão o tempo todo sendo transformados e transformando todos neste processo.

É neste território que as juventudes fazem suas micro revoluções, é neste território que surge o hip-hop e diversas outras formas de existir, é neste território que diariamente tantos buscam meios de viver para além de sobreviver e romper com as realidades cristalizadas que nos são impostas.

Outros territórios existenciais têm se constituído a partir das histórias, das experiências, dos acontecimentos que se cruzam no espaço da periferia, especialmente no bojo dos coletivos culturais, enquanto movimentos sociais nos quais os jovens se engajam, principalmente naqueles desenvolvidos no campo das culturas ou das invenções estéticas. [...] As tecnologias de arte/cultura utilizadas por esses jovens têm sido forjadas como ferramenta de inclusão, participação, engajamento político, gestão e fruição das ações sociais e culturais locais (Takeiti e Vicentin, 2019, p. 60).

Contudo, não podemos ser idealistas e acreditar que esses processos de transformação sempre acontecem. A inclusão a que temos acesso, na maioria das vezes é excludente (Sawaia, 2017), e dificilmente rompemos com esse processo que desumaniza os corpos para os tornar uma massa não pensante, apenas seguindo a vida como nos é ensinado desde sempre.

Nesse processo, todas as problemáticas enraizadas em nossa sociedade e reverberadas em nossos corpos são minimizadas e relegadas a uma conduta individual, culpabilizando o indivíduo pelas mazelas que o afligem, deixando de lado o sofrimento causado pelos diversos embates para constituir este país (genocídio dos povos originários, tráfico e escravidão dos povos africanos), o racismo e as desigualdades sociais que nos rodeiam e nos habitam.

Tais interpelações de Fanon nos convocam a indicar que o que está em jogo no colonialismo é justamente a suspensão do pacto civilizatório para alguns sujeitos envolvidos no laço social, impondo um tratado unilateral em que à elite econômica é permitida toda sorte de expansão agressiva e obscena dirigida às classes populares. A confusão entre o pacto e a sua interdição faz parte da estratégia política para impedir as subversões vistas como, estas sim, violentas e contra a lei. O laço social perverso que se estabelece é que, embora não participe da distribuição dos bens materiais e culturais, os sujeitos devem se submeter passivamente às condições de vida impostas, naturalizando o sofrimento sociopolítico (Faustino e Rosa, 2023, p. 6).

Assim, o desafio que se apresenta é dialogar com estes que silenciaram e afundaram seus sofrimentos, individualizaram suas dores e naturalizaram um comportamento de subalternização. E é nesta esfera que surge o advento da arte em suas diferentes dimensões, é

neste espaço que surge o rap, falando para todos aqueles que sentem muito, mas não fazem ideia do que é aquilo que estão sentindo e que só cresce e se torna um peso em nossa existência.

É preciso ser dito também que o hip-hop e o rap não tem poder e força para mudar nada. O rap é apenas o escape de todos os gritos presos na garganta, é o escape para tudo que está dentro e não temos força nem tempo para dizer, é a faísca que clareia e traz à luz tanta coisa antes jogada para o mais profundo buraco existencial. Mas o rap permite este diálogo, a rap conversa com os povos, com os jovens, com aqueles que o consomem e, para muitos, por meio das tecnologias atuais, se tornou um meio de existência que permitiu romper com barreiras econômicas. O rap é só um caminho possível em meio a tantas impossibilidades.

O rap não se propõe a dar conta nem a responder todas as problemáticas da sociedade. Como apontado na pesquisa de campo e tratado em capítulos à frente, o rap ainda se configura, por vezes, como um lugar machista e de pouco espaço para mulheres, como também funciona a partir de estereótipos de masculinidade.

Portanto, o rap não dá conta de tudo e nem precisa, pois em sua proposta, a partir do seu nascimento, ele ainda é um lugar de fissuras e rachaduras na sociedade, e este ponto o torna um vetor que, para além de lidar com transformações sociais, pode ser apenas um lugar que permite vozes e existências existirem.

A importância da cultura hip-hop na formação dos jovens periféricos brasileiros, entendida como estratégia para mantê-los vivos e criativos na busca por novas formas de se posicionar no mundo. Há um apelo universal desta cultura, relacionado ao seu hibridismo, dado que inventa uma forma de comunicação entre culturas distintas por meio da criação de músicas de resistência e de protesto que clamam por liberdade e pela garantia dos direitos dos jovens (Imbrizi et al, 2019, p. 168).

Portanto, para olharmos o hip-hop como ele se constitui, para olhar para estes jovens que fazem o movimento hip-hop e de forma direta o rap, para tratar junto às populações periféricas, é impreterível termos um olhar interseccional (Collins e Bilge, 2021). Pode parecer simples, todavia não deixa de ser complexo na mesma escala, pois não podemos olhar o ser sem olhar para seu entorno, seu contexto, sua sociedade e seu tempo.

O rap e o hip-hop se fazem impreteríveis em sua existência pois, mesmo com diversas problemáticas das quais esses movimentos não escapam, como em alguns momentos servir a uma lógica de mercado, se prestar à inclusão dos diferentes e ser, ainda, um local que exclui, não dando o mesmo espaço para outros, sejam eles homens negros, brancos ou de outra etnia,

e mesmo com tantas problemáticas a serem trabalhadas e com todas as dificuldades possíveis, o rap ainda é um lugar que dá certo espaço e voz aos diferentes, aos marginalizados.

O rap, com diversos obstáculos a serem superados, mas, no que ele é e desde suas origens, ainda se constitui um espaço que busca alcançar a equidade e a inclusão dos diferentes, o que torna basilar uma compreensão interseccional deste, é justamente o espaço criado a partir das diversas compreensões de mundo e vivências, podendo-se dizer um lugar disruptivo para com as lógicas deterministas e conservadoras da sociedade.

As questões e vivências que nos singularizam frente a uma lógica normativa são as mesmas que nos constroem seres coletivos, logo, não dá para falar do singular sem tratar o coletivo e vice-versa, como não dá para discutir sobre a periferia sem tratar das relações sociais e de poder.

Neste sentido, o olhar cartográfico para nosso campo (Passos et al, 2010) e o olhar interseccional para os que nele habitam (Collins e bilge, 2023) (Akotirene, 2019) se aproximam. De certo modo, a partir destes autores somos levados a pensar o humano e o seu mundo a partir de suas afetações, não descolado de culturas, temporalidades e contextos sociais que os desconstroem e reconstroem, pensando que, aquilo que nos antecede e nos acomete, constituem coletivos e falam do ser singular.

### 3. ESTADO DA ARTE: OS CAMINHOS DA PSICOLOGIA E SUAS REFLEXÕES JUNTO AO JOVEM DA PERIFERIA E SUA ARTE

Para entender melhor o território a ser pesquisado, vamos nos utilizar do estado da arte sobre a temática aqui abordada com o intuito de observar a produção existente e o que está sendo produzido na academia que possa dialogar diretamente com o que estamos a discutir. Parto da indagação que norteia este trabalho e a pesquisa realizada, sendo ela “poderia o *rap* ser compreendido como expressão de subjetividades e ser utilizado como uma ferramenta de ação clínica e promoção de saúde, em uma compreensão de clínica ampliada?”

Como critério de inclusão, buscamos produções escritas e pautadas em língua e território brasileiro, respectivamente, como continuidade de nosso foco em atividades pautadas no sul global, tratando do nosso território.

Recorremos à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD buscando teses e dissertações relacionadas às temáticas discutidas. O recorte temporal pesquisado foi do ano de 2019 a 2024 e os buscadores utilizados foram: rap; hip-hop; juventude; periferia; subjetividade; cartografia; clínica ampliada. Com diferentes combinações entre si com o intuito de aumentar a diversidade dos trabalhos realizados.

As buscas realizadas serão apresentadas em quadros, cujo título será a equação utilizada. Para cada quadro serão informados o título do trabalho, o ano de publicação, o tipo de trabalho, a área de estudo, objetivos e conclusões. Propositalmente, vamos trazer as temáticas abordadas nos trabalhos encontrados junto à sua área de estudo, para melhor conhecer as áreas que se debruçam sobre esta questão. É uma forma de questionar onde estão concentrados tais pesquisas, e em que áreas poder-se-ia haver maior atenção com tais campos de estudo.

Previamente, já podemos entrever, como as pesquisas nos indicaram, a deficiência de um olhar para com as populações indígenas e para com as vivências das mulheres no espaço do rap. Naturalmente o rap é falado, mas não questionado, o que o faz apenas reverberar, mas não refletir sobre si e essa realidade faz com que o espaço dado ao rap e ao hip-hop sejam mais espaços comuns da sociedade, não dando lugar às diferentes expressões e vivências possíveis.

A primeira equação utilizada foi **Rap AND Subjetividade**. Foram encontrados ao todo treze resultados, mas apenas cinco tratavam de alguma forma sobre o rap e subjetividade, sendo três teses de doutorado e duas dissertações de mestrado.

<b>DESCRITOR: RAP AND SUBJETIVIDADE</b>
<p><b>Título:</b> Resistencia e (re)existência: A subjetividade e as invisibilidades produzidas a partir de experiências cotidianas do espaço urbano de Guarapuava (PR) retratadas pelo Rap.</p> <p><b>Objetivo:</b> Compreender o fenômeno da segregação socioespacial na cidade de Guarapuava, Paraná, a partir das narrativas presentes no rap local;</p> <p><b>Conclusão:</b> A compreensão de que o Rap é uma importante ferramenta dentro da educação informal e que tem sido responsável por produzir diferentes formas de mobilização, conscientização e intervenção política e social.</p> <p><b>Dados da produção:</b> LARA, Viviane de; Dissertação; 2023; Ciências humanas, Educação.</p>
<p><b>Título:</b> Uma leitura de Emicida sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa: reencontro com uma identidade.</p> <p><b>Objetivo:</b> Verificar como as transformações se materializam em inspirações para expressões artísticas no álbum de Emicida;</p> <p><b>Conclusão:</b> As letras de Emicida expressam uma profunda reflexão sobre a indignação de um povo historicamente oprimido e influenciam a sociedade contemporânea ao abordar relações político-sociais;</p> <p><b>Dados da produção:</b> PAULA, Thais Silva de; Dissertação; 2023; Linguística, Letras.</p>
<p><b>Título:</b> Múltiplos modos de mover politicamente os corpos no rap: cartografia dos regimes coreopolíticos do rap do Brasil e dos EUA.</p> <p><b>Objetivo:</b> Identificar um cenário de crise do rap político diante da ascensão do fascismo neoliberal e, a partir dessa constatação, questionar os consensos teóricos sobre a política no rap;</p> <p><b>Conclusão:</b> A partir da compreensão de regimes coreopolíticos, demonstra que a política no rap não se limita às letras e discursos de conscientização, mas também se expressa através de gestos, performances e estilos subjetivos;</p>

**Dados da produção:** ROLIM, Mário Augusto Oliveira Monteiro; Tese; 2023; Comunicação.

**Título:** A voz decolonial do Rap nacional.

**Objetivo:** Investigar como as letras do rap brasileiro expõem e denunciam processos de colonialidade ainda presentes na sociedade;

**Conclusão:** Conclui-se que o rap nacional desempenha um papel crucial ao evidenciar e contestar as continuidades coloniais, servindo como uma voz ativa na promoção de discursos decoloniais e na resistência cultural.

**Dados da produção:** MORAES, Flavio Henrique de; Tese; 2021; Linguística.

**Título:** Dor, negritude e resistência em discursos poéticos "da ponte pra cá".

**Objetivo:** analisar os deslocamentos e permanências referentes aos efeitos de sentido mencionados diante de obras distanciadas tanto no tempo quanto no espaço, no sentido de buscarmos aí padrões linguísticos que nos fossem suficientes para delimitarmos, pelo menos inicialmente, os contornos de uma poética da negritude;

**Conclusão:** A pesquisa conclui que os poetas estudados utilizam recursos semióticos específicos para representar e resistir às experiências de dor e negritude, contribuindo para a construção de uma identidade cultural e política local;

**Dados da produção:** REIS, Cristiano Lima de Araújo; Tese; 2019; Linguística, Letras.

A primeira dissertação encontrada (Lara, 2023) trata da experiência subjetiva do rap em uma cidade do Paraná. A segunda dissertação é uma pesquisa teórica (Paula, 2023), a qual se propõe a elaborar uma reflexão sobre o processo de escrita por meio da música, através das expressões artísticas contidas em um álbum do Rapper Emicida; ambas as dissertações são da área de Educação e Letras, respectivamente.

A primeira tese encontrada (Rolim, 2023) diz respeito à crise da dimensão política do rap nacional, face à ascensão do fascismo neoliberal. Tese direcionada à área de Comunicação. A segunda (Moraes, 2021), na área da Linguística, busca identificar as denúncias sobre colonialidades nos enunciados-*rap* com um olhar a partir de uma compreensão decolonial do fazer rap.

A última tese encontrada nessa equação (Reis, 2019) volta-se para a discussão acerca dos processos de produção dos efeitos de sentido de sofrimento e negritude na obra de um poeta catarinense e do grupo Racionais MC's, com foco na área de Letras.

A busca seguinte se deu pela combinação dos buscadores **Hip-hop AND Subjetividade**. O rap se constitui como um dos elementos da cultura hip-hop, logo, tratar do hip-hop nos faz tratar, também, do rap. Foram encontrados inicialmente seis resultados a partir destes buscadores, cinco dissertações e uma tese.

<b>DESCRITOR: HIP-HOP AND SUBJETIVIDADE</b>
<p><b>Título:</b> “Se enraizando na cultura que é pra nós se manter vivo”: as bases da formação política e da participação social no instituto enraizados a partir da cultura Hip Hop.</p> <p><b>Objetivo:</b> Compreender de que forma a cultura Hip Hop, principalmente, vista a partir do elemento Rap, elabora compreensões e expectativas de jovens da Baixada Fluminense em relação à formação política e participação social de maneira individual e coletiva;</p> <p><b>Conclusão:</b> A pesquisa conclui que o Instituto social estudado, o “Enraizados” desempenha um papel significativo na formação política e na promoção da participação social de jovens periféricos;</p> <p><b>Dados da produção:</b> ASSIS, Adriano Cezario; Dissertação; 2024; Ciências Sociais, Sociologia.</p>
<p><b>Título:</b> Articulando a linguagem: o hip hop como cultura, ciência, arte e comunicação criativa.</p> <p><b>Objetivo:</b> Investigar como o Hip Hop, por meio de suas práticas culturais e artísticas, atua na formação cidadã, desconstrução de padrões e ressignificação de ambientes e corpos;</p> <p><b>Conclusão:</b> A pesquisa conclui que o Hip Hop desempenha um papel significativo na difusão de saberes populares e na formação de jovens periféricos, acompanhando as mudanças históricas, científicas e tecnológicas da sociedade;</p> <p><b>Dados da produção:</b> CASTRO JÚNIOR, Mário Damião; Dissertação; 2021; Linguagem, Comunicação.</p>
<p><b>Título:</b> "As mina tão no corre, tá ligado?": uma análise da atuação social e política do Coletivo Mulheres do Hip-hop</p>

**Objetivo:** Analisar a atuação social e política do Coletivo Mulheres do Hip-hop, investigando como suas práticas culturais contribuem para a promoção da equidade de gênero e o empoderamento feminino dentro do movimento Hip-hop;

**Conclusão:** A pesquisa conclui que o Coletivo Mulheres do Hip-hop desempenha um papel fundamental na articulação de ações que visam à valorização da mulher no cenário do Hip-hop, promovendo espaços de resistência e transformação social;

**Dados da produção:** PEDROSO, Priscila Mendes; Dissertação; 2020; Linguística, Letras.

**Título:** Hip-Hop e liberdade de expressão: uma análise fundamentada na educação para a mídia

**Objetivo:** Investigar como artistas do Hip-Hop compreendem o conceito de liberdade de expressão, visando criar um espaço que promova o conhecimento sobre o tema.

**Conclusão:** Os resultados sugerem que, apesar da forte carga crítica do Hip-Hop, os debates sobre liberdade de expressão tendem a ser entendidos de uma perspectiva individual e subjetiva, sem a mobilização de referências legais ou de direitos humanos.

**Dados da produção:** CARRAPATOSO, Gabriel de Oliveira; Dissertação; 2021; Educação.

**Título:** Entre as ruas e as mídias: das redes de hip hop aos circuitos de batalhas de rimas alagoanos.

**Objetivo:** Realizar um estudo socioantropológico sobre a atuação de jovens envolvidos com o hip hop em Alagoas, abrangendo desde a formação das primeiras redes e circuitos na capital até os desdobramentos atuais, como coletivos e estúdios;

**Conclusão:** conclui que os jovens engajados no hip hop em Alagoas mobilizam diversos recursos para realizar eventos e expressar suas subjetividades e significados por meio de narrativas e performances;

**Dados da produção:** BARROSO, Ibrahim Serra; Dissertação; 2019; Ciências Humanas, Sociologia

**Título:** Discursos em ruptura para outra educação em ciências no Sul global: o hip-hop como tecnociência afrodiáspórica.

**Objetivo:** Investigar como discursos e práticas do movimento Hip-hop na América Latina e Caribe, particularmente no Brasil, Chile e Cuba, podem contribuir para uma educação em ciências que incorpore perspectivas afrodiaspóricas e decoloniais.

**Conclusão:** conclui que o movimento Hip-hop atua como uma tecnociência afrodiaspórica, produzindo conhecimentos híbridos que desafiam a tecnociência hegemônica.

**Dados da produção:** DE CARVALHO, Roberth Jesus; Tese; 2023; Educação Científica

A primeira dissertação (Assis, 2024) visa compreender de que forma a cultura Hip Hop, principalmente, vista a partir do elemento Rap, elabora compreensões e expectativas de jovens da Baixada Fluminense em relação à formação política e participação social de maneira individual e coletiva. Trata-se de um estudo de caso no Instituto Enraizados, coletivo com longa atuação junto à cultura Hip Hop no bairro Morro Agudo, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

A segunda dissertação (Castro Júnior, 2021) trata sobre quais os saberes contidos nas diversas formas de ação na cultura hip-hop e como eles são difundidos por seus atores sociais. Esse estudo se encontra na área de Linguagem. A terceira dissertação (Pedroso, 2020) encontrada investiga a percepção das integrantes de um Coletivo denominado Mulheres do Hip-hop, da cidade de Cuiabá, Mato Grosso, sobre as transformações nas próprias vidas a partir da atuação no referido movimento social.

Importante salientar que, dos estudos tratados até agora, este é o primeiro com foco total na atuação das mulheres no movimento hip-hop e no rap. Estudo locado na área de Comunicação, Letras.

A dissertação seguinte (Carrapatoso, 2021), da área de Educação voltada para Letras, investiga de que modo artistas do hip-hop compreendem o conceito de liberdade de expressão, com o objetivo de criar um espaço em que haja a promoção do conhecimento sobre a liberdade de expressão. Pesquisa realizada na cidade de Uberaba, Minas Gerais;

A próxima dissertação (Barroso, 2019) teve como objetivo fazer um estudo socioantropológico sobre a atuação dos jovens engajados com o hip hop em Alagoas. Locado na área da Sociologia; e, por fim, a tese encontrada (De Carvalho, 2023) problematiza sobre a materialidade de discursos e fazeres afrodescendentes e em diáspora, postos em suspenso nos meios educativos formais e não-formais, ora outrificados pela tecnociência hegemônica. Tese realizada na área de Ciências Tecnológicas.

A partir dos buscadores **Rap AND Juventude** foram encontradas doze produções acadêmicas, dentre as quais, onze tratavam diretamente sobre a temática buscada. Foram ao todo oito dissertações e três teses. A partir do uso do buscador rap junto ao buscador juventude houve um aumento nas produções encontradas, o que nos diz que não é muito difundido o estudo do rap sobre as subjetividades de quem o produz e o vivencia.

<b>DESCRITOR: RAP AND JUVENTUDE</b>
<p><b>Título:</b> Resistências afro-brasileiras no ensino de História: a sala de aula e as letras de Rap.</p> <p><b>Objetivo:</b> Investigar como as letras de rap podem ser utilizadas como instrumentos pedagógicos no ensino de História;</p> <p><b>Conclusão:</b> conclui que os rappers são sujeitos históricos que trocam saberes com a juventude periférica, construindo leituras de fatos históricos a partir de perspectivas específicas, como a da juventude negra e periférica;</p> <p><b>Dados da produção:</b> PEREIRA, Grazielly Alves; Dissertação; 2019; História.</p>
<p><b>Título:</b> Discursos de ascensão social no Rap Brasileiro.</p> <p><b>Objetivo:</b> Analisar o discurso de ascensão social nas obras de rap no Brasil, captando, através dos procedimentos composicionais utilizados pelos compositores, as representações e os possíveis efeitos de sentido sobre o tema pesquisado;</p> <p><b>Conclusão:</b> A pesquisa conclui que o discurso positivo sobre ascensão econômica se consolidou como um dos principais temas no rap nacional, especialmente em um gênero musical periférico que vem experimentando a popularização massificada da indústria cultural nos últimos anos;</p> <p><b>Dados da produção:</b> SILVA, Mateus Cunha da; Dissertação; 2023; Ciências Humanas, Sociologia.</p>
<p><b>Título:</b> O Hip-Hop em Viçosa-MG: Trajetórias Socioespaciais dos Rappers pelo Espaço Urbano (2010-2020).</p> <p><b>Objetivo:</b> Compreender como os rappers, engajados no movimento Hip-Hop, participam da dinâmica urbana de Viçosa-MG;</p>

**Conclusão:** A pesquisa conclui que os rappers de Viçosa participam ativamente da produção do espaço urbano por meio de suas práticas físicas e simbólicas, materializadas no território;

**Dados da produção:** Monteiro, Verônica Sibere Ferraz; Dissertação; 2021; Geografia.

**Título:** Rap na baixada, rap no mundo: o raplab tecendo redes educativas.

**Objetivo:** narrar o desenrolar dos encontros com jovens moradores das periferias do Rio de Janeiro, dentro e fora do ambiente escolar, para a prática do RapLab, uma atividade que provoca a produção do conhecimento em rede através do rap;

**Conclusão:** A pesquisa conclui que o RapLab, ao integrar arte e educação, rua e escola, educandos e educadores, proporciona um espaço de aprendizagem colaborativa e empoderamento para os jovens participantes;

**Dados da produção:** ASSIS, Flávio Eduardo da Silva; Dissertação; 2020; Educação.

**Título:** Djonga: o historiador da quebrada - rap, antirracismo e mediação intelectual (2017-2021).

**Objetivo:** Discutir as conversações entre a produção artística e a atuação sociopolítica do rapper mineiro Djonga e a categoria de intelectual mediador;

**Conclusão:** Conclui que Djonga desempenha um papel significativo na (re)construção e transmissão de conhecimentos acadêmicos, utilizando sua plataforma pública para traduzir conceitos complexos em linguagem acessível.

**Dados da produção:** SANTOS, Lucas Nascimento dos; Dissertação; 2023; História.

**Título:** “Onde a ação se une com a ideia”: as batalhas de Rap em São Carlos-SP.

**Objetivo:** Analisar sociologicamente as batalhas de Rap e os Slams na cidade de São Carlos-SP, identificando representações sociais, narrativas, tensões, contradições e possíveis negociações linguísticas e simbólicas construídas e comunicadas nesses eventos.

**Conclusão:** A pesquisa conclui que as batalhas de Rap em São Carlos-SP funcionam como espaços de sociabilidade juvenil, onde os participantes constroem identidades culturais e sociais, negociam significados e expressam experiências pessoais e coletivas.

**Dados da produção:** LIMA, Engel Rodrigues de; Dissertação; 2022; Ciências Humanas, Sociologia.

**Título:** Representação da violência nas letras de rap de Dory de Oliveira e Kmila CDD.

**Objetivo:** Analisar como as letras de rap de Dory de Oliveira e Kmila CDD representam a violência cotidiana vivenciada pelas mulheres, especialmente as negras, destacando questões de machismo e estereótipos de gênero presentes na sociedade e no movimento Hip-Hop;

**Conclusão:** A pesquisa conclui que as músicas de Dory de Oliveira e Kmila CDD abordam de forma contundente temas como machismo, violência doméstica e estereótipos de gênero, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a subordinação das mulheres na sociedade e no Hip-Hop;

**Dados da produção:** JESUS, Cleziane Santos de; Dissertação; 2022; Ciências Sociais, Filosofia.

**Título:** Letramentos a partir do Rap: voz e vez na aula de língua portuguesa.

**Objetivo:** Investigar como o uso do rap em sala de aula pode contribuir para o letramento dos alunos do Ensino Fundamental II, promovendo uma abordagem antirracista e valorizando a prática social do rap como expressão da juventude negra;

**Conclusão:** A pesquisa conclui que a integração do rap no ensino de Língua Portuguesa permite explorar diversas linguagens culturais de forma antirracista, proporcionando aos alunos a oportunidade de expressar suas inquietações e denúncias sobre sua realidade;

**Dados da produção:** PEREIRA, Lucidalva Rangel; Dissertação; 2021; Linguística, Letras.

**Título:** A juventude negra eleva sua voz: Racionais MC's e o negro drama da periferia brasileira.

**Objetivo:** Analisar as canções do grupo de rap Racionais MC's, destacando como suas letras denunciam as adversidades enfrentadas pelos jovens negros e periféricos no Brasil, como o preconceito racial, a violência policial e a falta de oportunidades;

**Conclusão:** A pesquisa conclui que as músicas dos Racionais MC's atuam como crônicas sociais, oferecendo uma visão autêntica das experiências vividas pelos jovens negros nas periferias brasileiras;

**Dados da produção:** FERREIRA JÚNIOR, Hernany Luiz Tafuri; Tese; 2023; Linguística, Letras.

**Título:** Imaginando uma Angola pós-colonial: a cultura Hiphop e os inimigos políticos da Nova República.

**Objetivo:** Analisar o papel da cultura Hip-Hop em Angola pós-colonial, destacando como o movimento se posiciona como crítico ao modelo político vigente e às desigualdades sociais, sendo tratado como "inimigo político" pela nova república;

**Conclusão:** A pesquisa conclui que o Hip-Hop em Angola, desde o final da década de 1980, emergiu não apenas como forma de entretenimento, mas como meio de expressão e comunicação entre jovens sobre a realidade vivida no país e as expectativas de um futuro melhor;

**Dados da produção:** SANTOS, Jaqueline Lima; Tese; 2019; Antropologia Social.

**Título:** O "Rap AM" interseccionando gerações: um estudo etnomusicológico sobre práticas político-musicais e as dinâmicas de periferia no circuito manauara.

**Objetivo:** Compreender as práticas político-musicais no âmbito da produção e da performance musical desses agentes que se alinham às ações do Hip Hop como meio de produção artístico-cultural constituído nas e pelas dinâmicas de periferia e de uma consciência de rua;

**Conclusão:** As ações músico-performáticas dos hip hoppers manauaras são fundamentadas em fricções geracionais e na interseção de raça/etnia, classe, gênero e pertencimento/identidade local, regional, nacional e global;

**Dados da produção:** NORBERTO, Rafael Branquinho Abdala; Tese: 2020; Linguística, Música.

A primeira dissertação (Pereira, 2019) vem da área de História e busca investigar como as letras do gênero rap podem ou devem ser consideradas meios e instrumentos pedagógicos para a sala de aula no ensino de História; em seguida (Silva, 2023), na área de Sociologia, a dissertação analisa o discurso de ascensão social nas obras de rap no Brasil.

Na sequência, a dissertação (Monteiro, 2021) locada na área de Geografia, busca compreender como os rappers, engajados ao movimento hip hop, participam da dinâmica urbana da cidade de Viçosa-MG. A próxima dissertação (Assis, 2020) busca narrar o desenrolar dos encontros com jovens moradores das periferias do Rio de Janeiro, dentro e fora

do ambiente escolar, para a prática de uma atividade proposta, que provoca a produção do conhecimento em rede através do rap. Estudo na área de Educação;

Na seguinte dissertação (Santos, 2023), locada na área de História, são discutidas as conversações entre a produção artística e a atuação sociopolítica do rapper mineiro Djonga e a categoria de intelectual mediador, o qual contribui para a (re)construção e transmissão de conhecimentos propriamente acadêmicos, utilizando o espaço que conquistou na esfera pública para traduzir conceitos complexos em uma linguagem acessível.

Na pesquisa seguinte (Lima, 2022), são realizadas análises sociológicas das Batalhas de Rap e os Slams na cidade de São Carlos-SP, com o objetivo de identificar as representações sociais, as narrativas, tensões, contradições e possíveis negociações linguísticas e simbólicas que são construídas e comunicadas no ambiente dos eventos.

Em seguida, a próxima dissertação (Jesus, 2022) busca compreender de que forma o rap de Dory de Oliveira e Kmila CDD, representam a violência da vida cotidiana das mulheres nas letras de suas músicas. Pesquisa realizada na área de Ciências Sociais, Filosofia. De todas as produções notadas até aqui, esta é apenas a segunda que enfoca diretamente a vivência de artistas ou mulheres que vivencia o rap e a cultura hip-hop, dentro de um escopo já reduzido de produções, é ainda mais alarmante tal olhar para a vivência feminina nestes espaços.

Por fim, a última dissertação (Pereira, 2021) encontrada a partir destes buscadores, realizada na área de Letras, apresenta os resultados de uma pesquisa voltada aos letramentos escolares de alunos(as) do Ensino Fundamental II, estruturada a partir do rap como prática social da juventude negra, observada no contexto de ensino e aprendizagem de língua portuguesa de uma turma de 7º ano de uma escola municipal de Salvador.

Seguindo para as teses, a primeira (Ferreira Júnior, 2023), da área de Letras, tem como objeto de pesquisa a obra do grupo Racionais MC's, suas contribuições e reverberações na formação dos jovens das periferias e favelas pelo Brasil.

A próxima tese (Santos, 2019), trata sobre a situação política de Angola e como, por meio da arte, artistas buscaram externar suas visões críticas sobre o contexto e suas perspectivas de mudança, dando continuidade ao percurso trilhado por artistas do período colonial que cantavam e poetizam seus sonhos de nação independente e autônoma. Produção advinda da área da Filosofia.

O estudo trata da História de Angola, todavia, se omitíssemos o nome do país, certamente poderíamos pensar que o estudo trata das nossas terras tupiniquins. É possível

observar como o rap, enquanto expressão artística constitui uma importante ferramenta de enfrentamento às duras realidades das populações colonizadas.

Por fim, a tese (Norberto, 2020) que encerra as produções encontradas com estes buscadores. Na área da Música, é um estudo etnomusicológico/etnográfico com hip hoppers envolvidos no circuito do "Rap AM" em Manaus. Ela objetiva compreender as práticas político-musicais no âmbito da produção e da performance musical desses agentes que se alinham às ações do hip-hop como meio de produção artístico-cultural constituído nas e pelas dinâmicas de periferia e de uma consciência de rua.

Seguindo com os buscadores **hip-hop AND juventude**, foram encontradas 24 produções, das quais dezoito são dissertações e seis teses. Todavia, aqui encontramos alguns trabalhos já listados a partir de outros buscadores, seis no total; tirando estes, temos dezoito produções, sendo quinze dissertações e três teses.

#### **DESCRITOR: HIP-HOP AND JUVENTUDE**

**Título:** Juventude e(m) movimento: uma terapia problematizadora da BNCC.

**Objetivo:** Analisar como o movimento cultural do hip-hop pode questionar e problematizar a linguagem bancária presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio, propondo uma abordagem pedagógica mais crítica e engajada;

**Conclusão:** O hip-hop, por meio de suas expressões artísticas e culturais, oferece uma forma de resistência e contestação às imposições curriculares autoritárias da BNCC, promovendo uma educação mais crítica e alinhada às realidades e necessidades da juventude brasileira;

**Dados da produção:** MALTA, Gabriel Nogueira; Dissertação; 2023; Educação.

**Título:** Juventudes, hip hop e políticas públicas na grande Aracaju.

**Objetivo:** Analisar as formas pelas quais os jovens militantes do Hip Hop na grande Aracaju/SE buscam inserir suas práticas nas ações ofertadas pelo poder público, destacando o papel transformador da cultura na inclusão social de jovens em situações de vulnerabilidade;

**Conclusão:** O Hip Hop desempenha um papel significativo na transformação social, sendo capaz de resgatar, educar e incluir socialmente jovens em situações de vulnerabilidade;

**Dados da produção:** SILVA, Angélica Ferreira da; Dissertação; 2023; Ciências Humanas, Sociologia.

**Título:** Para além da praça! a Batalha do Vale e a educação das juventudes na cidade de Presidente Prudente (SP).

**Objetivo:** Compreender como o envolvimento de jovens, negros e periféricos com coletivos juvenis, especialmente a Batalha do Vale (Hip Hop), influencia positivamente nas trajetórias espaciais e educacionais destes jovens;

**Conclusão:** A participação no Hip Hop, especialmente através da Batalha do Vale, proporciona uma experiência educativa que contribui para a formação política e intelectual dos jovens envolvidos;

**Dados da produção:** SALVI, Bruno Fantin; Dissertação; 2023; Geografia.

**Título:** De rolé na night carioca: R&B, geração tombamento e as festas da juventude preta do Rio de Janeiro.

**Objetivo:** Observar como a cultura Hip-Hop têm influenciado o cenário de festas da juventude negra no subúrbio carioca, que criam ambientes de sociabilidade e identificação para jovens e adolescentes;

**Conclusão:** Conclui-se que a "Geração Tombamento" representa uma geração de jovens, majoritariamente negros e da periferia, que encontram na música, dança e arte de rua uma alternativa de expressão e resistência;

**Dados da produção:** BARROS, Maria Beatriz dos Santos; Dissertação; 2023; Comunicação.

**Título:** Geografia, espaço escolar e Hip-Hop: em busca da formação espacial cidadã com as juventudes da EMEM Emílio Meyer - Porto Alegre-RS.

**Objetivo:** Avaliar e refletir as relações entre os sujeitos do Ensino Médio (EM) e seu espaço escolar por meio de um estudo de caso na Escola Municipal de Ensino Médio (EMEM) Emílio Meyer, localizada no bairro Medianeira, em Porto Alegre/RS;

**Conclusão:** É possível concluir que a integração do Hip-Hop no currículo escolar contribui significativamente para o engajamento dos estudantes com a escola e para a transformação de suas perspectivas sobre o espaço escolar e a formação cidadã;

<p><b>Dados da produção:</b> FRANCO, Felipe da Costa; Dissertação; 2021; Geografia</p>
<p><b>Título:</b> Hip hop e as práticas educativas: um estudo a partir das experiências do coletivo Família Hip Hop, Santa Maria – DF.</p> <p><b>Objetivo:</b> Analisar as práticas educativas do coletivo Família Hip Hop em Santa Maria, DF, investigando como o movimento Hip Hop contribui para a educação popular e a formação de sujeitos críticos e conscientes;</p> <p><b>Conclusão:</b> Conclui-se que o coletivo Família Hip Hop desempenha um papel fundamental na educação popular, utilizando a cultura Hip Hop como ferramenta pedagógica para promover a conscientização social e política entre os jovens;</p> <p><b>Dados da produção:</b> ANJOS, Suelen Gonçalves dos; Dissertação; 2019; Educação.</p>
<p><b>Título:</b> Violência e Hip Hop: transformando um problema em arte.</p> <p><b>Objetivo:</b> Analisar como o Hip Hop, enquanto cultura de rua, atua na vida de jovens e na sociedade, minimizando os danos causados pelas diversas formas de violência;</p> <p><b>Conclusão:</b> O Hip Hop desempenha um papel significativo na transformação das percepções dos jovens sobre violência, oferecendo uma forma de expressão artística que contribui para a conscientização e a mudança social;</p> <p><b>Dados da produção:</b> ARAÚJO, Leonardo Luíz da Silva; Dissertação; 2019; Ciências Sociais, Sociologia da Cultura.</p>
<p><b>Título:</b> Pega Visão: o protagonismo dos jovens rimadores em batalhas de MCs em Salvador.</p> <p><b>Objetivo:</b> Compreender de que forma as batalhas de rimas improvisadas se configuram enquanto espaços territoriais de resistência da arte urbana;</p> <p><b>Conclusão:</b> As batalhas de MCs em Salvador são espaços onde jovens rimadores desenvolvem redes de sociabilidade, funcionando como "pedaços do hip-hop" que semeiam o protagonismo juvenil;</p> <p><b>Dados da produção:</b> MIRANDA, Regiane Smocowisk; Dissertação; 2019; Sociologia da Cultura e Antropologia Urbana.</p>
<p><b>Título:</b> A Sorocaba das Batalhas: ocupações juvenis de espaços públicos na cidade.</p>

**Objetivo:** Analisar os processos de expansão da periferia e o desenvolvimento urbano desigual em Sorocaba, buscando compreender as práticas culturais juvenis de ocupação e ressignificação dos espaços públicos por meio da cultura hip-hop;

**Conclusão:** As batalhas de rimas em Sorocaba funcionam como espaços de sociabilidade juvenil, onde os participantes constroem identidades culturais e sociais, negociam significados e expressam experiências pessoais e coletivas;

**Dados da produção:** FRANÇA, Wellington dos Santos; Dissertação; 2020; Educação;

**Título:** Formação de territórios juvenis: os jovens e as rodas culturais da cidade de Niterói.

**Objetivo:** Investigar de que forma as rodas culturais se consolidam como territórios juvenis;

**Conclusão:** É possível concluir que as rodas culturais em Niterói funcionam como espaços de sociabilidade onde os jovens se apropriam dos espaços públicos, forjam suas identidades e estabelecem grupos, demonstrando sua força política e reivindicando do Estado políticas públicas que garantam a liberdade de expressão e reconheçam o uso do espaço público para suas práticas culturais;

**Dados da produção:** BLANCO, Letícia de Souza; Dissertação; 2024; Geografia.

**Título:** Contranarrativas periféricas: o movimento Hip Hop como agente de memórias.

**Objetivo:** Analisar o movimento Hip Hop como um agente de memórias, investigando como a comunidade ligada ao Hip Hop utiliza categorias como história, memória e patrimônio na busca por justiça social;

**Conclusão:** Conclui-se que o movimento Hip Hop atua como um agente de memórias capaz de construir contranarrativas periféricas, utilizando processos como a solicitação de registro do Hip Hop como Patrimônio Imaterial de Goiânia e a criação de um museu comunitário associado ao Centro de Referência da Juventude;

**Dados da produção:** SANTOS, Giovanna Silveira; Dissertação; 2021; Antropologia Social.

**Título:** Minas do RAP e Breakdance em Manaus: da zona de conforto para a zona de confronto.

**Objetivo:** Analisar a participação das mulheres no movimento Hip Hop em Manaus, destacando sua atuação no RAP e no Breakdance, e como essas práticas culturais contribuem para a construção de identidades e a resistência social;

**Conclusão:** A pesquisa conclui que as mulheres no movimento Hip Hop em Manaus desempenham papéis significativos na construção de identidades culturais e sociais, utilizando o RAP e o Breakdance como formas de expressão e resistência;

**Dados da produção:** SOUZA, Talita Menezes de; Dissertação; 2020; Ciências Humanas.

**Título:** Cultura e política no Hip Hop na cidade de São Paulo: redes, sociabilidades e territórios.

**Objetivo:** Analisar as dinâmicas culturais e políticas do movimento Hip Hop na cidade de São Paulo, investigando como as redes de sociabilidade e os territórios urbanos influenciam as práticas e a organização desse movimento;

**Conclusão:** A pesquisa conclui que o Hip Hop em São Paulo atua como um espaço de resistência e afirmação cultural, onde as redes de sociabilidade e os territórios urbanos desempenham papéis cruciais na construção de identidades e na promoção de ações políticas entre os jovens;

**Dados da produção:** QUEIROZ, André Sanchez; Dissertação; 2019; Ciências Sociais Aplicadas.

**Título:** As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (PR).

**Objetivo:** Compreender as espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras em seu processo de afirmação e negociação identitária na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (PR);

**Conclusão:** A pesquisa conclui que o envolvimento com a cultura Hip Hop amplia as experiências espaciais das jovens mulheres negras, permitindo-lhes desafiar a hegemonia masculina dentro da cultura, tornando os espaços do Hip Hop e da cidade mais democráticos e transformando a própria cultura, contribuindo para a construção de um Hip Hop feminista em Londrina;

**Dados da produção:** MARQUES, Ana Carolina dos Santos; Dissertação; 2021; Geografia

**Título:** Nas trilhas das batalhas de MC's: pelo direito humano de viver a cidade.

**Objetivo:** Refletir sobre os significados do direito à cidade a partir da apropriação prática e dos usos que os jovens envolvidos nas Batalhas de MC's de Hip Hop na região metropolitana de São Luís (MA) fazem de seus espaços urbanos, observando suas experiências educativas e a condição desses jovens como sujeitos e condutores de projetos políticos;

**Conclusão:** Conclui-se que o direito à cidade, encontrado na rua, é o direito à liberdade de ocupação e produção dos espaços. A cidade, como espaço público, através das experiências das Batalhas de MC's, ganha um sentido real, e as expressões estéticas e políticas pelo direito de habitá-la tornam-se um processo educativo, de construção, aprendizagens e formação dos sujeitos que delas participam;

**Dados da produção:** PALHANO, Giovana Silva; Dissertação, 2023

**Título:** Quatro cabeças de uma hidra urbana: imagens e sonoridades da cultura Hip Hop na cidade de Manaus – AM.

**Objetivo:** Demonstrar um panorama imagético e sonoro da cultura Hip Hop na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas;

**Conclusão:** Conclui-se que o Hip Hop em Manaus, assim como a hidra mitológica, possui a capacidade de se renovar e se adaptar, passando por processos de hibridização com novos ritmos, sonoridades, instrumentos e tecnologias;

**Dados da produção:** AGUIAR, Sidney Barata de; Tese; 2022; Ciências Sociais, Sociedade e Cultura.

**Título:** As marcas da rua: experiências decoloniais de consumo no Hip-hop.

**Objetivo:** Investigar três marcas nativas da cultura hip-hop brasileira: Laboratório Fantasma, Chronic e Kace, analisando como essas marcas de moda urbana, criadas por artistas e entusiastas do hip-hop, se comportam em termos de representações, construção de identidade, produção, regulação e consumo;

**Conclusão:** As estratégias adotadas por essas marcas são influenciadas por questões políticas, sociais, culturais e econômicas. Além de investir em campanhas e projetos sociais, as três empresas questionam e criticam o funcionamento do sistema colonial global, reivindicando a construção de uma sociedade baseada na solidariedade, no respeito à ancestralidade e aos corpos não normatizados pelas racionalidades europeias;

**Dados da produção:** BARBOSA, Marcio Ricardo da Silva; Tese; 2022; Ciências Sociais, Comunicação.

**Título:** "É hip hop na minha embolada": o salto espetacular do break ao mangue dos jovens Chico Vulgo e Jorge dü Peixe – Recife, 1984-1994.

**Objetivo:** Analisar as trajetórias artísticas de Chico Science (Chico Vulgo) e Jorge dü Peixe, destacando como suas experiências no movimento Hip Hop influenciaram a formação do MangueBit em Recife, entre 1984 e 1994;

**Conclusão:** Conclui-se que o MangueBit se constituiu como um "contraespetáculo" em Recife, reunindo elementos do Hip Hop e da cultura local para criar uma nova expressão musical e cultural;

**Dados da produção:** NASCIMENTO, Francisco Gerardo Cavalcante do; Tese; 2019; História.

A primeira dissertação (Malta, 2023), encontrada na área da Educação reflete de que forma o movimento cultural do hip-hop pode problematizar o jogo de linguagem bancário presente no currículo para o ensino médio imposto pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) sobre a juventude brasileira. A dissertação seguinte (Silva, 2023), na área da Sociologia busca analisar as formas pelas quais os jovens militantes do Hip Hop da grande Aracaju/SE buscam a inserção de suas práticas nas ações ofertadas pelo poder público.

A próxima produção (Salvi, 2023), na área da Geografia, tem como objetivo compreender como o envolvimento de jovens, negros e periféricos com coletivos juvenis, influencia positivamente nas trajetórias espaciais e educacionais desses jovens. Seguindo, na área da Educação (Barros, 2023), esta dissertação foca em observar como a cultura Hip-Hop tem influenciado o cenário de festas da juventude negra no subúrbio carioca, que criam ambientes de sociabilidade e identificação para jovens e adolescentes.

A dissertação a seguir (Franco, 2021), na área da Geografia, remeteu-se às práticas educativas em Hip-Hop para avaliar e refletir as relações entre os sujeitos do Ensino Médio (EM) e seu espaço escolar por meio de um estudo de caso em uma Escola Municipal de Ensino Médio na cidade de Porto Alegre, RS. Adiante, a dissertação (Anjos, 2019) resulta de uma pesquisa de autoetnografia coletiva, buscando algumas práticas da Cultura Hip-Hop capazes se contribuir em práticas pedagógicas decoloniais para a juventude periférica.

A seguinte dissertação (Araújo, 2019), locada na área das Ciências Sociais reflete como a inclusão social dos jovens através do Hip Hop pode minimizar os danos causados pela violência na sociedade. Seguindo, na área da Sociologia (Miranda, 2019), a dissertação visa compreender de que forma as batalhas de rimas improvisadas se configuram enquanto espaços territoriais de resistência da arte urbana na cidade de Salvador.

A dissertação (França, 2020), na área da Educação, buscou emergir a realidade das batalhas de rimas existentes em Sorocaba a fim de compreender as dinâmicas e as relações desenvolvidas pela juventude oriunda das periferias da cidade, ao ponto de estabelecer uma nova forma de circular e vivenciar os espaços urbanos, através da luta pelo direito à cidade, na cidade de Sorocaba-SP.

A produção seguinte (Blanco, 2024), na área da Geografia, visa investigar de que forma as rodas culturais se consolidam como territórios juvenis. A dissertação (Santos, 2021) a seguir, na área da Antropologia propõe-se a examinar como a comunidade ligada ao movimento Hip Hop está acionando categorias como história, memória e patrimônio para uma luta em busca de justiça social na cidade de Goiânia, Goiás.

A dissertação (Souza, 2020), trabalha a participação das mulheres no movimento Hip Hop em Manaus, destacando sua atuação no RAP e no Breakdance, e como essas práticas culturais contribuem para a construção de identidades e a resistência social. A próxima dissertação (Queiroz, 2019) buscou investigar a rede de produção cultural Fórum Hip Hop MSP (Município de São Paulo), que se formou por uma dinâmica de relações com outros coletivos nas diferentes regiões da cidade de São Paulo.

A dissertação seguinte (Marques, 2021), na área da Geografia, objetivou compreender as espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras em seu processo de afirmação e negociação identitária na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (PR). Por fim, na última dissertação (Palhano, 2023) desta equação, na área dos Direitos Humanos, o intuito é questionar quais potências educativas são produzidas e acionadas por jovens do movimento Hip-Hop em uma batalha de rima e Slam que ocorre em João Pessoa-PB.

A tese (Aguilar, 2022), na área da Filosofia, busca demonstrar um panorama imagético e sonoro da cultura Hip Hop na cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. A próxima tese (Barbosa, 2022) locada nas Ciências Sociais, buscou compreender como as marcas de moda urbana criadas por artistas e amantes da cultura hip-hop se comportam no ponto de vista de suas representações, construção de identidade, produção, regulação e consumo.

Por fim, a tese de (Nascimento, 2019), na área da História, e a primeira até aqui que foi focada na cidade do Recife, procura evidenciar que o MangueBeat se constituiu como um contraespetáculo no Recife em meados da década de 1980 e início de 1990, tendo como foco artistas que posteriormente viriam a desembocar na banda Nação Zumbi, como o conhecido e tradicional Chico Science.

Vale destacar até aqui, dentro do escopo encontrado, o grande número de pesquisas nas áreas relacionadas à Geografia. Foi uma surpresa, mas que faz sentido, visto que muitas delas buscam observar aspectos relacionados à vivência em suas cidades através dos atores do Hip-Hop e Rap.

Importante salientar, também, o baixo número de produções voltadas à experiência feminina no Rap e no Hip-Hop, que é um decisivo indicativo quanto a este espaço, que, por mais abrangente que seja, ainda é composto em sua maioria esmagadora pelo público masculino.

Dando sequência aos buscadores, procuramos a partir da junção **Rap AND Periferia**, obtivemos sete resultados, dos quais, quatro já haviam sido encontrados com outros buscadores, nos restando três dissertações ainda não vistas.

#### **DESCRITOR: RAP AND PERIFERIA**

**Título:** O RAP na experiência de fazer-se docente de história.

**Objetivo:** Explorar as possibilidades do rap como ferramenta no processo de formação de professores de história na educação básica, investigando se docentes com ligação à periferia e que têm o rap como referência social são influenciados por esse gênero musical em sua prática pedagógica;

**Conclusão:** A pesquisa evidencia que os saberes das ruas, representados pelo rap, constituem uma prática válida para o ensino de história, propondo uma abordagem pedagógica alternativa que valoriza as trajetórias dos docentes e sua relação com a periferia;

**Dados da produção:** GONZAGA, Lurian Endo; Dissertação; 2023; História.

**Título:** Sabotage: Lírica negra e periférica.

**Objetivo:** Analisar a obra do rapper brasileiro Sabotage, situando-o dentro de uma tradição negra na canção popular brasileira. A pesquisa busca identificar como sua produção musical

expressa elementos dessa tradição por meio da forma musical, do tom de denúncia presente nas letras e da celebração de atos cotidianos que refletem aspectos da realidade negro-brasileira;

**Conclusão:** Conclui-se que Sabotage integra uma linhagem de artistas negros na música popular brasileira que utilizam o rap como linguagem afrodiáspórica para articular experiências e narrativas da população negra periférica;

**Dados da produção:** CARVALHO, Thiago Alberto de; Dissertação; 2024; Música.

**Título:** “Os locutores do inferno”: representações de violências no rap do Facção Central (1995-2006).

**Objetivo:** Analisar como o grupo de rap Facção Central representou a violência em suas músicas entre 1995 e 2006, investigando as narrativas construídas sobre a realidade das periferias urbanas brasileiras e a crítica social presente em suas letras;

**Conclusão:** Conclui-se que o Facção Central utilizou suas composições para denunciar as múltiplas formas de violência vivenciadas nas periferias, incluindo a violência policial, a desigualdade social e o abandono estatal;

**Dados da produção:** GOMES, Matheus de Andrade; Dissertação; 2019; História.

A primeira dissertação (Gonzaga, 2023), na área de História, busca explorar as possibilidades do rap como uma ferramenta no fazer-se professores/as de história da educação básica. O objetivo da dissertação seguinte (Carvalho, 2024), na área da Filosofia, é localizar Sabotage como parte de uma tradição negra na canção popular brasileira que se expressa na forma musical, no tom de denúncia das letras e na celebração dos atos cotidianos que compõem um aspecto da realidade negro-brasileira.

A dissertação (Gomes, 2019) que encerra esses buscadores está locada na área de História, e apresenta uma análise das representações de violências e de resistência nas músicas do grupo de rap Facção Central produzidas entre 1995-2006.

Quanto aos buscadores **Rap AND Psicologia**, foram encontrados vinte e três resultados. Desse todo, apenas cinco abordam sobre as temáticas relacionadas ao Rap, sendo quatro dissertações e uma tese.

**DESCRITOR: RAP AND PSICOLOGIA**

**Título:** Lei dos Corres: uma análise do discurso do rap alagoano acerca dos significados do estigma e do desvio.

**Objetivo:** Investigar um sentido contra-hegemônico da opção pela prática desviante em que estrutura e agência se relacionam dialeticamente, ao contrário das perspectivas cuja ênfase se fundamenta ora sobre o indivíduo ora sobre a estrutura;

**Conclusão:** Conclui-se que o discurso do rap alagoano apresentou um sujeito que intencionalmente comete o delito a fim de superar a precariedade a que foi submetido em sociedade;

**Dados da produção:** BERNARDES, Lucas Paranhos Netto; Dissertação; 2020; Ciências Sociais, Sociologia da Juventude.

**Título:** O RAP de formação: uma abordagem do narrador em Mano Brown.

**Objetivo:** Analisar a construção do narrador nas letras de Mano Brown, investigando como sua narrativa contribui para a formação de identidades e subjetividades dentro do rap;

**Conclusão:** O trabalho destaca como Mano Brown se posiciona como um narrador que educa, conscientiza e dá voz às experiências da periferia, reforçando o papel do rap como ferramenta de formação social e política;

**Dados da produção:** QUEIROZ, Híkaro Diego Silva Alves de; Dissertação; 2023; Literatura.

**Título:** Oficinas pedagógicas e experiências: contribuições do Rap para o ensino de História dos povos Guarani.

**Objetivo:** Investigar como o rap pode ser utilizado como ferramenta pedagógica no ensino da História dos povos Guarani, explorando sua contribuição para a educação e a valorização das culturas indígenas;

**Conclusão:** Aponta que o rap, por meio de oficinas pedagógicas e experiências educativas, facilita a aprendizagem, promovendo reflexões críticas sobre a História dos povos Guarani e contribuindo para a valorização de sua identidade e resistência;

**Dados da produção:** SILVA, Rogério de Lima; Dissertação; 2022; História

**Título:** A escuta psicanalítica de jovens negros no espaço Memorial Quilombo dos Palmares: o quilombismo como efeito ético-político das Rodas de Rap.

**Objetivo:** Compreender a escuta psicanalítica de jovens negros no espaço Memorial Quilombo dos Palmares, analisando como as Rodas de Rap promovem o quilombismo como um efeito ético-político na constituição da subjetividade desses jovens;

**Conclusão:** Evidencia que as Rodas de Rap funcionam como um espaço de elaboração subjetiva e resistência, onde o quilombismo se manifesta como um processo de fortalecimento identitário e político, mediado pela escuta psicanalítica;

**Dados da produção:** SILVA, Jéssica Michelle dos Santos; Dissertação; 2023; Psicologia Social e Psicanálise.

**Título:** A Pedagogia Hip-Hop e as narrativas da liberdade: o ancestral e o contemporâneo no ensino de História da África, dos povos africanos e afro-brasileiros.

**Objetivo:** Investigar como a Pedagogia Hip-Hop contribui para o ensino da História da África, dos povos africanos e afro-brasileiros, analisando as conexões entre narrativas ancestrais e contemporâneas na construção do conhecimento histórico e identitário;

**Conclusão:** Demonstra que o Hip-Hop, por meio de suas expressões culturais e pedagógicas, funciona como uma ferramenta educativa potente, promovendo a valorização das ancestralidades africanas e afro-brasileiras, além de estimular uma aprendizagem crítica e engajada;

**Dados da produção:** JÚNIOR, Kleber Galvão de Siqueira; Tese; 2023; Educação, Pedagogia, História.

O primeiro trabalho (Bernardes, 2020), na área da Sociologia, busca investigar um sentido contra hegemônico da opção pela prática desviante em que estrutura e agência se relacionam dialeticamente, ao contrário das perspectivas cuja ênfase se fundamenta ora sobre o indivíduo ora sobre a estrutura. O estudo serviu-se do discurso do rap alagoano por julgar que somente um instrumento vinculado a uma população historicamente submetida à estigmatização e à rotulação desviante poderia indicar registros das relações sociais mais rigorosas para a construção do significado que se chegou.

A dissertação seguinte (Queiroz, 2023), na área de Letras, busca tratar da definição do conceito de Rap de formação a partir de um recorte de letras do rapper paulistano Pedro Paulo Soares Pereira, o Mano Brown.

A produção de Silva (2022), na área de História, tem como objetivo a busca por outros meios pedagógicos que pudessem colaborar com a lei 11.645/08, de forma a aproximar os discentes da história dos povos indígenas através da fala e de suas produções. Como ferramenta foi utilizado o Rap indígena e a possibilidade de se pensar a história dos povos Guarani assim como suas questões atuais para os anos finais do Ensino fundamental.

De todas as produções observadas até agora, esta foi a primeira voltada aos povos originários de alguma forma. Ao mesmo tempo que podemos tratar sobre a multiplicidade das temáticas que o uso do Rap nos traz, podemos também dizer o quão é pobre a produção que tem a população indígena como foco. Estamos elencando tanto os trabalhos que têm o Rap/Hip-Hop como mote principal quanto aqueles que o utilizam como ferramenta, pois acreditamos que de ambas as formas se tem um trabalho de observação delicado sendo feito com e a partir do Rap/Hip-Hop.

Dando seguimento, a última dissertação (Silva, 2023), a partir dos buscadores estabelecidos, está na área da Psicologia pela primeira vez e com foco em Psicanálise. Dentre as diversas áreas tratadas até agora, precisamos focar neste ponto, apenas um trabalho com o Rap a partir da Psicologia, o que demonstra uma defasagem e a necessidade de se trabalhar mais a partir do uso do Rap e do Hip-Hop.

Se tantas áreas diversas o fazem para estudar o humano, a sociedade, seus entrelaçamentos e efeitos, por que não pode também a Psicologia fazer tal uso? Enfim, o trabalho visa refletir sobre o sofrimento sociopolítico de jovens em situação de vulnerabilidade social e seu lugar na sociedade se utilizando de rodas de conversa com adolescentes negros dentro do Quilombo dos Palmares inseridos na socioeducação.

Por fim, a tese de Júnior (2023), intenta refletir sobre o potencial da pedagogia Hip Hop para a promoção do reconhecimento e da valorização da riqueza da história africana e da contribuição da luta dos negros e dos povos indígenas para a formação da sociedade brasileira.

Em seguida, trocamos o uso do Rap pelo **Hip-Hop junto ao buscador Psicologia** e encontramos seis produções, entretanto, apenas duas não foram encontradas antes, a partir de outros descritores.

<b>DESCRITOR: HIP-HOP AND PSICOLOGIA</b>
------------------------------------------

**Título:** Liberdade cantou! E agora? Um estudo dos (as) egressos/as e das políticas públicas do sistema socioeducativo do Distrito Federal.

**Objetivo:** Analisar a trajetória de egressos(as) do sistema socioeducativo do Distrito Federal, investigando o impacto das políticas públicas em sua reinserção social e as possíveis transformações em suas vidas após o cumprimento da medida socioeducativa;

**Conclusão:** Evidencia os desafios enfrentados pelos(as) egressos(as), apontando limites e possibilidades das políticas públicas no processo de ressocialização, além de discutir a necessidade de ações mais efetivas para garantir autonomia e liberdade real a esses jovens;

**Dados da produção:** SILVA, Ravana do Carmo; Dissertação; 2023; Serviço Social.

**Título:** Entendendo o Homem Negro nos Racionais MCs: uma etnografia lírica.

**Objetivo:** Compreender as representações do homem negro nas letras dos Racionais MCs, utilizando a etnografia lírica para analisar como as narrativas do grupo constroem identidades, experiências e resistências dentro do contexto social brasileiro;

**Conclusão:** Conclui-se que as letras dos Racionais MCs oferecem um retrato complexo do homem negro, abordando questões como racismo, violência, exclusão social e luta por dignidade, reafirmando o rap como um espaço de expressão e resistência;

**Dados da produção:** GOMES, Vitor Moraes; Dissertação; 2019; Antropologia.

A primeira dissertação (Silva, 2023), visa contribuir para a construção do conhecimento acerca da formulação de políticas públicas voltadas à promoção de egressos/as privados/as de liberdade oriundos/as do sistema socioeducativo do Distrito Federal. Busca a transformação das pessoas pela vivência em privação de liberdade e pelas linguagens da Cultura Hip Hop construídas em tal condição.

A produção seguinte (Gomes, 2019) objetiva compreender quem é o homem negro construído pelos Racionais, qual sua relação com a sua quebrada e com seus pares, de que forma constrói laços de alteridade e solidariedade e como tudo isso influencia na hierarquização das masculinidades dentro do território idílico que o grupo constrói. Importante observar que esta é a primeira produção que, de algum modo, questiona e reflete sobre masculinidades a partir do Rap.

Modificamos mais uma vez os buscadores, desta vez para **Rap AND Cartografia**, para pesquisar trabalhos que se utilizem do método cartográfico a partir do uso do Rap. Encontramos cinco resultados, destes, quatro ainda não foram observados anteriormente, ao todo, três dissertações e uma tese.

<b>DESCRITOR: RAP AND CARTOGRAFIA</b>	
<p><b>Título:</b> A polifonia visual do hip-hop paulistano: cartografia de escutas sobre os MC's Criolo e Emicida.</p> <p><b>Objetivo:</b> Mapear e analisar a polifonia visual do hip-hop paulistano por meio das narrativas e estéticas dos MCs Criolo e Emicida, explorando como suas obras constroem representações e discursos sobre a cidade, a periferia e a identidade;</p> <p><b>Conclusão:</b> Evidencia que Criolo e Emicida articulam múltiplas vozes e referências visuais em suas produções, construindo uma cartografia simbólica da periferia paulistana;</p> <p><b>Dados da produção:</b> CARVALHO, João Paulo Toledo de; Dissertação; 2024; Comunicação.</p>	
<p><b>Título:</b> Territórios negros: cartografias e etnicidades na experiência do Rap paulistano (1970-1990).</p> <p><b>Objetivo:</b> Mapear as territorialidades negras no contexto do rap paulistano entre as décadas de 1970 e 1990, analisando como a música e a cultura hip-hop contribuíram para a construção de identidades étnico-raciais e para a afirmação da negritude na cidade de São Paulo;</p> <p><b>Conclusão:</b> Demonstra que o rap paulistano funcionou como uma ferramenta de resistência e afirmação identitária para a população negra, configurando espaços de sociabilidade e reivindicação política. Além disso, evidencia como as cartografias do hip-hop estão atreladas a experiências urbanas racializadas e a dinâmicas de pertencimento territorial;</p> <p><b>Dados da produção:</b> PLÁCIDO, Ricardo do Ó; Dissertação; 2019; Filosofia.</p>	
<p><b>Título:</b> Batalha do Coliseu: uma análise das práticas discursivas e simbólicas no rap a partir do espaço universitário.</p>	

<p><b>Objetivo:</b> Analisar as práticas discursivas e simbólicas da Batalha do Coliseu, explorando como o rap se manifesta e se ressignifica no contexto do espaço universitário, considerando seus impactos na construção de identidades e na dinâmica de pertencimento dos envolvidos;</p> <p><b>Conclusão:</b> Aponta que a Batalha do Coliseu representa um espaço híbrido onde o rap dialoga com a academia, ressignificando narrativas periféricas e promovendo trocas simbólicas entre diferentes universos sociais;</p> <p><b>Dados da produção:</b> ARAÚNO JÚNIOR, Adalberto Almeida de; Dissertação; 2022; Comunicação.</p>	
<p><b>Título:</b> O relevo da voz: um grito cartográfico dos saraus em São Paulo.</p> <p><b>Objetivo:</b> Mapear e analisar os saraus em São Paulo como práticas culturais que articulam oralidade, identidade e território, explorando como essas expressões artísticas constroem uma cartografia simbólica da cidade e das vozes periféricas;</p> <p><b>Conclusão:</b> Revela que os saraus funcionam como espaços de resistência e pertencimento, onde a voz se torna um elemento central na construção de identidades e na reivindicação de direitos;</p> <p><b>Dados da produção:</b> GOMES, Renan Lelis; Tese; 2019; Geografia.</p>	

A primeira dissertação (Carvalho, 2024), da área da comunicação, apresenta um trabalho de reflexão sobre dois dos principais MC's do atual hip-hop paulistano: Criolo e Emicida. Em seguida (Plácido, 2019), na área da Filosofia, evidencia de que modo a cultura hip hop se apropria do espaço urbano.

Na última dissertação (Araújo Júnior, 2022), a partir dos atuais buscadores, na área de Comunicação, investiga se as práticas sociais e discursivas em batalhas de rap (ritmo e poesia) no ambiente universitário, considerando o caso da Batalha do Coliseu, no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal-RN.

Dando sequência, na área de Geografia, a tese encontrada (Gomes, 2019) discorre sobre os saraus contemporâneos em São Paulo, compreendidos aqui enquanto manifestações originariamente periféricas resultantes da consolidação de uma cultura fortemente vinculada à literatura marginal/periférica e ao movimento hip-hop.

Mudamos mais uma vez os buscadores, agora sendo a **Hip-Hop AND Cartografia**, substituindo o Rap. Desta vez obtivemos sete produções, das quais apenas uma não foi vista anteriormente, sendo uma dissertação.

<b>DESCRITOR: HIP-HOP AND CARTOGRAFIA</b>
<p><b>Título:</b> Perifeminas e representações sem fronteiras: entre interseccionalidades e agenciamentos.</p> <p><b>Objetivo:</b> Analisar as representações e os agenciamentos das mulheres periféricas no contexto do movimento Perifeminas, explorando como as interseccionalidades de gênero, raça e classe atravessam suas experiências e produções culturais;</p> <p><b>Conclusão:</b> Evidencia que o Perifeminas atua como um espaço de resistência e afirmação, promovendo narrativas que rompem com estereótipos e ampliam as possibilidades de representação das mulheres periféricas;</p> <p><b>Dados da produção:</b> Cintra, Heloá Barroso; Dissertação; 2019; Literatura.</p>

Na produção (Cintra, 2019), que se encontra na área da Literatura, um estudo de gênero, e trata sobre o feminismo negro pelo Hip-Hop, buscando demonstrar como essas produções constroem redes de solidariedade e expandem fronteiras discursivas dentro e fora da periferia.

Também buscamos publicações com a temática da **Clínica Ampliada AND Psicologia**, contudo, encontramos apenas três publicações com estas temáticas e todas elas voltadas para a atuação do psicólogo junto ao SUS. É um indicativo, já que nos propomos a pensar a dimensão da Clínica Ampliada a partir da dimensão da psicologia clínica, percebendo que não há muitas pesquisas a partir deste olhar.

Finalizando a pesquisa bibliográfica, pudemos observar a multiplicidade de temáticas abordadas dentro e/ou a partir do escopo do rap e do hip-hop. Geografia, História, Linguística, Comunicação, Política, Educação, Letras, Filosofia, Música, são algumas das áreas nas quais encontramos pesquisas relacionadas ao uso do rap.

Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio grande do

Sul, São Paulo, Santa Catarina e Sergipe, são todos os estados dos quais encontramos publicações acerca do rap, seja nas capitais, regiões metropolitanas ou outras cidades, diversas são as localidades e temáticas discutidas a partir das dimensões e dos atores do rap e do hip-hop.

É possível observar, também, a partir deste recorte temporal que há um olhar mais cuidadoso para pensar a sociedade a partir das expressões artísticas contidas nos elementos do hip-hop, em específico na dimensão do rap.

Contudo, é importante mais uma vez levantar a questão acerca da escassez de foco em pautas e na presença feminina nestes campos de estudo. Também, apenas uma pesquisa, em específico, trabalha a questão da masculinidade a partir do próprio espaço do rap. Também encontramos apenas dois estudos realizados em solo pernambucano.

Importa ressaltar que localizamos apenas um trabalho voltado, de fato, a pesquisar a partir do olhar dos povos originários e mais um que se pautou dirigido aos adolescentes do Quilombo dos Palmares, o que também é pouco, frente à necessidade e emergência de reflexões junto às nossas populações indígenas.

E mais importante para nós, precisamos refletir sobre a falta de trabalhos na área da Psicologia junto a este fazer. Apenas um trabalho, voltado para a Psicanálise foi encontrado na presente pesquisa. Certamente há muitos estudos relacionados à periferia, ao jovem que a habita e as dimensões em seu entorno, todavia, através do rap, não encontramos tais produções, o que evidencia a urgência deste estudo unindo tais áreas do saber.

A partir desse lugar conquistado pelo Rap, pretendemos agora fazer seu elo com a psicologia, refletindo sobre qual o caminho que faz com que este se constitua como uma possibilidade de ação clínica. Vamos agora dissertar a partir da clínica psicológica para promover tal diálogo.

#### 4. O RAP COMO POSSIBILIDADE DE CLÍNICA AMPLIADA

A construção desta dissertação girou em torno do rap enquanto possibilidade de ação clínica e promoção de saúde, no contexto da clínica ampliada. Todavia, para chegar a tal ponto, precisamos justificar o porquê de vermos tal necessidade na psicologia.

Frente a outras áreas do conhecimento, a psicologia como campo de estudo é relativamente jovem, de seu rompimento para com a Filosofia e sua configuração enquanto ciência positivista são apenas alguns séculos de construção. O contexto em que começa a ganhar força é justamente na necessidade da afirmação do eu, de controle do humano, frente a saberes que antes eram tomados como centrais.

Inicialmente, a psicologia se constituiu como uma tecnologia de individualização, quer dizer, emergiu mais como uma “ciência positiva” do que como uma subcategoria da filosofia quando mudou suas responsabilidades da teoria geral da mente para um campo prático: a criação de mentes calculáveis e de indivíduos administráveis. Isso ocorreu em um espaço problemático específico, formado por demandas crescentes de que os indivíduos deveriam ser administrados, ou distribuídos em regimes particulares, tarefas ou tratamentos, de acordo com suas habilidades – na escola, no trabalho, no exército, no sistema de justiça (Rose, 2008, p. 156).

Com o fim da era medieval, a chamada idade média, Deus deixava de ser o centro de tudo na sociedade ocidental, logo, algo ou alguém precisava ocupar esse posto e foi em meio a diversas correntes de pensamento, como o iluminismo e o positivismo que o Homem passa a ocupar o lugar central no pensamento ocidental.

Compreendemos que o início dos estudos sobre “subjetividade” e “identidade” no chamado mundo ocidental é concomitante ao início das chamadas Ciências Humanas. Tradicionalmente, estas são vistas como caudatárias de um desenrolar histórico com sede na Europa, em que o desenvolvimento do pensamento humano e a crescente ênfase na razão trazem o homem para o centro das atenções das ciências, afastando os paradigmas cosmológicos – na Antiguidade Clássica – e teológico – na Idade Média (Alves, Delmondez, 2015, p. 645).

Em meio a essa grande mudança de paradigma, também estava acontecendo, por meio das grandes navegações, a expansão e conquista europeia frente a outros continentes e culturas, logo o homem europeu precisava de alguma forma se afirmar frente a tantas culturas e povos diversos que estava começando a encontrar em seus caminhos.

Tendo sido colonizados por uma branquitude-patriarcal-europeia, ficou identificado como sendo bom, inteligente ou relevante a criação do colonizador, inclusive e, talvez principalmente, sua produção de conhecimento. Como desdobramento dessa colonização do pensamento, homens-brancos-europeus foram tomados como sabedores das questões filosóficas, existenciais, políticas, econômicas, artísticas e psicológicas de todos os povos (Veiga, 2019, p. 245).

Um dos principais nomes que foi utilizado para tal justificativa foi o do pensador René Descartes, a partir de sua afirmação *cogito ergo sum* (penso, logo existo), indicando que era preciso pensar para existir. Diante disso, como o homem europeu, a partir do que passou a chamar de conhecimento, ele mesmo era o portador, logo, era o pensante, frente a outros povos que, por não serem considerados pensantes, eram considerados menos humanos, precisando, então, que um ser superior os ensinasse a pensar.

Tal lógica foi justificativa para as invasões nas Américas e consequente dizimação dos povos originários ali habitantes, a escravização de diversas populações africanas para trabalhos braçais e domésticos, pois todos se encontravam à margem do que era dito como um ser que pensa.

Essa dinâmica de produção de conhecimento ao mesmo tempo que privilegia determinados lugares de fala, supostamente neutros e objetivos, também desvaloriza os saberes daqueles que estão ao sul do globo, não brancos e mulheres. Os homens reconhecidos pela estrutura colonial monopolizam a definição do que é o conhecimento verdadeiro e em articulação com as dimensões de colonialidade do poder e colonialidade do ser estabelecem, a partir de seus referentes, o que é o melhor para o restante da humanidade (Menezes, Lins e Sampaio, 2019, p. 2).

A colonização dos diversos povos e culturas pelo globo estavam agora justificadas na humanização daqueles ditos selvagens e inferiores. A ironia nisso tudo é que, para aqueles que se diziam superiores, precisavam matar, escravizar e cometer diversas atrocidades para impor o seu pensamento, o que, a meu ver, contradiz com qualquer afirmação de que esse tipo de conduta venha de quem se diz superior. A construção de uma narrativa dominante afirmou a Europa e seus intelectuais como sujeitos do conhecimento, tornando o resto do mundo seu outro subjugado. (Spivak, 2010)

O mito da modernidade baseia-se na noção – ainda que inconsciente – de uma superioridade europeia, que a obriga a desenvolver-se cada vez mais (falácia desenvolvimentista) e impor esse desenvolvimento ao bárbaro atrasado e inferior. Tão forte é essa obrigação moral que a violência poderia ser usada contra aqueles que se opunham ao processo civilizador, quando então essa violência seria um ato inevitável, quase sacrificial (Alves, 2015, p. 656).

Maldonado-Torres em sua obra sobre a Colonialidade do Ser: Contribuições para o desenvolvimento de um conceito (2022), sinaliza que para o *Ego Cogito* de Descartes, a condição de existência deste é o *Ego Conquiro*, o eu conquisto, que dialoga com a lógica de dominação europeia: preciso sobrepujar aos outros para que meu eu seja soberano.

Ainda dialogando a partir de Maldonado-Torres, este vai beber dos autores Anibal Quijano e Walter D. Mignolo para nos familiarizar com o que é chamado de Colonialidade do poder e do saber e, como traz a obra em questão, a colonialidade do ser. Todas estas questões

nos trazem a reflexão sobre o efeito trazido pela colonização europeia às diversas culturas mundo afora, principalmente nas Américas.

A ciência produzida a partir do pensamento positivista foi feita a partir destas afirmações, tendo a Europa como centro, o eu europeu se pôs como centro e padronizou o conhecimento para todos os campos do saber. Logo, o que não era passível de ser pensado a partir de seus referenciais não poderia ser classificado como ciência. E assim foi criado o projeto da modernidade.

O projeto de colonizar a América não tinha apenas significado local, muito ao contrário, esse projeto forneceu o modelo de poder ou a base mesma sobre a qual se montaria a identidade moderna, aquele que se transformaria, então, em uma identidade inequivocamente ligada ao capitalismo mundial e a um sistema de dominação estruturado em torno da ideia de raça. Esse modelo de poder está no coração da experiência moderna. A modernidade, usualmente considerada como produto seja do Renascimento europeu seja da ilustração, tem um lado obscuro que lhe é constitutivo (Maldonado-Torres, 2022, p. 15).

A psicologia não fugiu deste caminho. Para ser considerada como ciência precisou se amparar em saberes quantitativos, passíveis de observação, palpáveis, o que a longo prazo se tornou um problema, pois até os dias atuais vemos correntes da psicologia que se baseiam apenas no comportamento humano observável, em detrimento das fissuras da nossa existência, o que, de fato nos constitui enquanto humanos.

Inicialmente, a psicologia firmou sua base no controle do humano, a partir do saber da medicina, um pensamento preditivo e diagnóstico. A psicologia se torna, então, mais um saber afirmativo de um sujeito padronizado com base no que era tido como regra naquele momento – o homem europeu; logo, tudo que não se encaixava nessas realidades precisava ser silenciado, tamponado, controlado, ou seja, tudo que não era característico daquele humano precisava se tornar tal.

Desse modo, a Psicologia nasceu com essa vertente positivista, como um saber preditivo e diagnóstico, tendo como principal preocupação no âmbito dos estudos a sua colocação como ciência, com a neutralidade, como base para entendimento da criminologia, da loucura, da colocação do homem no local de trabalho, visando à adaptação e ao ajustamento tanto na área da escola quanto dos institutos psicométricos (Dettmann, Aragão e Margotto, 2016, p. 364).

Tudo o que é tido como basilar para a Psicologia, provinha tradicionalmente de escolas europeias e norte-americanas, que, detinham as premissas do que entendemos como ciência psicológica. A partir disso, percebemos o quanto ainda funcionamos por uma lógica colonizadora, na qual tudo que vem deles é bom, já vem pronto, constituído, nós só precisamos copiar e aplicar, pois não podemos, com nossos próprios saberes, construir algo.

Como já dito, podemos observar que desde seus primórdios a psicologia e seus saberes sempre foi utilizada em uma dimensão de mensuração e controle do humano, tornando-se a base criada para se pensar sobre o sujeito, base essa tida como a correta, a padrão. Que, por muito tempo e ainda atualmente, se não houver uma profunda reflexão do fazer psicológico que estamos praticando, é possível cairmos em tal forma de pensamento controladora e psicologizante.

A psicologia e as linguagens da psicologia construíram um senso comum na Europa e na América do Norte, na Austrália, na América Latina e em muitos outros lugares. O treinamento psicológico afetou profissionais de orientação de crianças, de trabalhos sociais, e mesmo de administração de recursos humanos. No processo, nossas muitas ideias do “self”, da identidade, da autonomia, liberdade e da realização pessoal foram reformadas em termos psicológicos (Rose, 2008, p. 155).

O saber psicológico que outrora havia se derivado do pensamento filosófico acerca do homem, agora se distanciava deste, sujeitando-se ao controle daqueles que solicitavam sua existência naquele momento. Isso fica ainda mais visível em território brasileiro, onde a Psicologia vai se firmar como profissão em meio a uma ditadura militar<sup>4</sup>, que utilizou dos seus saberes para manter-se frente aos que questionavam sua validade.

Por bastante tempo os saberes psicológicos foram utilizados para validar violências, alienações e morais deturpadas ligadas a grupos que buscavam controle social. Segundo Bock (2003, p. 17), a psicologia no século XIX serviu à higienização da sociedade. - Os problemas sociais eram lidos a partir dessas perspectivas e a higienização social almejada era obtida, se não pela educação, pela reclusão dos “imorais” em asilos higiênicos.

Entretanto, isto não é exclusivo da psicologia, tomando como exemplo o regime nazista alemão, o fascismo italiano, entre outros, todos os saberes à época precisavam estar à disposição do pensamento moderador vigente, como também pensadores com lógica higienista se utilizavam do que diziam ser ciência para corroborar com seus escritos.

A tradição da Psicologia, no Brasil, tem sido marcada pelo compromisso com os interesses das elites e tem se constituído como uma ciência e uma profissão para o controle, a categorização e a diferenciação, poucas tem sido as contribuições da psicologia para a transformação das condições de vida, tão desiguais em nosso país (Bock, 2003, p. 16).

Diante disso, é possível observar como a psicologia foi utilizada como um pensamento de massa, e ao mesmo tempo individualizante, que serviu para padronizar todos os indivíduos, negando as diferenças que os constituem, mas se valendo destas para excluir aqueles que não se encaixavam à norma padrão. Barbosa (2012) demonstra como algumas correntes da

---

<sup>4</sup> O período da ditadura militar no Brasil durou do ano de 1964 a 1985.

psicologia voltadas ao comportamento ganharam força justamente nesse período, para controle das massas e dos corpos de diversos modos.

A lógica colonial ainda é forte em nossa sociedade, ainda nos é constitutiva e, quando não questionamos padrões que nos são impostos, estamos sujeitos a reproduzir realidades que muito nos violentam e pouco falam sobre nós. Tal lógica colonial, infelizmente, ainda nos diz muito sobre nossa sociedade, nosso modo de viver e nossos meios de existência.

A violência colonial foi física e epistemológica e apesar da colonização strictus sensu ter acabado, ficaram seus efeitos em termos de padrão cultural branco/europeu como organizador do mundo, da vida e do pensamento. A racionalidade europeia originária do iluminismo ainda respinga seus resquícios sobre nós e continua a impor um projeto colonial que envolve aspectos econômicos, políticos, sociais, cognitivos e subjetivos (Menezes, Lins e Sampaio, 2019, p. 2).

Diante disso, faz-se necessário diariamente romper com tantos padrões impostos para, de fato, produzir saberes que falem sobre o humano para além de convenções determinísticas. Precisamos, para além dos autores já conhecidos do Norte global (Estados Unidos e Europa), estudar e disseminar saberes de autores advindos do Sul global (América Latina como um todo, África), principalmente valorizar e corroborar com aqueles produzidos em terras tupiniquins.

É preciso questionar de onde partiu a psicologia para construir padrões do que é ser humano, é preciso questionar onde está a diversidade sociocultural nesse espaço, as diversidades geopolíticas, as realidades constitutivas que são tão diferentes entre si, mas que não deixam de falar do humano. É preciso questionar e refletir sobre os binarismos sociais que nos foram apresentados como o “normal”.

Cabe nos perguntarmos que: A “saúde mental” também não está no corpo? Que violência física que não é, ao mesmo tempo, psicológica e vice-versa? Elaborar a complexidade dessas relações para além da simplificação que o binarismo traz é fundamental no sentido de uma reparação das feridas coloniais, ainda abertas, na terra e nos animais (humanos ou não). (Nuñez, 2022, p. 51).

Assim sendo, nossa compreensão acerca da psicologia dialoga com autores que vão além de um psicologismo cientificista, que entendem o humano para além da dimensão apenas psicológica, mas compreendem o mesmo a partir de um olhar social, cheio de nuances. Para além de uma compreensão pré determinista, compreendemos uma subjetividade que não é estática, que está sempre se constituindo, está sempre em movimento, e, é produto de um campo de forças.

E quando ressaltamos a necessidade de valorizar autores e produções do sul global, não significa jogar fora tudo o que foi construído até agora, mas agregar outros saberes para complementar o fazer psicológico, para que ele possa dialogar ainda mais entre si e com outros saberes para cada vez mais falarmos do humano.

Esses debates anticoloniais apontam, ou intencionam apontar, para a possibilidade da criação de estratégias alternativas a esse discurso de dominação, sustentado pela elaboração de um “discurso do subalterno”, construído a margem do sistema colonialista e imperialista. Esse “discurso do subalterno” era uma tentativa de demonstrar que outras narrativas são possíveis, que outras narrativas podem construir outros modos de ver e pensar a realidade social, de refletir sobre essa realidade e, conseqüentemente, romper com as práticas e ideias que estavam instituídas até aquele momento (Martins, 2022, p. 76).

Para fazer tal ruptura e buscar novos paradigmas para compreensão da psicologia e do humano, nos utilizamos de autores ditos pós-modernos, pois buscam eles também, a partir de seus escritos, romper com uma lógica cientificista binária positivista. Autores anticoloniais e decoloniais, autoras feministas negras e, em geral, autoras e autores que buscam questionar a lógica colonial a qual somos sujeitos cultural e socialmente.

Para fazer com que os saberes falem de realidades outras que outrora foram excluídas, precisamos, nós que fazemos parte dessas realidades, que falemos delas. Não precisamos que falem por nós (Spivak, 2010), não precisamos que se coloquem em nosso lugar, pois nós mesmos os estamos ocupando para tratar do que nos foi tirado, do que foi marginalizado, para então, podermos dar ênfase, dar foco e colocar em destaque.

A transformação desses paradigmas tem sido um processo de resistência e institucionalização das epistemologias feministas, decoloniais, pós-coloniais, antirracistas e latino-americanas, fortalecida imensamente nos últimos anos com o ingresso de jovens negras/os, indígenas, periféricas/os, quilombolas, das zonas rurais, jovens que interpelam o suposto modelo universal de humanidade e apontam de dentro das universidades as limitações de perspectivas teóricas que concebem o sujeito como produção fragmentada e alheia da sociedade (Gonzaga, 2022, p. 158).

Podemos constatar, segundo Martins (2022) que essa mudança pode ser observada por um aumento significativo da produção em psicologia sobre temáticas que não constavam dos nossos currículos de formação, temas considerados “marginais” e que agora estão sendo enfatizados, aos poucos, dentro das universidades.

Saberes que antes eram nomeados como não fazendo parte do campo de atuação da psicologia, relegando-os a outras disciplinas das ciências humanas ou sociais (sociologia, antropologia etc.), como se a psicologia fosse uma ciência apartada desses outros campos, sem nenhum vínculo ou articulação possível. (Martins, 2022, p. 77)

#### **4.1 A noção de Clínica ampliada e o rap enquanto possibilidade de ação clínica e promoção de saúde**

Diante do que foi apresentado, observamos a psicologia desde seu surgimento enquanto ciência servindo a verdades absolutas e buscando reduzir o humano a um mero conjunto de comportamentos, dissoluto e distante das diversas realidades que entrecruzam a nossa existência enquanto sociedade. Com isso, propomos a discussão de uma noção de clínica ampliada para a psicologia, buscando, com isso, ampliar o leque de saberes que nos perpassam, enriquecendo o estudo sobre a experiência do existir humano.

Entendemos a necessidade de trabalhar a partir de uma clínica ampliada em Psicologia para romper com os tradicionalismos acachapantes que engessam saberes e os impedem de questionar e refletir sobre suas certezas, as transformando em verdades absolutas.

Colocamos também o espaço da experiência clínica como espaço para questionar, refletir, romper com verdades absolutas e buscar compreender a experiência da existência em sua multiplicidade. Desse modo, a clínica, assim como outros fazeres da psicologia, se constitui como lugar de transformação, de mudança, de movimento.

Gilberto Safra, em seu texto “Po-ética na clínica contemporânea” (2004), nos traz a dimensão da ética como um caminho possível para uma compreensão mais ampla da clínica contemporânea, que vai abranger as diversas dimensões da nossa sociedade para além de uma visão psicologizante do fazer clínico.

O autor, ao tratar sobre a "pó-ética" na clínica contemporânea, parte de uma premissa fundamental: estamos vivendo uma crise do sujeito. Isso se refere ao enfraquecimento das certezas sobre a identidade, sobre o que constitui o “sujeito”, e sobre a própria ética. Safra faz uma crítica à noção moderna de sujeito, fortemente influenciada pela filosofia e pela psicanálise, que antes via o sujeito como um ser com uma estrutura estável e uma identidade fixa, bem definida.

O uso do termo identidade é proposital. Compreendemos identidade a partir de uma noção estática sobre o sujeito, algo que, uma vez definida, não se é passível de mudança. Diferente desta noção, ao utilizar o termo subjetividades, principalmente no plural, tratamos sobre o ser não como algo estático, mas passível de mudanças, pois este ser afeta e é afetado por tudo que o cerca. Subjetividades se constituem a partir da noção de movimento, não é algo pré-definido, pois, com as mudanças da sociedade e experiências vividas no dia a dia, a subjetividade do ser vai se configurando junto, se fazendo e refazendo a partir dos novos cenários que se apresentam.

Entretanto, o uso do termo “identidade” não será excluído deste projeto, pois ao escolher pela sua utilização estamos compreendendo identidade como algo político. Identidade negra, identidade indígena, identidade quilombola, entre outros, se fará importante, pois, ainda que a

compreendamos como algo múltiplo, heterogêneo, ao afirmar o seu uso, estamos reafirmando-o como um ato político de afirmação da existência de um povo.

A partir disso, na clínica contemporânea, o sujeito não é mais visto como uma entidade autossuficiente, mas como um ser fragmentado, multidimensional e em constante transformação. Essa visão reflete uma ética que também está em processo de fragmentação e dissolução: não há mais um conjunto rígido de normas ou um único referencial ético que oriente a prática clínica

O conceito de pó-ética desenvolvido por Safra se opõe à ideia tradicional de uma ética universal, que seria aplicável de forma absoluta e para todos. A "pó-ética" está relacionada a uma ética fluida, que não se fixa em regras estanques ou em uma moral que precisa ser seguida sem questionamento.

Ela remete a um movimento de desconstrução da moral tradicional, à aceitação da incerteza e da contradição. Essa ética da fragmentação e da pluralidade coloca em questão as definições tradicionais e estanques de certo e errado, propondo uma abordagem mais relativista e aberta ao reconhecimento das múltiplas dimensões do ser humano e das situações que ele vivencia.

Safra discute ainda a responsabilidade ética do profissional psicólogo que, na clínica contemporânea, não deve se limitar à aplicação de um saber técnico, mas envolve um compromisso profundo com o processo de subjetivação do paciente. Essa responsabilidade não é apenas individual, é sobretudo social, no sentido de que o psicólogo precisa estar ciente dos aspectos coletivos que influenciam o comportamento e a saúde mental dos indivíduos.

O autor enfatiza a importância do encontro ético entre o terapeuta e o paciente. Ele destaca que, na clínica contemporânea, o terapeuta não pode mais tratar o paciente como um objeto a ser analisado ou modificado, mas como um sujeito com quem ele estabelece uma relação única e intransferível.

Essa ética do encontro é relacional e se constrói a partir da responsabilidade mútua. O psicólogo precisa estar aberto ao outro, entendendo que a ética na clínica não pode ser reduzida a um conjunto de normas, mas deve emergir da interação entre as partes. O encontro entre o terapeuta e o paciente deve ser fundamentado no respeito pela alteridade e na acolhida do sujeito como um ser único e irrepitível.

Embora tratando da psicanálise, Safra busca ampliar nossa compreensão acerca do pensamento em psicologia, pois, para além dos conceitos já pré-estabelecidos em cada corrente, busca aproximar tais saberes da condição humana, inclusive referenciando autores alemães

como Heidegger, Arendt e Lévinas, e filosofia russa, a partir da discussão do termo *Sobornost*<sup>5</sup> para fazer suas reflexões.

*Sobornost* aparece como um conceito que ilumina a necessidade de uma ética do cuidado que não seja individualista, mas que compreenda o sujeito em sua relação viva com o outro. Essa perspectiva desafia modelos éticos reducionistas e instrumentalistas, enfatizando a importância da presença, do acolhimento e da alteridade na prática psicológica.

Podemos, então, assim como Safra, buscar compreender e ampliar os saberes psicológicos para além de suas teorias, entender que sim, podemos e devemos ler os autores originais, europeus, todavia, devemos, ainda mais, ler as reflexões regionais de autores e para além deles. Ler Epistemologias outras que partam do Sul global e, quando ler os autores clássicos, buscar reflexões locais para suas teorias.

Dettmann, Aragão e Margotto (2016) ressaltam que a clínica, enquanto prática da Psicologia por excelência, ocupou também uma nova forma política, onde são problematizadas as relações de forças e estratégias de gestão e investimento da potencialização da vida, tendo em vista o seu posicionamento ante os efeitos produzidos pelas ações.

Ainda segundo Dettmann, Aragão e Margotto (2016, p. 362)

Nessa perspectiva ampliada da Clínica, que ultrapassa muito além do indivíduo, e compreende as questões coletivas e políticas, observou-se as relações e jogos de poder que circulam nas políticas de gestão e controle da vida, assim como as práticas de resistências que se constroem, cotidianamente, nesses espaços

Para Ferreira Neto (2008), A proposta de trabalho da clínica ampliada visa superar a clínica tradicional e a dissociação entre reabilitação psicossocial de um lado e clínica de outro. Para isso propõe uma redefinição do objeto, do objetivo e dos meios de trabalho de assistência individual, familiar e de grupos. Quando estamos tratando sobre clínica ampliada, partimos do ponto de dissolução de uma noção de clínica psicológica psicologizante, tradicional, no sentido de algo estático, não mutável. Do contrário, a clínica ampliada pressupõe movimento.

Segundo Estellita-Lins, Oliveira e Coutinho (2008), a importância de conceber e praticar uma clínica ampliada em saúde mental não somente se beneficia da problematização de dicotomias clássicas como indivíduo e sociedade, público e privado, casa e rua, assim como da necessidade de discutir categorias ligadas à saúde mental como alteridade, dependência, autonomia e reabilitação.

---

<sup>5</sup> O termo *sobornost* é de origem russa e tem uma raiz na tradição filosófico-religiosa eslava, especialmente no pensamento cristão ortodoxo. Ele pode ser traduzido como "conciliaridade", "comunhão espiritual" ou "coletividade orgânica". O conceito expressa uma forma de unidade que não apaga a individualidade dos sujeitos, mas, ao contrário, os integra em uma coletividade baseada na liberdade e no amor.

O diálogo e prática a partir da perspectiva da clínica ampliada entende o humano com um ser de multiplicidades, de movimento. Rompendo com uma noção de clínica que separa a saúde mental do resto da existência, trazemos a importância de afirmar que falar de saúde mental é também falar sobre justiça social, sobre o meio em que habitamos, sobre o viver em coletivos não deixando de olhar para o singular; em resumo, é um olhar para o humano sem separar as diversas dimensões da vida que o rodeiam.

Vale ressaltar que coletivo e singular são dimensões complementares, pois todos somos seres coletivos, ao passo em que também nos constituímos como um ser singular, não se tratando, portanto, de uma compreensão dicotômica da realidade.

A noção de clínica ampliada busca transformar a prática clínica tradicional, focada exclusivamente no atendimento individual e diagnóstico, para uma abordagem mais integrada e contextualizada, levando em consideração as dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas que influenciam a saúde do paciente. Esse conceito se distancia do modelo biomédico tradicional e adota uma visão mais holística e interligada do ser humano e seu contexto.

Para estruturar o que vem a ser a clínica ampliada, Ferreira Neto (2008) trabalha alguns princípios básicos que a sustentam, sendo eles: 1) A integralidade do cuidado, no qual o cuidado deve considerar não apenas a doença biológica, mas principalmente os aspectos psicológicos, sociais e culturais do paciente. A clínica ampliada propõe uma abordagem holística, vendo o paciente como sujeito ativo e não apenas como objeto de intervenção médica;

2) Interdisciplinaridade, onde o cuidado não deve ficar restrito a um único profissional, mas envolver diferentes áreas da saúde, como psicologia, serviço social, enfermagem, fisioterapia, entre outras, o que nos aproxima de uma integralidade do cuidado. A troca de saberes entre as especialidades enriquece o atendimento e possibilita melhores soluções para os problemas de saúde;

3) Vínculo e acolhimento, pois a relação entre profissional e paciente deve ser baseada no acolhimento, na escuta qualificada e na criação de vínculos de confiança. Isso significa considerar o contexto de vida do paciente, suas necessidades e expectativas no processo terapêutico;

4) Participação do paciente, onde o paciente deve ser protagonista do seu tratamento, participando das decisões sobre sua saúde. A clínica ampliada rompe com a ideia de que o profissional de saúde detém todo o conhecimento e que o paciente é apenas um receptor passivo das orientações médicas, estreitando as relações e aproximando o profissional da pessoa que está a buscar seus cuidados;

5) Abordagem singularizada, afirmando que cada paciente tem sua história, contexto e necessidades específicas, por isso os planos de cuidado devem ser individualizados, melhor, singularizados. O Projeto Terapêutico Singular (PTS) é um dos instrumentos da clínica ampliada, garantindo que as ações de cuidado sejam planejadas de acordo com a realidade e os desejos do paciente;

6) Atenção aos determinantes sociais da saúde, que nos traz que a clínica ampliada reconhece os fatores como moradia, alimentação, trabalho, acesso à educação e redes de apoio social influenciam diretamente na saúde das pessoas. Assim, o cuidado em saúde deve dialogar com políticas públicas e ações intersetoriais para promover melhores condições de vida;

7) Valorização do trabalho em equipe, afirmando que a tomada de decisões e o planejamento das ações devem ser coletivos, envolvendo os diferentes profissionais de saúde e o próprio paciente. O trabalho em equipe fortalece a troca de saberes e melhora a qualidade do atendimento.

A Clínica Ampliada, como proposta de atenção à saúde, desafia a fragmentação do cuidado e propõe um olhar mais humanizado, interdisciplinar e centrado no paciente. Ferreira Neto, ao discutir essa abordagem, enfatiza a necessidade de romper com modelos rígidos e hierárquicos na saúde, promovendo práticas mais inclusivas e baseadas na autonomia, escuta e corresponsabilidade no processo terapêutico.

Abrindo um parêntese, podemos pensar quais das compreensões acerca da clínica ampliada podem ser trabalhadas no rap. Alguns dos elementos possíveis são: a interdisciplinaridade; vínculo e acolhimento; participação do paciente e valorização do trabalho em equipe. Devidas as proporções das temáticas abordadas, podemos pensar em como o rap, mesmo com suas diversas problemáticas, ainda é um lugar que permite, dada a multiplicidade de seus componentes, dar voz a diversas populações e abrir espaço para a discussão de problemáticas sociais e políticas. Mesmo que não se aprofunde em alguns pontos, se constitui como um ponto de partida possível para tais discussões.

A partir dos princípios observados, vemos o quão pobre é fazer uma clínica psicológica no qual a ênfase dada ao psicológico é por deveras exacerbada, deixando de lado as dimensões culturais, econômicas, sociais, religiosas, espirituais, entre tantas outras que entrecruzam nossas vivências.

Podemos afirmar que o foco da clínica ampliada é o bem-estar do indivíduo baseado em compreensões do coletivo, do social. Se retornamos a Gilberto Safra, o autor trata sobre uma clínica da ética direcionada ao singular, mas, com o diferencial de justamente valorizar mais as experiências vividas no coletivo. Importa ressaltar que ambos os autores trazerem a importância

de se olhar tanto para o singular quanto para o coletivo, pois ambas dimensões têm peso na construção subjetiva dos sujeitos.

Essa visão se alinha diretamente ao conceito ético da clínica descrito Safra. Ele defende uma ética relacional, baseada no encontro com o outro e na responsabilidade compartilhada entre profissional e paciente. Assim, tanto na clínica ampliada quanto na clínica da ética proposta por Safra, o terapeuta não se coloca como uma autoridade distante ou como alguém que simplesmente impõe um saber, mas como um sujeito em diálogo com o paciente, que reconhece a alteridade e respeita as experiências e subjetividades do outro.

Ambos os conceitos envolvem uma escuta ativa e sensível, onde o profissional se envolve em um processo de colaboração e construção conjunta de sentidos, em que o paciente não é apenas um objeto de intervenção, mas um sujeito que participa ativamente do seu próprio cuidado e construção da subjetividade. Essa ética do encontro, portanto, é central tanto na clínica ampliada quanto na compreensão ética da clínica.

Ao falar de uma clínica ampliada a partir de uma noção ética do fazer clínico, estamos afirmando que é essencial valorizar a experiência humana, que todos os determinantes sociais influenciam a construção coletiva da sociedade, contudo, influenciam do mesmo modo a construção singular dos indivíduos, quebrando esta noção individualista e partindo para uma visão mais ampla dos sujeitos. Nesse caso, faz sentido quando deixamos de falar em identidade, em indivíduo e trabalhamos a partir de subjetividades.

Guattari e Rolnik (1996) diferenciam o termo *individualidade* do termo *singularidade*, nos quais a individualidade trata de um modo único de existir, criado a partir das culturas de massa, produzindo indivíduos que não questionam nem pensam a realidade em seu entorno, mas apenas reproduzem aquilo que lhes é passado, que nos é lançado em meio a tanta informação, característica da contemporaneidade.

Seguindo a linha, singularidade nos diz sobre um modo de existir que rompe com a lógica de produção individuada, que entende que, por mais que estejamos coexistindo no mesmo espaço e tempo, o meio de encarar a existência é único para cada ser. Essa lógica é tida como produção de subjetividades, no plural, cuja constituição se dá justamente na multiplicidade, nas diversas formas de existência, rompendo com uma lógica de produção de massa de uma única subjetividade, de uma única forma de pensar individualizante.

[...] poderíamos chamar de processos de singularização: uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no

qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (Rolnik e Guattari, 1996, p. 17)

A ação clínica, então, é uma ação da ordem da singularização, são fazeres que rompem com uma tradição individualista e permitem ao sujeito constituir um modo de existir próprio, singular. Ainda, segundo Rolnik e Guattari (1996, p. 25), o sujeito da tradição filosófica e das ciências humanas é encontrado a partir de uma suposta natureza humana e a autora, na contramão, propõe uma subjetividade de natureza industrial, maquinica, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida.

Os autores criticam a ideia de que a natureza humana é algo pré-determinado, um conjunto de características essenciais que definem o ser humano independentemente de seu contexto. Eles argumentam que a natureza humana não pode ser entendida de maneira universal ou estática, pois ela está em constante processo de construção e é moldada pelas condições sociais, políticas e históricas.

Ao invés de um conceito fixo e biológico de natureza humana, eles propõem que a humanidade seja compreendida como um fenômeno que se constrói historicamente. Ou seja, a natureza humana é algo que se constitui ao longo do tempo, à medida em que os indivíduos e as coletividades interagem com o mundo, com outras pessoas e com os processos históricos que moldam as sociedades.

Portanto, quando tratamos a partir de uma suposta natureza humana, buscamos refletir sobre o que constitui o humano. Nossas compreensões, as diversas dimensões da vida da qual fazemos parte, a cultura em que estamos inseridos, entre outras questões. Tratar sobre uma natureza humana é questionar todas as camadas da existência que nos constituem como quem somos.

A partir desta compreensão sobre a natureza humana, adentramos na construção de subjetividade proposta pelos autores. Eles discutem a subjetividade como um processo dinâmico e plural, que não é algo dado de antemão, mas que é constituído em interação com o mundo. Em vez de ver a subjetividade como um "eu" fixo ou dotado de alguma essência, eles a entendem como emergente, sendo constantemente formada e reformada pelas relações sociais e pelas forças políticas e culturais que circulam em um determinado contexto histórico.

Em outras palavras, a subjetividade não é apenas algo interno e individual, mas está entrelaçada com as micropolíticas que acontecem nas relações cotidianas, nos discursos, nas práticas sociais e na história. Essa compreensão amplia o entendimento de subjetividade ao considerar que, para os autores, a subjetividade é formada coletivamente, ligada diretamente aos agenciamentos coletivos que nos rodeiam e entrelaçam.

O olhar aqui proposto para entender o sujeito é possível a partir de uma compreensão ampliada da clínica, que vai entender o sujeito em sua multiplicidade, para além do determinismo tradicionalista das ciências humanas e, em específico, da ciência psicológica. A dimensão do rap vai entrar justamente nesta fissura, no espaço das ações que irrompem com o que é imposto, padronizado, uniformizado e que permitem ao indivíduo singularizar.

Mas as questões culturais e as implicações estéticas são muito maiores. Pois penso que o rap é uma arte popular pós-moderna que desafia algumas das convenções estéticas mais incutidas, que pertencem não somente ao modernismo como estilo artístico e como ideologia, mas à doutrina filosófica da modernidade e à diferenciação aguda entre as esferas culturais. (Shusterman, 1998, p. 144)

A alienação produzida pela cultura de massa também encarcera corpos em lugares pré-definidos, nos ‘ensinando’ o nosso lugar, o lugar do preto, o lugar do nordestino, o lugar do pobre, e aí de nós se ousarmos tentar quebrar tal lógica; afinal, em time que está ganhando não se mexe e se a produção capitalística funciona muito bem do modo que está a funcionar, não há para quê mudar, e se mudar para incluir, continue sendo uma inclusão que exclui (Sawaia, 1998), apenas para se utilizar ainda mais desses corpos.

É através de uma realidade brasileira que se constrói sob o processo extenso da colonização, marginalização e espoliação dos corpos, sobretudo de pessoas não brancas que o movimento hip hop junto ao rap se articulam sob a via cultural desalienante e produtora de novas existências. Conduzindo sua produção narrativa a partir da condição existencial dos sujeitos da periferia urbana, articulando significativamente o desenvolvimento de uma construção vivencial coletiva (de Sousa e de Castro, 2022, p. 144)

Toda ação que convoca o ser a questionar, a pensar sobre si, a refletir sobre tudo que o rodeia, é uma ação clínica. Quando do âmbito daquilo que trata de cuidar da existência, cuidar de si, aquilo que serve para aproximar do singular sem se distanciar do coletivo, há de se afirmar que esta é uma ação clínica de dimensão de promoção de saúde.

E sim, por mais que a psicologia clínica tenha relegado estes outros olhares para o humano à psicologia social, é lugar dela sim, psicologia clínica, de pensar o humano nessas condições. Afinal, de que clínica estamos a falar, que psicologiza o ser e o separa das dimensões sociais da existência para falar do próprio ser? Paradoxal e controverso.

subjetividade bem como processos de singularização vem, desde então, impondo-se como objetos por excelência não apenas da Psicologia Social, mas da própria ciência psicológica – uma nova matriz teórica entra em cena: a desconstrução nietzschiana, a partir do desenvolvimento e aplicação dos trabalhos de Foucault, Deleuze, Guattari e Derrida em termos da dissolução e historicização radical da subjetividade por eles proposta. (Prado Filho, 2011, p. 467)

Do mesmo modo que autores como Foucault, Deleuze, Guattari, Derrida vão questionar a estrutura presente nos saberes sobre o humano, tomamos o mesmo lugar para também fazer

tal questionamento. Nos utilizamos de autores outros para tal colocação, como Fanon (2008, 2022), Kilomba (2020), Spivak (2010), Patricia Hill Collins (2021, 2023), entre outros, no capítulo seguinte, com o intuito de aumentar o escopo em nossa discussão, a partir da perspectiva de autores do sul global, que vivenciam, de fato, em seus corpos a violência que individualiza e cristaliza as existências.

## 5. A NECESSIDADE DE UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL E INTERSECCIONAL DA SOCIEDADE

A emergência destes escritos está na possibilidade de novos olhares para o social que nos rodeia e que estamos inseridos. Por sermos uma nação colonizada, o ideário do colonizador está intrinsecamente ligado às noções de padrões normalizadores e totalizantes do nosso existir. Para desconstruir tal perspectiva, dialogamos junto a autores que discutem, desconstróem esses esquemas e buscam caminhos alternativos de construções subjetivas a partir de lugares outros.

Daí a emergência e necessidade de um olhar decolonial e interseccional para o nosso entorno, pois, a partir disso, podemos de algum modo nos aproximar de nós mesmos sem as amarras coloniais impostas pela sociedade. Para tanto, buscamos, nesta estrofe, dialogar com as ideias de Kilomba (2020), Akotirene (2019), Collins (2021, ), Fanon (2008, 2022), Mbembe (2018), entre outros, para discutir questões antes tidas como verdades absolutas, a partir de um olhar desconstruído da realidade.

Em sua primeira e talvez mais conhecida obra, *Pele negra, Máscaras brancas* (2008), Fanon analisa como os colonizados são forçados a internalizar a visão do colonizador que os vê como inferiores. Esse processo de desumanização e internalização de estigmas raciais leva a uma alienação da própria identidade e à tentativa de se moldar à subjetividade imposta pela sociedade colonial. A figura da “máscara branca” simboliza essa adaptação forçada à cultura e aos valores do colonizador. Os negros tentam conquistar a aceitação dos brancos e, ao fazê-lo, perdem sua própria autenticidade e valores.

Fanon nasceu e viveu sua juventude na Martinica, local colonizado pela França. Todavia, naturalmente podemos trazer seus escritos, de mais de 50 anos, para os nossos dias, pois somos também uma sociedade colonizada por um país europeu, as internalizações diferem quanto a cada cultura colonizadora, mas a perda da noção de si se assemelha em ambos os locais.

Rolnik e Guattari (1996) trazem tal discussão, observando o quanto a máquina capitalística gera subjetividades estáticas, noções individualizantes que nos tornam comuns, que nos fazem perder a singularidade. A partir de tal visão, colocamos a necessidade de processos subjetivos de singularização e de meios que nos façam sair do funcionamento padrão da máquina capitalística para questioná-la e chegar a lugares outros a partir disso.

De volta a Fanon (2008), ele propõe uma nova leitura da psique do colonizado, que é marcada pela opressão, pela dor do racismo e pela perda da identidade. Ele vê esse processo como uma desumanização, já que os colonizados são despojados de suas próprias culturas e sujeitos a um estado de constante subordinação. A partir dessa visão dura e realista, o processo de aproximação junto a si mesmo do sujeito negro se torna possível.

Entretanto, há o outro lado da moeda, no qual o sujeito colonizado internaliza os preceitos coloniais e os toma como verdades absolutas, gerando sofrimentos e desencontros no processo de “tornar-se negro”. Ele observa o desejo de muitos negros de se aproximar do ideal branco, sinaliza que esse desejo é reflexo do poder simbólico do branco e do medo da inferiorização, o que gera frustração e angústia no colonizado. Para ele, a verdadeira libertação só seria possível com a construção de uma nova identidade para os negros, livre das imposições coloniais.

A partir do rap, essas "máscaras" muitas vezes transformam-se em formas de resistência. As letras do rap frequentemente desafiam as normas sociais e revelam as realidades de vida de comunidades marginalizadas. Ao vivenciar o rap, podemos conceber subjetividades singulares que rejeitam opressões e se afirmam enquanto resistência. Ao usar o rap como ferramenta de promoção de saúde, podemos refletir sobre como sua experiência de vida e subjetividade estão ligadas ao processo histórico de marginalização e como o rap pode ser uma forma de expressar essas lutas e resistências.

A partir de sua outra obra, os condenados da Terra (2022), Fanon aprofunda em questões trazidas em *Pele negra, máscaras brancas*. Argumenta que mesmo após a independência política, os povos colonizados continuam a sofrer com as marcas psicológicas do colonialismo. A opressão não se limita ao campo material, mas permeia o campo simbólico, afetando a maneira como os colonizados se veem e se relacionam com o mundo. A luta pela libertação é tanto psicológica quanto política, o que, infelizmente, ainda reflete grande parte das dores e dificuldades encontradas pela população periférica e negra brasileira.

Deivison Faustino (2018), um dos maiores expoentes do pensamento fanoniano no Brasil, trabalha a dimensão da *sociogênese*, conceito encontrado na obra de Fanon, mas que este não aprofunda diretamente. Faustino usa tal conceito para estudar como as condições históricas e sociais, particularmente o processo de colonização e escravidão, moldam a identidade e as subjetividades das populações marginalizadas. Ele argumenta que a identidade das populações negras no Brasil, por exemplo, não é algo dado ou natural, mas sim o resultado de um processo histórico que se construiu a partir da violência, da subordinação e da exclusão.

Segundo Faustino (2018, p. 152), em um primeiro nível da análise, Fanon ressalta o quanto o racismo e a racialização – implícitos à situação colonial – são partes de um processo maior de dominação: a violenta e desigual expansão das relações capitalistas de produção para o mundo não europeu.

Faustino vê a sociogênese como uma forma de entender como as condições históricas de violência, a escravidão e o racismo estrutural continuam a moldar a vida social das populações negras. Essa violência, que não é apenas física, mas também simbólica e cultural, gera traumas profundos e uma luta constante pela afirmação da identidade negra.

Para Faustino, a sociogênese das populações negras está intimamente ligada ao processo de resistência. Ele defende que as práticas culturais e de resistência dessas populações, como o quilombismo, o movimento hip-hop como um todo e o próprio rap, são respostas às condições de opressão e que devem ser vistas como formas de resistência à reprodução das desigualdades históricas impostas aos sujeitos subalternizados.

O rap, enquanto gênero musical, é um produto dessa sociogênese, refletindo as experiências de vida, as lutas e as resistências de uma geração marcada pela violência, pelo racismo e pela desigualdade social.

Passando a Mbembe, em sua obra *Necropolítica* (2018), ele a define como a capacidade de certos regimes de determinar quem pode viver e quem deve morrer. Ele analisa como as políticas de controle das populações, especialmente das populações negras e marginalizadas, envolvem não apenas a repressão física, mas também o controle das condições de vida, como saúde, alimentação, educação e segurança.

Ou seja, Mbembe nos diz sobre um controle dos corpos, fortemente arraigado na dimensão simbólica da existência, o que nos diz sobre o racismo estrutural em nossa sociedade, muito mais forte em sua atuação sutil e silenciosa, moldando nossos modos de ser. Mbembe conecta a necropolítica com o legado do colonialismo, que sempre foi, de certa forma, uma política de controle da morte dos corpos colonizados. O colonialismo não se limitou a uma violência física direta, mas também se estendeu à produção de normas que regulamentam a vida e a morte dos colonizados.

Para Mbembe, a necropolítica continua a existir em muitos estados pós-coloniais, onde as populações negras, indígenas e pobres são sujeitas a políticas que regulam suas vidas e suas mortes. A violência contra esses grupos não é apenas física, mas também simbólica, como no caso da criminalização da pobreza e da violência policial contra jovens negros. Realidade brasileira e que dialoga diretamente com o conceito de sociogênese proposto por Faustino

(2018), pois a internalização dos preceitos coloniais pelo sujeito colonizado seja talvez a herança mais violenta que nos foi deixada.

Mbembe amplia a análise de Fanon ao trazer a necropolítica, a política da morte, que descreve como certas populações são condenadas à morte ou à morte social. É possível observar como a necropolítica também se configura como uma continuação das formas de opressão que começam no período colonial. A necropolítica é um caminho para entender a realidade, de que formas a sociedade moderna ainda pratica formas de "matar" o outro, seja através de violência física, marginalização ou genocídio social.

Ampliando nossa discussão, trazemos Grada Kilomba a partir de sua obra *Memórias de Plantação* (2020). Nela, Kilomba examina as formas como as memórias coloniais são transmitidas e como elas ainda afetam as gerações contemporâneas, argumentando que a história do colonialismo e da escravidão não é apenas um trauma individual, mas um trauma coletivo que se manifesta nas formas de subordinação e opressão ainda presentes.

A política da morte, além de controlar os corpos individuais, a partir de um controle silencioso, também traz tal violência para a dimensão coletiva, na qual os meios de opressão são compartilhados e vividos por diversos povos, cada um em sua própria especificidade, mas não deixando de ser um meio de controle destes.

Kilomba explora a psicologia do racismo e como a colonização gerou uma visão distorcida e desumanizadora dos corpos negros que continua a se refletir nas relações sociais e nas experiências cotidianas. Ela defende que a luta contra o racismo deve ser também uma luta pela reconciliação com essas memórias, permitindo que as populações negras se reconectem com suas próprias histórias e identidades. Para enfrentar as amarras coloniais, se faz necessário antes de tudo conhecê-las e identificá-las para, a partir daí, compreender e buscar meios alternativos de enfrentamento.

Kilomba propõe que as vozes dos negros e das mulheres negras precisam ser ouvidas e reconhecidas, já que suas experiências foram sistematicamente silenciadas pelas narrativas dominantes. A revalorização das histórias e experiências dessas populações é uma forma de resistência e de cura. Forte discurso em muitos raps e por muitos artistas, a valorização do sujeito negro e enaltecimento da cultura negra é uma possibilidade dessa retomada de memórias.

Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negras/os residem: “você tem uma perspectiva demasiado subjetiva”; “muito pessoal”; “muito emocional”; “muito específica”; esses são fatos objetivos?”. Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. (Kilomba, 2020, p. 51)

O ato de escrever se torna um potente meio de resistência. Podemos associar o ato de escrever, segundo Kilomba, ao ato de fazer um rap. Segunda a autora, eu sou quem descreve minha própria história, não quem é descrita por ela. Escrever, portanto, emerge como um ato político. (2020, p. 28)

Ao utilizar o rap e a cultura hip-hop como forma de expressão, há a possibilidade de explorar as memórias de opressão e trauma, reconhecendo as formas como essas memórias afetam nossa saúde mental e constituição subjetiva e criar novas narrativas. O rap pode ser uma maneira poderosa de permitir que os sujeitos resgatem sua história e se conectem com as memórias de resistência e luta que foram historicamente marginalizadas.

Dialogando a partir de Faustino, podemos refletir sobre como as condições sociais e históricas e como a escravidão e o racismo estrutural moldam as subjetividades de grupos oprimidos, sendo que essas subjetividades estão sempre marcadas por essa violência e, também, pelas resistências a essas mesmas violências.

Kilomba amplia a discussão de Faustino, ao trazer para o centro a ideia de memória e trauma colonial. Ao conectar este trauma à ideia da sociogênese, observamos como a constituição das subjetividades negras também está ligada à necessidade de curar traumas históricos, também à resistência das populações negras em afirmar suas histórias e existências diante de uma sociedade que tenta apagá-las. A memória colonial e a reinterpretação dessa história também podem ser vistas como formas de resistência ao racismo estrutural impregnado.

Para unir diversos conceitos sem deixar de valorizar suas especificidades, recorremos a Collins (2021) e Akotirene (2019), nos trazendo um olhar interseccional, multifacetado das realidades enfrentadas pelas populações negras e periféricas. Diante disso, buscamos possibilidades de resignificação frente à realidade colonial internalizada e a nós mostrada como único viés possível de existência.

Collins desenvolve a interseccionalidade como uma ferramenta para entender como as diferentes formas de opressão - racismo, sexismo, classismo, homofobia - interagem e se reforçam mutuamente, criando formas únicas de discriminação. Para ela, é impossível entender a experiência das mulheres negras sem considerar como essas múltiplas opressões se cruzam. Ampliamos este lugar para além das mulheres, também para o homem negro e para os sujeitos periféricos em geral.

Já Akotirene (2019) aplica o conceito de interseccionalidade ao contexto brasileiro, observando como a experiência das mulheres negras no Brasil é marcada por uma combinação de opressões raciais, de classe, de gênero e de sexualidade. Argumenta que para entender as

condições de vida e as práticas de resistência da mulher negra no Brasil, só é possível ao se considerar todas essas dimensões simultaneamente.

A autora ainda critica o silenciamento das experiências das mulheres negras nas narrativas acadêmicas e sociais dominantes. Ela defende que a interseccionalidade é uma forma de visibilizar essas vozes e dar espaço às experiências e estratégias de resistência dessas mulheres. Não podemos, mais uma vez, deixar de ampliar o conceito, pois, se aplica às mulheres negras sim, mas também aos homens negros, aos povos originários e quilombolas do nosso território, além, claro, de ser realidade nas diversas periferias pelo Brasil.

As autoras e autores aqui apresentados nos oferecem uma perspectiva profunda e crítica sobre as questões do racismo, da opressão, da colonização e da luta por justiça e liberdade. Suas teorias e análises nos ajudam a entender as complexas dinâmicas de poder que estruturam as sociedades contemporâneas e as diversas formas de resistência que surgem frente a essas opressões.

A interseccionalidade enfatiza como múltiplas formas de opressão se entrelaçam e afetam a experiência dos indivíduos. O rap, como gênero musical, é um reflexo disso, pois os rappers frequentemente falam sobre suas experiências de racismo, violência de gênero, marginalização, realidade econômica e muitas outras formas de opressão que se combinam de maneiras complexas.

Dessa forma, pelo Rap, a favela se apropria daquilo que é seu por direito e que historicamente lhe tem sido negado: o direito à voz, à ocupação do espaço público e à publicização das formas e estilos de vida periféricos. Configura-se, assim, a tomada de mais um campo em que a periferia ainda não tinha acesso e, dessa forma, logramos entender a função educativa e o método informal de (in)formar do Rap em suas buscas por transformações e ocupação de novos espaços de resistência. (De Oliveira, Sathler e Lopes, 2020, p. 14)

Pelo que foi trazido, compreendemos como o pensamento decolonial é central para repensar as estruturas de poder, que continuam a ser fortemente influenciadas pelo colonialismo, racismo e patriarcado. A postura decolonial propõe um rompimento com as formas de conhecimento e práticas que emanam do Ocidente colonial europeu, buscando revalorização das culturas, das epistemologias e das práticas dos povos colonizados. Ao unir as ideias dos autores trabalhados, entendemos como a postura decolonial é essencial para entender e desafiar as estruturas opressivas ainda presentes na sociedade.

Ao utilizar do rap como um veículo de expressão, é possível promover a consciência sobre como as condições sociais e históricas moldaram nosso comportamento e identidade, oferecendo uma oportunidade para o sujeito que se coloca questionar as narrativas impostas sobre si e construir uma subjetividade capaz de resistir a essas forças.

Talvez seja na música que tenhamos visto os nossos exemplos mais autênticos de continuidade. Inquestionavelmente, os espirituais que são sinônimos de arte elegante, os blues que falam de nosso pathos, e o jazz que reflete toda a complexidade da nossa forma de criar e comunicar, são legados de nossas memórias épicas. As formas musicais representam uma continuidade com os rituais e com as formas de representar da África Ocidental. (Assante, Apud Dias, 2020, p. 134)

A interseccionalidade complementa o olhar decolonial ao reconhecer que as opressões não são isoladas, mas sim entrelaçadas. Em um mundo pós e ainda colonial, os sujeitos estão imersos em uma rede complexa de opressões que não pode ser compreendida apenas por uma única lente. A interseccionalidade oferece uma maneira mais precisa de compreender como essas opressões se cruzam e afetam as experiências de vida dos sujeitos, especialmente daqueles que são multiplamente marginalizados.

A psicologia, diferente destes caminhos, tradicionalmente tendeu a adotar perspectivas universalistas que, muitas vezes, não levavam em consideração as especificidades culturais e históricas das populações oprimidas. Para um caminho possível a partir da realidade multifacetada da sociedade brasileira, é fundamental adotar uma postura decolonial e interseccional, ou seja, reconhecer as particularidades das experiências e realidades dos seres e integrar tais caminhos e encontrar caminhos possíveis.

Ao entrar nos textos de Hip-Hop, os professores vão se deparar com assuntos que estão relacionados à raça, gênero, sexualidade, entre outros, colocando em xeque os traumas, os medos e até mesmo os princípios éticos de cada um. Para tanto, é preciso que o professor também passe por um processo de ruptura e decolonização de sua mente, assim quando os jovens expuserem tudo em público, o docente estará preparado para fazer um exercício de escuta e de respeito aos limites individuais de cada um. (Dias, 2020, p. 171)

O rap como ferramenta de denúncia e exposição das vicissitudes do sistema e da existência, se torna um expoente das realidades enfrentadas pela população periférica brasileira. Além de ter nascido neste contexto, ainda se constitui enquanto forte potência artística criativa que, além de falar da dura realidade, ainda se mostra como lugar de encontro coletivo de semelhantes e, sobretudo, um lugar que acolhe tantos que se encontram inicialmente em não-lugares.

## 6. HÓDOS-METÁ: A RUA É O CAMPO, UM CAMINHAR POSSÍVEL

O caminho a ser trilhado tem por base pressupostos ancorados na abordagem cartográfica, a partir de Passos *et al* (2015), pois compreendemos que a partir deste caminho metódico é possível unir um rigor metodológico junto à compreensão de que a pesquisa se dará durante o caminhar.

Ao modo de uma pesquisa-intervenção, utilizamos da possibilidade do diário de campo para registrar nossa trajetória no território-rua e junto aos colaboradores, com as possibilidades de construção de uma roda de conversa. Contudo, como explicaremos durante a escrita, apenas foi possível trilhar a caminhada a partir de entrevistas individuais, bem como registrar nossas observações e implicação no diário de campo.

A decisão de realizar o estudo a partir das batalhas de rima passa por uma decisão pessoal, visto que desde antes do espaço desta pesquisa já frequentava as batalhas assiduamente. Então, por perceber o quão complexas são as questões que atravessam os duelos e a própria existência das batalhas em si, interessei-me por fazer a pesquisa com este ponto de partida.

O território que habitamos para realizar a pesquisa é um dos tantos caminhos possíveis do *rap*, são as batalhas de rima, chamadas também batalhas *freestyle*. Essas batalhas consistem basicamente em *rappers* e *Mc's* em um torneio de rima, no qual dois se enfrentam de forma que apenas um se sagre vencedor e passe de fase.

Em específico, adentramos no território da Batalha da Escadaria, tradicional batalha de rima que acontece na cidade do Recife, região central, no bairro da Boa vista e reúne *Mc's* de diversas regiões da cidade do Recife. A batalha acontece desde 2008 e, em 2023, passou a ser considerada patrimônio cultural imaterial da cidade do Recife.

Segundo Passos *et al* (2015), a abordagem cartográfica não é pensada a partir de uma neutralidade científica, do contrário, o pesquisador-observador, enquanto habita o campo, o afeta e é por ele afetado. Para tanto, é essencial a noção de habitação do território existencial vivido, para além de apenas estudado. Os autores destacam:

No método da cartografia, a inseparabilidade entre pesquisa e intervenção desestabiliza pressupostos tradicionais do conhecimento científico e o ideal de inteligibilidade que se hegemonizou como positivo, rigoroso, neutro, objetivo. Entender que toda pesquisa é intervenção compromete aquele que conhece e quem (ou o que) é conhecido em um mesmo plano implicacional (Passos *et al*, 2015, p. 178)

A busca, a partir de tais colocações, se dá por a cartografia não se apegar a dados estatísticos apenas, mas, na qualidade de uma pesquisa de cunho qualitativo, compreender as

afetações geradas pelo diálogo entre observador, campo e colaboradores. Todos os atores aqui presentes têm, nos sentidos causados pelas discussões abordadas, o ponto alto da pesquisa.

A pesquisa, a partir do método cartográfico, denota uma oposição ao pensamento positivista das ciências. Quando pensamos a partir da afirmativa de que o observador não é neutro às afetações do campo estudado, estamos no caminho oposto ao da neutralidade dita como única possibilidade de realizar uma pesquisa científica.

Segundo Souza e Francisco (2016, p. 813): A cartografia se opõe à política cognitiva cartesiana-positivista propondo outras linhas em outros modos de tecer compreensões acerca dos homens e do mundo, mapeando paisagens, mergulhando na geografia dos afetos, dos movimentos e das intensidades.

A pesquisa por viés cartográfico se guia por pistas que, segundo Souza e Francisco (2016), são orientações que conduziram o pesquisador durante todo o desenvolvimento de sua investigação. Importante salientar que, compreendidas como linhas ou pistas, não devem ser tomadas como procedimentos rígidos a serem seguidos cegamente porque a concepção que os engendra é, acima de tudo, manter o pensamento aberto e acompanhar o processo de pesquisar como experiência viva (Souza e Francisco, 2016, p. 814).

Ainda que todas as pistas propostas pela abordagem cartográfica sejam de suma importância, nos apoiaremos, sobretudo, em três delas: A cartografia como método de pesquisa-intervenção; cartografar é acompanhar processos; cartografar é habitar um território existencial. A escolha dessas pistas se deve à consideração de que em grupo há o espaço para a circulação da criatividade, o que possibilitou o entrelaçamento dos locais de fala e dizeres dos diversos colaboradores envolvidos.

A partir da primeira pista, “a cartografia como método de pesquisa-intervenção”, entendemos que este método não se propõe a uma descrição neutra e objetiva da realidade, mas se coloca como uma prática de pesquisa que compreende a transformação, tanto do pesquisador quanto do campo investigado. Trata-se de um método de pesquisa-intervenção porque envolve a participação ativa do pesquisador nos processos que investiga. Em vez de buscar verdades estáveis, trabalhamos com movimentos e deslocamentos das experiências vividas, considerando os fluxos de forças que atravessam os territórios estudados.

A pesquisa-intervenção é uma das pistas descritas, que enfatiza a produção conjunta de saberes entre pesquisadores e participantes. Em vez de simplesmente descrever uma realidade externa, a pesquisa-intervenção busca transformar os próprios processos que investiga, partindo do princípio de que o conhecimento é sempre situado e implicado nas forças que o atravessam. A pesquisa-intervenção é, portanto, um modo de investigar que se faz no e com o mundo,

assumindo que o próprio ato de pesquisar gera efeitos e exige do pesquisador uma postura ética, atenta às singularidades do campo e às relações que se estabelecem no processo.

Na segunda pista trazida, “cartografar é acompanhar processos”, a cartografia se dedica a acompanhar os processos em sua dinamicidade. Partimos da compreensão que o pesquisador não trabalha com um objeto de estudo estático, mas com um campo de forças em constante mudança. O pesquisador cartógrafo, assim, busca captar os movimentos de produção das subjetividades, observando como os diferentes elementos se entrecruzam e se modificam ao decorrer da pesquisa.

Por fim, a partir da terceira pista trabalhada, “cartografar é habitar um território existencial”, o cartógrafo não se coloca como um observador externo, neutro. Habitar um território existencial denota a compreensão de alguém que se implica no campo de pesquisa, o pesquisador se envolve com o campo das intensidades, afetos e experiências do contexto investigado.

Dessa forma, a pesquisa cartográfica não apenas registra os acontecimentos, mas os experimenta, criando um saber que emerge da vivência e da relação entre pesquisador e campo. Esse habitar exige uma escuta sensível e uma abertura para as multiplicidades que compõem o território.

Foi essencial, para tal, a união com o diário de campo, pois este enriqueceu os dizeres trazidos nas entrevistas. Pude, também, fazer gravações em vídeo, o que nos deu acesso a diversas rimas em diversas batalhas, observando atentamente tudo que foi sendo trazido pelos Mc’s durante a trajetória trilhada.

Nos propomos, inicialmente, à possibilidade da realização de duas rodas de conversa, de acordo com a disponibilidade do pesquisador e dos colaboradores, com duração média de uma hora e trinta minutos. Utilizando, para tal, a questão disparadora: Quais os sentidos do *rap* para você?

Antes de qualquer movimento de realização da pesquisa, procurei o responsável pela Batalha da Escadaria, o qual é conhecido por *Do Rap*, expressando minha vontade em futuramente realizar a pesquisa com alguns Mc’s participantes da Batalha em questão. Tivemos uma longa conversa sobre diversos assuntos e o próprio se mostrou bem aberto com a minha colocação e disponibilidade.

Nesta ocasião fui informado que quaisquer Mc’s que participam do duelo de rimas estariam abertos, bastava eu me apresentar e dialogar, expondo minha intenção para eles. Como a Batalha acontece apenas por organização dos envolvidos, sem documentos oficiais ou algo do tipo, para chegar aos colaboradores da pesquisa foi preciso tratar diretamente com os Mc’s.

Após aprovação no comitê de ética para realizar a pesquisa pude, de fato, entrar em campo e pôr em prática a pesquisa de campo. Entrei em contato com os Mc's através de suas redes sociais, dei um panorama inicial da pesquisa e os convidei para participar enquanto colaboradores. A ideia inicial era a participação de seis pessoas ao total, contudo, por falta de resposta dos dispostos inicialmente, mantivemos contato com quatro possíveis, duas mulheres e dois homens.

Os critérios de inclusão utilizados para escolha dos colaboradores foi: Ser maior de idade; e participar assiduamente da Batalha da Escadaria. Os critérios de exclusão estão concentrados em não abarcar os pontos colocados como inclusão desta pesquisa.

Solicitei o contato do telefone de todos e pedi permissão para criar um grupo no qual pudéssemos nos comunicar mais rapidamente, todos aceitaram e me passaram seus contatos. Assim, o grupo foi criado e expus mais uma vez a proposta do projeto, organizando datas possíveis para os encontros das rodas de conversa.

A partir da dificuldade inicial de encontros, pois, a esta altura, já era dezembro de 2024 e estava próximo das festividades de fim de ano, surgiu a possibilidade de encontros online, via Google Meet. Atualizei minha orientadora sobre as questões que estavam acontecendo em relação à pesquisa e antes de solicitar permissão para encontros online, fui informado desta possibilidade. Com a anuência dos/as colaboradores/as, ficou acordado que seria o caminho a partir dali.

Àquela altura, já não mais estavam ocorrendo Batalhas no fim do ano, pois o maior evento nacional relacionado, o Duelo Nacional, já havia ocorrido ao fim do mês passado e, por ser época de festividades e comemorações, o movimento no centro da cidade ficava mais escasso do que o habitual, culminando no encerramento das batalhas até o ano seguinte. Isso fez com que a única possibilidade de contato com todos fosse por meio do online.

Após alguns choques de datas, marcamos em uma segunda-feira às 19:00 para realizar o encontro. Todos me confirmaram previamente, entretanto, ao enviar o link da sala, fiquei aguardando por quase uma hora e ninguém apareceu. Entendi as dificuldades de tempo e trabalho, além do cansaço do fim do ano, tendo sido orientado a aguardar e retomar as atividades da pesquisa em janeiro. Assim o fiz.

Todavia, a partir da questão de o tempo para conclusão do mestrado estar ficando escasso, pois, por ser bolsista Capes, precisava concluir o mestrado no tempo hábil de 24 meses, expus a possibilidade de entrevistas individuais, caso as tentativas de encontro grupal não ocorressem. Após mais uma tentativa de contato, no qual a questão dos horários se mostrou um empecilho, optei por seguir com as entrevistas individuais.

Dessa forma, em 2025, ocorreu a primeira Batalha da escadaria do ano, na data de dezessete de janeiro, momento em que pude contatar os Mc's já pensados para a pesquisa e marcar horários de forma individual. Dos quatro contatados previamente, dois estavam presentes, os dois Mc's homens. Antes de todo ritual de início da batalha, conversei com ambos que se desculparam pela ausência, marcando, com cada um, a entrevista individual.

A primeira entrevista aconteceu dois dias após essa conversa, nos encontrando no domingo pela manhã. Foi o melhor horário, pois este Mc trabalha rimando nos ônibus e metrô durante a semana, sendo o domingo pela manhã o horário mais tranquilo encontrado.

A segunda entrevista aconteceu na mesma semana, na quarta-feira pela manhã. Junto a isso, contatei as duas Mc's, uma me respondeu durante a semana e a segunda não me retornou. Com isso, marquei a terceira entrevista para a semana seguinte. Essa aconteceu na segunda-feira à tarde. Ainda tentei mais uma vez contato com a quarta colaboradora, contudo, não havendo retorno, finalizamos a parte da pesquisa em entrevista individual com três colaboradores.

Ao início de todas as entrevistas me apresentei e, mais uma vez, explanei sobre os objetivos da pesquisa, agradecendo a participação e disponibilidade dos colaboradores. Fiz a leitura do Termo De Consentimento Livre e Esclarecido, informando o encaminhamento do mesmo para assinatura, online, para que todos pudessem me retornar assinados após a realização da entrevista. Além disso, me coloquei à disposição, caso houvesse alguma dúvida ou questão posterior à entrevista. As entrevistas duraram pouco mais de 1 hora em todos os casos.

Penso que foi essencial minha participação como ouvinte da Batalha durante todo o tempo da pesquisa, pois pude dialogar junto aos Mc's sobre suas rimas e mais inteiramente sobre todo o movimento que ocorria durante os eventos. Toda vez que o cartógrafo vai a campo, há processos em andamento (Passos et al., 2015). A pesquisa de campo exige que ele ocupe temporariamente um território que, a princípio, não é seu. Dessa forma, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica, adotando a observação participante como método. O pesquisador permanece no campo, em contato direto com as pessoas e seu ambiente de vida e vivência.

Deleuze e Guattari, no capítulo "Acerca do ritornelo" do livro *Mil Platôs* (1997), tomam o conceito de território não a partir de aspectos utilitários e funcionais, mas privilegiando os sentidos e modos de expressão. O que se mostrou de fato uma experiência extremamente rica, pois foi possível observar, na prática, a emergência do coletivo frente ao individual, tão ostentado e valorizado na contemporaneidade.

Desse modo, segundo Passos et al., (2015), cartografar implica sempre em interagir e se envolver com o território existencial. No entanto, a construção desse território exige um processo de cultivo e edificação. Nesse percurso, o cartógrafo assume o papel de aprendiz, tornando-se um aprendiz-cartógrafo. (p. 158)

Realizar esta pesquisa foi também uma realização pessoal, pude compartilhar com outros jovens negros e periféricos a minha visão, traçamos paralelos e cruzamentos entre nossas vivências e realidades, entendendo que somos jovens com realidades diferentes, mas que, em muito, enfrentamos batalhas semelhantes. Jovens negros e periféricos da cidade do Recife, tentando ganhar a vida a partir do caminho escolhido lá atrás, não por conveniência, mas porque foi o caminho que permitiu nos aproximar de nós mesmos e reconhecer a beleza de nossas existências.

Mesmo que trazendo trechos das conversas/entrevistas durante o percurso do trabalho, na próxima estrofe buscamos dar total ênfase aos diálogos e questões trazidas, realizando, assim, a análise dos dados coletados.

## 7. “LICENÇA PRA CHEGAR” – O CAMPO E SUA COLHEITA

Como um Mc’ que está chegando pela primeira vez para batalhar em algum local, peço “Licença pra chegar” e trazer um pouco do que pude observar e sentir em minhas andanças neste processo de pesquisa para essa roda cultural.

Como já explicitado anteriormente, pretendíamos, inicialmente, realizar rodas de conversas com MCs participantes de Batalhas de rima, considerando que as nuances e atravessamentos sobre cada tema abordado seriam mais abrangentes. No entanto, também como já dito, inúmeras dificuldades foram se interpondo no caminho da pesquisa, levando-nos, então, a optar por entrevistas individuais. No entanto, cabe assinalar, que o processo de escuta individual em nada prejudicou a riqueza as produções construídas.

Ao contrário, as entrevistas possibilitaram a emergência de diversas reflexões, das quais foi possível sintetizar quatro pontos de vista diferentes e, a partir deles, interseccionar saberes e temáticas, trazendo provocações e dizeres importantes para discussão e que serão apresentados nesta estrofe. São eles: **1. O Racismo e a Estigmatização do Rap: Resistência, Identidade e Subjetividade Negra; 2. A Construção da Subjetividade Negra e o Rap como Espaço de Afirmação; 3. Persistência Feminina e o Lugar da Mulher no Rap; e 4. O Rap como Educação e Produção de Conhecimento Marginal.**

Mas, antes de continuar, é preciso que eu apresente os participantes que encontrei no caminho da pesquisa, coautores deste trabalho. Abaixo, segue um quadro ilustrativo do contexto em que cada um vive e resiste através do rap. Importante assinalar que todos foram tratados por nomes fictícios de forma a preservar o caráter ético da pesquisa.

COLABORADORES DA PESQUISA				
NOME	IDADE	GÊNERO	COR	OCUPAÇÃO
Natália	37	Feminino	Branca	Tatuadora/Mc
Mateus	23	Masculino	Preto	Mc
Adriano	22	Masculino	Preto	Mc

O rap, enquanto expressão cultural e política, emerge como um espaço de construção identitária, resistência e possibilidade de transformação social. As entrevistas-conversas

realizadas com Adriano, Mateus e Natália, aliadas às anotações do diário de bordo, evidenciam o rap não apenas como arte, mas como ferramenta de ressignificação subjetiva e coletiva.

Para tratar com o material construído, e, para além das autoras e autores já trabalhados, fez-se necessário convocar à roda outros nomes, de forma a embasar nossa discussão a partir do que trouxeram os colaboradores da pesquisa. Portanto, bell hooks (2013), Lélia Gonzalez (1984, 2022), Sueli Carneiro (2015) e Paulo Freire (2014).

### **7.1 O Racismo e a Estigmatização do Rap: Resistência, Identidade e Subjetividade Negra**

O rap, como uma expressão cultural originária das periferias, desempenha um papel central na luta contra as opressões estruturais e na reafirmação da identidade negra. Surgido em meio às desigualdades sociais, econômicas e raciais, o rap é frequentemente estigmatizado e associado à violência, marginalidade e criminalidade. Contudo, essa estigmatização não é apenas um fenômeno superficial, mas um reflexo do racismo estrutural que permeia as instituições e as relações sociais, como bem descrito por Sueli Carneiro (2015).

O movimento cultural hip-hop abrange diversos segmentos. O rap é sua vertente musical, através do Dj e do Mc, envolvendo, também, a dança com o break e o desenho e pintura com o graffiti. Pontuamos isso pois, dois dos três Mc's que conversamos iniciaram seus passos em outros segmentos, até chegarem no rap. Natália começou como grafiteira, pois, enquanto tatuadora, a arte do desenho foi sua porta de entrada no hip-hop, até firmar seus passos no rap – e ainda hoje ocupa os dois lugares, enquanto grafiteira e Mc.

Diz ela:

*então, eu sou de Recife, né? Nasci e cresci em Recife, mas em 2009 eu vim para a Praia de Pipa, e aqui eu comecei com as minhas atividades de pintura, de pintura na rua, o que em Recife eu não fazia. E aí, depois de um certo tempo, eu precisei introduzir nas minhas artes um tipo novo de técnica, que era o uso do spray.*

*E em Recife eu conheci algumas pessoas que já grafitavam e tal, que me deram acesso a comprar, a manusear e tal. E depois de um tempo eu voltei a morar em Recife. E daí eu comecei a trabalhar num estúdio de tatuagem onde tinham muitos MCs.*

*E a gente ficava fazendo rap de improviso e tal, até que teve uma batalha de rimas chamada Rinha dos Monstros, que era de Felipe Massa, né? E aí eu fui para uma edição dessa batalha e fui a primeira mulher a ganhar essa batalha, que era a Rinha dos Monstros, que sempre acontecia. E aí, depois disso, eu*

*comecei a ir às batalhas que a galera me indicava. E uma delas foi a batalha da escadaria, que eu estou ocupando espaço até hoje e já tem nove anos, né?*

E Adriano teve como porta de entrada a poesia. Apesar de não ser oficialmente um dos elementos do hip-hop, a poesia tem seu lugar enquanto poesia marginal, o canto falado que origina o rap, preso apenas à dimensão artística. Além de também pisar no break, todavia não se encontrando, achou seu espaço no rap. Afirmando, ainda, que a poesia ainda é sua “mina de ouro”.

Adriano fala,

*eu tinha um amigo que ele me apresentou o rap, assim. Mas a gente sempre foi poeta, eu faço poesia há cerca de 10 anos, tá ligado? E eu tinha um caderno onde eu preenchia, tá ligado? Eu preenchi mais de um caderno, na verdade, com poesia.*

*Eu escrevia à mão porque eu não tinha celular, não tinha uma grana também pra ter um celular bom na época. E rolava muito de eu pegar aqueles cadernos do governo, do estado, assim, que se você arrancar uma folha saem todas as folhas. Que é um... É uma cordinha, tá ligado? Aí eu preenchia esse caderno.*

***E eu sempre fui apaixonado por poesia. Pra mim, até hoje, é o veículo de expressão mais foda do hip hop, tá ligado? Tipo, é a poesia, tá ligado? A partir da poesia marginal e tal. Então... Eu sempre fui muito apegado a isso, tá ligado? E meio que esse brother me chamava direto pra vários eventos de hip hop pra ver se a gente conseguia recitar alguma coisa.***

*A gente na maioria das vezes nem recitava, a gente acabava só vendo o evento, tá ligado? Só que isso tocava a gente, tá ligado? De certa forma, porque era da hora de toda forma. Era um rolê do caralho. E era um rolê de graça, tá ligado? Pouco rolê de graça foda rolava no bairro.*

*A gente não tinha acesso a uma coisa maior que isso. Aí teve um dia que tava rolando batalha de rima e break, assim. Aí várias vezes que tava rolando batalha, eu só assisti.*

*Rolava Rapensantes no Ipsep. Aí eu sacava o bagulho e ficava maravilhado com os MCs rimando e tal. Eu não tinha medo, tá ligado? Tipo, porra, se eu botar o nome aí eu vou me foder.*

*Eu não tinha esse medo. Aí eu pensei, porra, na real eu acho que o meu único medo é a ansiedade mesmo de estar no meio de uma roda, tá ligado? De estar no público assim, mas eu não vou saber se eu não tentar, tá ligado?*

*Eu pensei em break também, tipo, dei uma dançada de break ainda, só que é foda. O condicionamento físico dos caras é insano, tá ligado? Depois de um tempo eu vi que não era a minha praia, que eu tinha que gostar mais pra eu*

*fazer, tá ligado? E aí eu fui e botei o nome, mano, numa batalha qualquer do Ipsep aí.*

Acredito ser essencial manter os relatos completos, pois, deste modo, tentamos manter a linha de raciocínio e a historicidade proposta pelos Mc's, falando sobre os próprios Mc's. Sendo o rap uma forma de expressão diretamente ligada às populações negras, se torna alvo de criminalização e marginalização, principalmente quando suas letras denunciam as condições de vida nas periferias, a brutalidade policial e a pobreza, desafiando a narrativa dominante da sociedade. É notória essa marginalização em suas vivências, tal como nos dizem os Mc's.

Sobre seu início no rap, Mateus trouxe

*poxa, primeiramente, teve muita complicação, né? Porque, tipo assim, eu tinha que escolher entre fazer rap ou arrumar um trabalho CLT, tá ligado, mano? Porque minha mãe queria isso, minha mãe queria que eu seguisse o caminho que eu não me identificava, mano. Então no começo foi muito complicado, minha família não me apoiava, não queria que eu fizesse rap.*

*Aí, tipo, o rap pra mim, primeiro, foi algo muito difícil, mano. Não foi fácil, não. Eu tinha 16 anos, caí pelo mundão, aí veio chegar em casa 1, 2 horas da manhã, só com a folhinha, minha mãe, que imbecil, passando a noite fora de casa pra ganhar uma folha, e ela não sabia o quão era importante pra mim, sabe, mano? Aí, tipo, hoje em dia, graças a Deus, o rap me trouxe muita experiência, muita vivência, trabalhou até com minha empatia.*

Natália traz como é esta realidade para uma mulher e mãe, que escolhe este caminho, narrando sobre as barreiras que enfrenta/enfrentou ao escolher trilhar este caminho.

*claro que sim, né? Desde a própria família que questiona por que é que você vai deixar sua filha em casa para poder ir numa batalha de rima que você não vai ganhar nada? A de você ter um companheiro que te agride fisicamente porque não quer que você ocupe esse espaço. A questão também dos próprios MCs, né? De batalha de rima, que tentam te desencorajar e te humilhar publicamente para que você desista porque vêem você como uma ameaça, ainda mais quando eles acreditam que você é inferior a eles artisticamente.*

Lélia Gonzalez (1984), em sua análise do racismo por denegação, nos ajuda a entender essa dinâmica. Para Gonzalez, o racismo não é reconhecido explicitamente, mas está profundamente enraizado nas estruturas sociais e nas práticas cotidianas que marginalizam e subestimam a identidade negra. A violência simbólica do racismo, como é chamada por ela, opera na negação da subjetividade e da história dos negros. Essa violência busca

constantemente deslegitimar as experiências, as vozes e as culturas negras, limitando-os ao papel de "vítimas" sem agência ou identidade própria.

Contudo, percebe-se diferenças quanto a receptividade por esta escolha quando esta se realiza por homens e mulheres. Apesar da diferença de idade, pois Natália já começou a rimar quando maior de idade, Adriano e Mateus começaram ainda no ensino médio, na escola, e a recepção já lhes serviu como um cartão de visitas.

A partir do diálogo, Mateus narra:

*foi algo muito foda pra mim, de verdade mesmo, foi tipo acolhedor total, que eu conheci com 16 anos, então já sabe, pessoa na escola, ensino médio, todo mundo destratando a pessoa, porque tipo assim, eu não era descolado, não era um pirralha que todo mundo valorizava, eu era realmente nerd, meu bagulho era chegar na escola, estudar, ler o livro, era o que eu gostava de fazer. [...] Mas logo que depois comecei a fazer rap, comecei a ganhar batalha, o mundo tipo foi uma roda gigante, real mano. As pessoas que me maltratavam começavam a me tratar bem, por eu saber fazer algo, isso eu tô falando na rede de ensino, na minha rede de ensino.*

Adriano, a partir da sua experiência, vivência e relata que

*é uma parada muito doida, assim, porque foi no final da escola, tá ligado, que eu comecei a batalhar, eu tinha 16, eu tava pra terminar o ensino médio, tá ligado? E... Eu tinha âmbitos da vida que eu selecionava, tipo, na escola as pessoas me veem desse jeito, no meu bairro as pessoas me veem desse jeito, tá ligado? E em outros âmbitos as pessoas me tratam dessa forma. Meio que eu tinha muito dessa consciência, de que eu era uma pessoa em cada âmbito da minha vida, tá ligado? E no hip hop, mano, quando eu chegava em batalha, era muito diferente, saca? Porque lá eu era muito importante, saca, mano? Eu sentia isso, tipo, depois de um tempo de batalha, quando eu rolava nas rodas, quando eu me fazia presente em algumas batalhas, as pessoas ficavam, tipo, e aí, Adriano? E pá, chegasse e tal, vai colocar o nome, vai rimar?*

Já para Natália foi diferente. Enquanto mulher, sofrendo por querer estar em um ambiente cuja grande maioria é composta por homens, narra os desafios vividos, temática que voltaremos a discutir nesta estrofe.

*então, assim, como eu já fui vítima de tentativa de feminicídio, de violência sexual, de vários outros tipos de violência, inclusive psicológica também. Porque eu tive um ex que me agredia todas as vezes que eu ia para batalha de rima, essa pessoa também já me perseguiu em diversas batalhas de rima, essa pessoa também já agrediu organizadores de batalhas de rima só porque eu participava dessas batalhas de rima, então, assim, eu sou uma sobrevivente entende?*

Podemos observar que, para quem não faz parte da cultura hip-hop, para quem não conhece o rap, ele ainda ocupa um lugar de marginalização no imaginário social, associado à violência, apologia às drogas e bandidagem.

Essa lógica de sobrevivência, onde se reconhece a dificuldade de sair da condição de marginalização e exclusão, é também uma expressão da necropolítica (Mbembe, 2018). O rap, com o estigma que ainda carrega, “permite” que seus atores sofram violências e estigmatizações as mais diversas, pois estão se colocando em um espaço marginal, pejorativamente falando. Por ser uma expressão vivida no território-rua, alguns se acham no direito de tratar de qualquer forma, já que não se encaixa nos meios tradicionais de fazer arte.

Ao expor as realidades de morte e sofrimento nas periferias, o rap se torna uma forma de resistência direta à lógica necropolítica. Ao cantar sobre as dificuldades da vida nas favelas, sobre as injustiças do Estado e a violência policial, o rap não apenas denuncia, mas reafirma a vida e a humanidade dos corpos negros, desafiando um sistema que tenta desumanizá-los e controlá-los.

Grada Kilomba (2020) argumenta que as memórias traumáticas da escravidão e do colonialismo ainda moldam as relações de poder no presente. A história de subordinação dos negros, frequentemente apagada ou distorcida pelas narrativas dominantes, é um aspecto fundamental da luta cultural do rap.

O rap não apenas resgata essas memórias, mas as coloca no centro da discussão social, criando um espaço onde as vozes negras podem contestar a versão oficial da história e reivindicar a memória das lutas por liberdade e justiça. Ao fazer isso, o rap atua como uma resistência à lógica da “plantação”, onde a cultura e a história negra são tratadas como propriedade ou negadas por uma sociedade que busca manter o controle sobre as narrativas dominantes.

Fanon (2008) descreve como os negros, vivendo em uma sociedade colonizada, são frequentemente forçados a adotar uma “máscara branca” para se adaptarem às normas e expectativas da sociedade branca. No entanto, essa máscara nunca é suficiente para eliminar a alienação e a opressão que continuam a marcar a experiência negra. O rap, nesse contexto, surge como uma forma de desmascaramento, onde os sujeitos negros se libertam das amarras da alienação e da desumanização, permitindo que sua verdadeira identidade seja expressa.

Ao rejeitar as máscaras impostas e afirmar sua própria identidade, o rap se torna um instrumento de resistência à alienação, afirmando a existência e a humanidade dos corpos negros. E isso é visto na afirmação que os Mc’s encontram na cultura. Mateus experiencia que

*tipo, chegava no rap e tal, daí chegava numa batalha, tipo, por que tu não deixa teu cabelo crescer, tá ligado? Ai tipo, eu pensava, porra, não sei o quê, eu fico meio assim, deixa, porra, fica bonito. Ai quando cresceu, o povo tudo elogiando, então eu acredito que tipo mudou muita coisa, muita coisa mesmo, foi fundamental pro meu crescimento, tá ligado, mano? Foi fundamental, eu acho que tipo, se eu não conhecesse o rap dessa trajetória, eu não era a mesma pessoa que eu sou hoje.*

E continua:

*E tipo assim, eu tinha muito medo de tipo, lutar contra isso, de me empoderar, tipo, meu primeiro black power, mano, foi com 18 anos, tá ligado, eu tinha um black power. Hoje em dia, eu não tenho mais black power. Então tipo, desde pirralho eu achava bonito, mas eu nunca tinha coragem, nunca tinha coragem de fazer, deixar meu cabelo crescer, porque eu sentia que eu ia ser muito criticado. E quando eu comecei a ir colar no rap, comecei a ver aquela galera lá, ta ligado, um monte de gente preta, igual a mim, mano, rimas sobre ser preto, rimas sobre ser preto e ser valorizado, as pessoas estão ali dando apoio ao ser semelhante, mano.*

O rap, desde suas origens, foi uma ferramenta de denúncia social e resistência, especialmente para populações negras e periféricas. No entanto, sua consolidação como um dos principais gêneros musicais do mundo não foi suficiente para que escapasse da marginalização e da estigmatização imposta por uma sociedade estruturada pelo racismo. Como aponta Lélia Gonzalez (2022), a cultura negra frequentemente sofre um processo de negação e inferiorização, sendo reduzida a uma expressão “menor” ou subversiva.

A estigmatização do rap está diretamente ligada à forma como a sociedade percebe a juventude negra, como ilustra a fala de Adriano:

*O rap sempre foi visto como coisa de bandido, como se a gente estivesse incentivando o crime. Mas a gente tá só contando a nossa realidade, tá ligado? Só porque nossa realidade não é bonita, querem calar a gente.*

Essa fala ilustra um mecanismo de criminalização da cultura hip-hop, algo que Sueli Carneiro (2015) define como um dos pilares do racismo estrutural. Este fenômeno se manifesta tanto na forma como o rap é tratado pelos meios de comunicação, quanto na repressão institucional que sofre, como evidenciado pelos relatos de abordagens policiais durante batalhas de rima.

O rap, portanto, continua sendo alvo de vigilância excessiva, como registrado por mim em diversos momentos nos diários de bordo das batalhas de rima, onde a presença policial altera o clima do evento. Esse controle exemplifica mais uma vez a necropolítica presente nas resistências à sobrevivência das culturas negras, no geral. Em muitos casos, o rap é tratado como uma ameaça à ordem pública, apesar de ser uma forma legítima de expressão cultural.

O relato sobre a abordagem policial, contida no meu diário de bordo, registra:

A batalha ocorria naturalmente, como todas as sextas-feiras, quando uma viatura policial fazendo ronda passou – é normal a ronda naquela localidade, por conta do movimento intenso e por ser uma região central, para tentar evitar a violência e furtos recorrentes na região. Mas, essas (da ronda policial), diferente de outras que passam, ficam um pouco e continuam seu caminho.

Dessa vez, parou no sinal bem à nossa frente, e questionou a um jovem a poucos metros de mim o que era aquilo, aquela reunião de jovens àquela hora da noite. O jovem respondeu que era uma batalha de rap. Naquele momento, acabava de se encerrar uma batalha e Du Rap (o organizador e responsável) estava chamando os próximos oponentes. Sendo um momento de silêncio, o policial questionou: se é uma batalha de rima, por que não estão rimando?

Nesse momento, todos já haviam parado e estavam olhando a viatura, meio tensos, observando a situação. Quando foi necessária a intervenção do organizador, que foi até a viatura e explicou toda a situação, logo depois os policiais seguiram seu caminho, e a batalha seguiu seu curso. Não antes de nos deixar tensos por um instante, temendo pelo que poderia acontecer.

São normais as rondas policiais na cidade, inclusive para nossa segurança também, e todos os policiais daquela região sabem do acontecimento da batalha, logo, essa viatura deveria estar dando suporte, vindo de outro bairro. Mas por que uma reunião de jovens de periferia na rua chama atenção? Por que precisa ser algo suspeito? Por que não foi informado deste movimento para aqueles que possivelmente vinham de rondas em outros espaços? Ficam a nós tais questionamentos, e feliz por nada de pior tenha acontecido, pois ali não importava se eu era psicólogo, mestrando, doutor ou o que quer que seja, eu só era mais um jovem negro no meio de tantos jovens negros.

No entanto, o rap segue resistindo e se reinventando, reafirmando sua importância como ferramenta de transformação social. Paulo Freire (2014), em sua teoria educacional, argumenta que a verdadeira educação ocorre na prática cotidiana, quando os indivíduos são capazes de ler e escrever suas próprias histórias. O hip-hop personifica essa ideia, ao oferecer um espaço de

aprendizado e conscientização política. Durante as batalhas de rap, por exemplo, os MCs utilizam suas rimas para educar o público sobre questões sociais, reforçando o papel do rap como um instrumento de transformação social.

## 7.2 A Construção da Subjetividade Negra e o Rap como Espaço de Afirmação

A construção da subjetividade negra é um processo complexo e profundamente marcado por uma história de subordinação, negação e resistência. No contexto da sociedade brasileira, a subjetividade negra não se desenvolve apenas a partir das experiências individuais, mas a partir de uma relação intrínseca com as dinâmicas sociais, políticas e culturais que têm como base a opressão racial. A construção dessa subjetividade envolve não apenas a percepção de si, mas, também, a forma como o negro é visto e tratado pela sociedade dominante, sempre em uma posição de inferioridade.

Nesse cenário, o rap emerge como um espaço de afirmação da identidade negra, um veículo através do qual os sujeitos negros podem resgatar sua história, sua cultura e sua autonomia, ressignificando a narrativa imposta e desconstruindo os estigmas que marcam sua existência. Lélia Gonzalez (2022), em sua teoria da "Amefricanidade", propõe uma perspectiva que se opõe à visão tradicional da identidade negra.

A amefricanidade representa a tentativa de reaproximação das raízes africanas, mas de forma ressignificada e contemporânea. Gonzalez questiona a forma como a cultura negra tem sido estigmatizada pela sociedade branca, destacando a importância de reconectar os negros com suas origens africanas, sem cair nas armadilhas da idealização ou da romantização. A amefricanidade não é uma busca pela nostalgia de um passado distante, mas se configura enquanto uma reafirmação da cultura negra no presente.

Mateus nos relata:

*Um sentimento muito estranho que eu senti, tipo, meio que eu comecei a me sentir bonito, mano. Isso é uma parada muito importante pra um jovem negro, tá ligado? Na real, por muito tempo, essa parada de autoestima engavetada dentro de mim, tá ligado? O cara tenta mudar o cabelo, o cara tenta mudar a vestimenta, o cara tenta mudar tudo de si, tá ligado? Pra diminuir ao máximo os traços que o cara tem, tá ligado?*

O racismo, como algo sutil, diminuindo o negro por ser negro, é evidenciado neste relato de Adriano:

*É, mano. Mano, rola muita coisa velada também, saca escondida, tipo... Até de pessoas que deviam ser do movimento, tá ligado? Tipo, tem um mano, mano, que é amigo de um amigo, que a gente tava numa festa, ele é gay, tá ligado? E meio que ele se sentiu interessado pelo meu irmão. Meu irmão é mó negão, mano, tá ligado? Tipo, ele tem 1,80 e pouco, tá ligado? Diferente de mim.*

*Ele tem bocão, tá ligado? Narigão e pã. Só que a diferença é que ele é mais claro. Ele é igual a mim, a galera diz que é a minha lata. Só que ele é mais claro, tá ligado? E meio que esse amigo de um amigo gay se interessou por ele, tá ligado? E tipo... Ele é defensor da pauta gay, etc. Várias paradas assim, tá ligado? Tipo, tá em movimento o tempo todo. E lançou, tipo, porra, queria ficar com ele, pá, não sei o quê.*

*A galera, não, ele é hétero e tal. Ai... Mas a galera falou, mano, mas tu mal fica com o preto, pá, não sei o quê. Ai ele foi e respondeu assim, **ah, mas ele nem é tão preto assim.***

*E tal, tá ligado? Tipo, teve tanto problema nessa narrativa aí, que eu olhei assim e fiquei, caralho, viado. Em vez de ele falar, não, não tenho problema em ficar com o preto, ele falar, não, ele nem é tão preto assim. Tá ligado, velho? E às vezes ele nem percebe, tá ligado, o que ele falou.*

*É a merda que ele falou, tá ligado, mano? Meu Deus do céu. Ai o problema seria esse, né, tá ligado? Tipo, se ele fosse um pouco mais, etc. Várias paradas assim, eu fiquei, “puta que pariu, velho”.*

*Meu Deus do céu. E meu irmão ficou muito irritado. A frase que ele mais se irritou foi essa, tá ligado? Ele, tipo, como assim? Eu não sou tão preto assim, tá ligado? Qual foi a fita? Tá ligado? **E por a gente ser do hip-hop, por a gente ser do rap agora, tá ligado? E a gente quer mesmo ser nós, tá ligado? Tipo, porra, não quero mais não ser nós.***

No final, há uma virada na narrativa, a partir da qual, enquanto alguém que convive no meio do rap e entre iguais, pode ser quem de fato é; essa é justamente a luta, não se esconder mais atrás de uma máscara branca. Eu sou negro, então, me aceitem como sou, não mais como acham que devo ser.

Nesse sentido, o rap como uma expressão cultural urbana contemporânea, se torna um dos principais meios através dos quais a subjetividade negra é construída e afirmada, resgatando elementos da cultura africana e das experiências vividas nas periferias das grandes cidades. Os rappers, ao falarem de suas realidades, de suas dores e conquistas, são também protagonistas de uma reapropriação de uma identidade negra que se afirma de maneira autêntica e revolucionária.

Fanon (2008, 2022) oferece uma compreensão fundamental sobre a formação da subjetividade negra, especialmente no contexto da colonialidade e da alienação. O autor

argumenta que a identidade do negro é muitas vezes construída a partir da perspectiva do "outro", da sociedade branca, o que cria uma alienação e uma fragmentação do eu.

A "máscara branca", conforme Fanon, representa o esforço do negro em se adaptar às normas e expectativas da sociedade branca, uma tentativa de ser aceito, mas que nunca resulta em verdadeira aceitação. Para Fanon, essa busca pela "máscara branca" é uma forma de desumanização, pois os negros, ao tentarem se integrar à sociedade dominante, acabam perdendo suas próprias identidades.

O rap, nesse contexto, representa um processo de "desmascaramento", uma forma de afirmar a subjetividade negra em sua autenticidade sem se curvar às normas e expectativas da sociedade branca. Ao invés de buscar a aceitação, o rap promove a afirmação de ser negro autêntico, que se recusa a se submeter aos estereótipos e aos papéis predefinidos.

Adrino relata:

*Me chamavam de cavalo, pá, por causa dos traços. A boca mais pra frente. Entende, mano? E tipo, era uma parada que ela mexia muito comigo. E depois do rap, eu nunca mais tinha escutado nada dessas comparações. Aí uma vez no rap, uma mina me parou depois de um show, de uma apresentação, e me falou assim, é... Velho, tu parece com o Bojack Horseman, que é um cavalo, tá ligado? Na hora eu parei assim, eu olhei pra cara dela e, tipo, ela viu que eu não entendi legal, tá ligado?*

*Eu olhei assim, dessa forma, e ela falou: Não, não, não, não é nada pra te ofender, eu sou muito fã, eu tenho tatuado. Ela mostrou uma tatuagem enorme do Bojack Horseman, tá ligado? E eu, tipo, pô, da hora, tá ligado? Meio que ressignificou um pouco a parada, tá ligado? Aí eu, tipo, mano, não, não, é da hora! tranquilo, relaxa, não tô falando nada demais, não.*

*Aí eu apertei a mão dela, pá, tirei uma foto, pá, etc. Ela foi pra casa e eu fiquei castelando nisso, tá ligado? Nesse bagulho, tipo, porra. Dependendo do ambiente, as coisas são faladas de forma totalmente diferente, tá ligado? E é isso.*

O rap é, assim, uma resistência contra o processo de desumanização descrito por Fanon (2008), proporcionando aos negros um espaço para afirmar suas histórias e suas experiências de maneira autêntica e coletiva. Além disso, o rap é um lugar onde a violência simbólica da colonização e da escravidão é exposta e questionada, permitindo uma reapropriação da história e da identidade negra.

A construção da subjetividade negra também passa pela perspectiva das mulheres negras, que têm suas experiências marcadas por uma interseção de opressões. Patricia Hill Collins (2019), em seu *Pensamento Feminista Negro*, introduz a ideia de que a subjetividade

das mulheres negras é moldada por um sistema de opressões múltiplas, sendo tanto o sexismo quanto o racismo elementos cruciais nessa configuração.

A feminilidade negra é frequentemente construída por meio de estereótipos que associam as mulheres negras à sexualidade descontrolada, à subordinação e ao sofrimento. Collins, no entanto, propõe um novo olhar sobre as mulheres negras, apontando para a importância da afirmação da identidade e da resistência. A subjetividade das mulheres negras, assim como a dos homens negros, deve ser entendida como um processo dinâmico que busca afirmar-se além dos estigmas e das imposições sociais.

Natália, enquanto uma mulher branca que vive no universo hip-hop de modo mais amplo – além de rapper, também é tatuadora e grafiteira, enfrenta, a partir das intersecções de gênero, diversos preconceitos para ocupar este espaço.

*Então, quando eu comecei a batalhar, não tinha nenhuma menina batalhando, né? Já tinham alguns ocupado esse espaço, mas devido ao machismo, porque geralmente seus companheiros não permitiam ou elas não conseguiam suportar psicologicamente a pressão que é estar numa batalha de rima onde só tem elas e os caras vinham com argumentos machistas, muitas vezes homofóbicos, preconceituosos.*

*Então, psicologicamente, muitas meninas não suportam isso, entende? E pelo fato de que eu já tinha uma história de vida um pouco mais difícil, e já tinha passado por situações em que eu necessitava ser resistência, talvez eu tivesse um pouco mais preparada para poder aprender a lidar com essa pressão psicológica e tóxica que era nessa época, porque nessa época não haviam regras.*

No rap, as mulheres negras encontram uma poderosa plataforma para a afirmação de suas identidades. Embora o rap, historicamente, tenha sido (e ainda seja) um espaço dominado por homens, as mulheres negras têm se apropriado dessa linguagem e dessa expressão para falar de suas realidades e reivindicar seu lugar no movimento.

No entanto, é imprescindível ressaltar que, por Natália ser uma mulher branca, as questões que atravessam suas vivências no espaço do rap se constituem como diferentes das enfrentadas pelas mulheres negras. Obviamente muitas das questões enfrentadas pela Natália são enfrentadas também por mulheres negras, entretanto há outros atravessamentos que apenas fazem parte da existência de uma mulher branca, enquanto outros são realidades enfrentadas por mulheres negras.

Esse é o belo deste movimento, ele em si é contraditório, mas é justamente o que dá espaço para que novas questões possam surgir e serem discutidas. É o que permite que pessoas

negras, brancas, mulheres, homens, mulheres trans, homens trans, indígenas, quilombolas, dentro de suas realidades possam fazer e vivenciar o rap. Por mais que o espaço dessas outras configurações ainda seja escasso, ele existe e dentro dessas fissuras que surgiram de outras fissuras<sup>6</sup> é que novas compreensões podem surgir.

O rap feminista negro, como parte do movimento mais amplo de resistência negra, subverte as narrativas que historicamente reduziram as mulheres negras a papéis de submissão ou invisibilidade. Assim, o rap torna-se um espaço onde as mulheres negras podem se afirmar como sujeitos de suas histórias, não as definindo apenas pelas opressões que enfrentam, mas também pelas suas potências e forças de resistência

Segundo Natália:

*Depois de vários anos em que eu estava ocupando esse espaço é que eles passaram a reconhecer de que sim, tem mulheres, de que sim, é o direito delas estarem aqui, independente do seu nível artístico, de saber fazer freestyle, mas é um direito de toda mulher ocupar o espaço que ela bem entende dentro do movimento hip hop.*

Contudo, algo que a Mc trouxe como questão foi que, mesmo que mulheres hoje ocupem lugares dentro do rap, ainda há uma falta de noção de coletividade neste meio.

*Mas uma coisa que eu acho muito curiosa é que durante todo esse tempo o meu maior sonho era que outras garotas estivessem ocupando o mesmo espaço. Hoje em dia eu já tenho esse sonho bem realizado, mas entre o movimento das próprias mulheres existe uma toxividade em relação ao ego, e muito essa questão do feminismo de conveniência.*

*Então, às vezes você está num movimento no qual as mulheres deveriam se fortalecer e do contrário elas não se fortalecem, a não ser que sejam grupos fechados de amigas, e tem essa questão muito de uma tentar invisibilizar a outra, e isso é uma coisa que me deixou bastante triste.*

Podemos pensar que esta realidade se apresente dessa forma, pois como mulheres ocupam muito menos espaços que homens em lugar de destaque, a briga por esses lugares toma a dianteira, deixando de lado outras questões tão importantes, como pautas feministas, a partir de um senso de coletividade.

---

<sup>6</sup> Fissuras dentro de fissuras, sendo o rap e o hip-hop fissuras surgidas a partir de uma sociedade determinista, patriarcal e eurocêntrica. E as fissuras dessas fissuras são justamente onde esses movimentos ainda repetem opressões, ao mesmo tempo em que dão certo espaço para essas outras realidades existirem dentro do movimento rap e da cultura hip-hop.

A construção da subjetividade negra é um processo que envolve a constante luta contra a alienação e a marginalização impostas pelo racismo estrutural. O rap, como expressão cultural e política, se torna um espaço vital para a afirmação dessa subjetividade. Podemos, então, compreender como o rap funciona como uma plataforma de resistência e afirmação da identidade negra, desafiando as normas impostas e propondo novas formas de ser e de viver.

O rap é um veículo de resgate das raízes africanas, de empoderamento das mulheres negras e de construção de uma subjetividade autêntica e independente. Ao se afirmar como um espaço de resistência, o rap se torna uma ferramenta fundamental na luta contra a marginalização e a opressão, contribuindo para a construção de um futuro em que a subjetividade negra seja plenamente reconhecida e valorizada.

Outro aspecto que emerge nas narrativas, foi o fator da competitividade no universo do rap. A competitividade no rap é um dos aspectos centrais que definem não apenas a relação dos rappers com a sua arte, como também as dinâmicas sociais, culturais e de identidade nas periferias urbanas. Essa competitividade, muitas vezes vista como um jogo de habilidades líricas e afirmação de talento, reflete questões mais amplas de poder, sobrevivência e construção de identidade entre os homens negros das periferias.

Adriano nos traz que *existe competitividade tóxica no break, nas batalhas, existe em todos os outros âmbitos*. O rap se configura como um espaço no qual as relações de gênero, classe e raça se entrelaçam, criando um campo de resistência e luta por reconhecimento dentro de um sistema social que constantemente marginaliza esses indivíduos. Nesse contexto, o rap emerge como uma das poucas formas de ascensão social para muitos homens negros e a competitividade se torna uma ferramenta essencial de afirmação, reconhecimento e poder.

As habilidades líricas e a capacidade de improvisação são altamente valorizadas, não apenas como expressão artística, mas como estratégias para se destacar em uma sociedade que os invisibiliza. A busca por prestígio e respeito dentro desse ambiente está intimamente conectada à construção da masculinidade periférica, um conceito que abrange as complexas dinâmicas de gênero, poder e violência nas periferias.

Essa masculinidade, frequentemente associada à força, à agressividade e à dominação, se manifesta no rap como uma tentativa de obter respeito e afirmação, mas também pode refletir a reprodução de estereótipos e normas de comportamento associadas à masculinidade hegemônica. Contudo, é possível reinventar e redescobrir sua masculinidade no espaço do rap. Mateus relata, sobre o que o rap lhe proporcionou:

*Pô, o rap mano, sobre uma coisa que eu não tinha muito peito aberto pra falar, tá ligado mano, era mais a questão de me empoderar enquanto pessoa negra, tá ligado. Debater sobre racismo, tipo falar as coisas que me doem né mano, que tipo, não tinha espaço pra isso, tá ligado?*

*Hoje em dia, através do rap, eu sei me colocar no lugar de outras pessoas, tá ligado, mano? Antigamente eu não tinha esse pensamento. Então, tipo assim, eu acho que o rap acrescentou muito mentalmente pra mim, me permitiu ter a mente mais aberta, e também me permitiu sonhar, né, mano? Me permitiu fazer assim, mano, se tu quer isso, se é isso que tu quer, mano, faça, mano. Eu acho que, tipo assim, pra quem entende rap da forma que ele é, mano, sabe que rap nos dá força, tá ligado, mano? Dá força.*

A masculinidade periférica no rap é tanto um reflexo da luta por uma subjetividade autêntica quanto uma construção marcada por contradições e tensões. Em muitos casos, a ideia de que o homem negro deve ser imbatível, invulnerável e capaz de superar todos os obstáculos acaba se tornando uma característica constante nas letras de rap e nas atitudes de muitos rappers.

Além disso, o movimento hip-hop e o rap, por ser um espaço ainda com sua maioria formado por homens, acaba sendo um lugar machista dando pouco espaço e visibilidade para mulheres que nele se aventuram.

Relata Natália:

*Então, eu acho que o que falta para melhorar, principalmente, é a questão da cena do hip-hop, compreender que todo tipo de pessoa que de alguma forma é abusiva para com mulheres, seja um agressor ou um pai que não paga pensão, por exemplo, devem ser cancelados na cena do hip-hop. Porque o hip-hop tem que ser um lugar onde ele deve ser saudável e seguro para que todas as mulheres possam fazer parte.*

*Não só mulheres cis, mas também mulheres trans. E como é que eu vou me sentir segura num ambiente onde um cara que é agressor de mulher, ele está tendo visibilidade e espaço para poder... Espaço para poder, digamos, estar lá sendo MC, sem levar em consideração que na vida pessoal dele ele é uma pessoa que não merecia estar ali. Se isso é totalmente contra os valores do hip-hop.*

Lélia Gonzalez (2022), com seu conceito de *Amefricanidade*, reflete sobre a construção da identidade negra no Brasil, destacando como a opressão e a marginalização moldam essa identidade. Para Gonzalez, a identidade negra precisa ser ressignificada, afastando-se das imposições da sociedade branca e afirmando-se no presente. O rap é um campo que realiza esse processo de ressignificação, funcionando como um espaço para reapropriação das histórias e da cultura negra.

No entanto, a busca por respeito e visibilidade dentro da competitividade do rap, no contexto da masculinidade periférica, muitas vezes entra em colisão com a reprodução de comportamentos associados à masculinidade tóxica, que privilegiam a dominação e a agressividade como formas de obter poder e status. Assim, o rap é simultaneamente um campo de resistência e afirmação da identidade negra e um espaço onde a masculinidade periférica, com suas contradições e tensões, se expressa.

Adriano relata, sobre como é viver nesse ambiente muitas vezes tóxico:

*e isso reflete também muito do que a favela é, tá ligado? Do que a periferia é rola muito no bairro, tá ligado? Aquele mano que não gosta de você, que quer ver você pra baixo dele, tá ligado? Rola aqueles amigos também que querem ver você bem, mas não melhor que eles na batalha também e são coisas que refletem o que a gente passa no nosso bairro e vão passar na batalha, tá ligado? Independente de qualquer coisa, não é um ambiente perfeito e não estamos deixando de ser sujeitos a nada naquele ambiente tá ligado?  
A diferença é que se torna uma parada muito mais artística tá ligado? Até a nossa competição, a competição pode ser muito mais tóxica no bairro do que numa roda cultural, porque numa roda cultural você tá competindo versando, velho, é uma coisa muito mais bonita e artística apesar da parte tóxica tá ligado? Então é isso, é melhor do que outros tipos de competitividade ao menos, é o que eu tenho pra dizer tá ligado? E se é isso que você quer pra você, você tem que aguentar, entendeu?*

Para Mateus, apesar destes embates, a vivência no rap o fez ressignificar muitas compreensões sobre o que é e como é ser homem. Ele reforça essa visão ao afirmar: "*O rap me ensinou que ser homem não é ser bruto. Ser homem é saber ouvir, saber entender, saber rimar e respeitar.*" Essas declarações refletem como o rap permite aos jovens negros periféricos explorarem e reconfigurarem suas masculinidades.

A troca de experiências entre gerações de MCs, frequentemente observada nas rodas de rima, cria um ambiente de apoio mútuo, onde a coletividade e o respeito são priorizados sobre a dominação e a agressividade. Nesse espaço, os jovens são encorajados a se afirmar por meio do respeito e da irmandade e não por meio da imposição de uma virilidade tóxica.

De toda forma, é interessante apontar como o rap ainda é um lugar contraditório, pois, ao mesmo tempo que ajuda os atores que dele fazem parte a se compreenderem como pessoas dentro de suas existências, ainda é um lugar que exala competitividade, o que se evidencia pela necessidade de acabar com seu rival para vencer. E justamente por o rap ser esse lugar contraditório, ele permite tais conflitos, conflitos que, se observados a partir de uma perspectiva

crítica por aqueles que o estão vivenciando, se tornam possibilidades de crescimento e compreensão acerca das próprias questões.

bell hooks (apud Ramos, 2022) argumenta que os homens negros, historicamente, foram condicionados a adotar uma postura rígida e resistente devido às adversidades impostas pelo racismo estrutural. O rap, no entanto, surge como um meio de reconfigurar essa masculinidade, permitindo que jovens periféricos encontrem um espaço seguro para expressar suas emoções, vulnerabilidades e esperanças sem que isso seja visto como fraqueza.

No caso das batalhas observadas, há momentos em que MCs expõem suas dores e dificuldades de maneira visceral, transformando o palco em um espaço de catarse coletiva. As reações do público e dos próprios adversários refletem uma mudança na forma como a masculinidade pode ser vivida dentro do rap, promovendo empatia e reconhecimento ao invés de apenas dominação e força bruta.

Dessa forma, a descoberta da masculinidade dentro do rap ultrapassa os limites do microcosmo das batalhas e influencia a forma como esses jovens se percebem em outros âmbitos de suas vidas. Ao promover uma visão mais ampla da masculinidade negra, o hip-hop se torna um elemento essencial na construção de novas possibilidades de identidade para os jovens da periferia.

### **7.3 Persistência Feminina e o Lugar da Mulher no Rap**

O rap e o hip-hop sempre foram espaços dominados por homens, refletindo estruturas patriarcais presentes em toda a sociedade. No entanto, as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço dentro do movimento, rompendo barreiras e enfrentando desafios que vão além do palco. A entrevista com Natália ilustra essa resistência:

*Quando eu comecei a batalhar, não tinha nenhuma menina. Muitas que tentavam acabavam desistindo porque a pressão psicológica era imensa. Mas eu fiquei. Fiquei porque sabia que o espaço também era nosso.*

A permanência de Natália no cenário das batalhas de rima representa a luta das mulheres dentro do hip-hop para legitimar suas vozes. Sua trajetória demonstra como a presença feminina, apesar de desafiadora, tem sido fundamental para a construção de um ambiente mais diverso e igualitário. No diário de bordo, há registros do crescimento da participação de mulheres e até mesmo de MCs trans nas batalhas, indicando uma transformação progressiva na cultura do rap.

Outra coisa que chama atenção é a presença do público feminino. Em questão de plateia, o quórum é paritário entre gêneros, contudo, entre os Mc's a maioria ainda é predominantemente masculina. Com isso, é bom ver quando uma Mc mulher participa e consegue ir bem, acredito que o espaço para as 'minas' está crescendo apesar de tudo (Diário de bordo, 01/09/2023).

Me chamou a atenção a participação de uma mulher e uma mulher trans. O hip-hop foi e ainda é em partes um lugar dominado por presença masculina, mas posso ver aqui na batalha uma participação maior de outros públicos além do masculino. O masculino ainda é maioria, contudo, é frequente a presença feminina, mesmo que ainda em menor número (Diário de bordo, 13/10/2023)

A presença de Mc's mulheres, então, funciona como um modo de resistência às narrativas coloniais que buscam silenciar ou distorcer a história das mulheres negras. As rappers femininas não se limitam a reproduzir as experiências de opressão, mas as transformam em um campo de empoderamento onde a memória da resistência e da luta são centrais.

Contudo, mesmo com avanços, as mulheres ainda enfrentam desafios significativos. O preconceito velado, a objetificação e a exclusão de espaços de decisão dentro do hip-hop continuam sendo barreiras a serem superadas. Essa resistência masculina à presença feminina evidencia que, apesar dos progressos, a luta pela equidade dentro do rap ainda precisa avançar.

O lugar da mulher no rap não é conquistado de forma fácil ou linear. As mulheres no rap enfrentam uma constante luta contra a objetificação e a sexualização de seus corpos. As letras de rap, por muitos anos, foram um reflexo de uma cultura masculina que objetificava as mulheres, reduzindo-as a meros objetos de desejo.

Essa objetificação, entretanto, não é apenas um reflexo das atitudes dos rappers, mas também das expectativas sociais em relação ao corpo e ao papel da mulher. A pressão para que as mulheres se conformem aos padrões de beleza e comportamento estabelecidos pela sociedade patriarcal e racista está presente em todas as esferas culturais e o rap não é uma exceção.

Segundo Natália:

*E o que é foda, porque era para a gente ser unida, para a gente representar a questão de que a gente é minoria, de que a gente pode ir lá, que a gente pode conseguir, que a gente tem o direito de ocupar nosso espaço, mas, ao mesmo tempo, muitas mulheres dentro do movimento hip-hop, além dos homens, passam pano para agressor. E isso é algo que realmente tem que melhorar, porque isso faz com que o público que esteja ali nas batalhas de rima achem normal um cara ser agressor.*

*Não, aquele fulano ali não bateu em tal menina, não ameaçou tal menina, e não paga a pensão de tal filho, e ele está aqui batalhando na batalha de rima. Ah, então é nenhuma fazer o que ele faz. Então, não tem como ser exemplo. É esse tipo de, digamos que, de pessoas que a gente vai estar colocando em visibilidade para que essa nova geração se espelhe? É sobre isso, sabe?*

A persistência das mulheres no rap, portanto, é uma resistência ativa contra esses estereótipos. Ao se afirmarem como artistas, elas desafiam a narrativa de que a mulher deve ser submissa e centrada em sua sexualidade e, ao contrário, propõem novas formas de expressar sua liberdade e identidade. O rap feminista, nesse sentido, se afasta da ideia de subordinação e se coloca como uma afirmação da autonomia feminina onde as mulheres não são apenas figuras periféricas ou coadjuvantes, mas protagonistas de suas próprias histórias.

Esse movimento também é uma resposta às formas de violência simbólica e estrutural que as mulheres negras enfrentam, seja dentro do rap, seja na sociedade em geral. O feminismo negro no rap se coloca, portanto, como uma estratégia de subversão das normas patriarcais e racistas que tentam limitar a voz e a visibilidade das mulheres negras.

As rappers, ao ocuparem esse espaço, não estão apenas contestando as dinâmicas de gênero e poder, estão também construindo um espaço de resistência, que é simultaneamente pessoal e coletivo. Elas se afirmam como sujeitos políticos, que têm o direito de definir suas próprias narrativas, suas próprias imagens e seus próprios corpos.

Assim, o lugar da mulher no rap é um campo em constante disputa, onde as mulheres negras, ao se apropriarem dessa linguagem, não apenas desafiam as normas do rap, mas também reconfiguram as formas de masculinidade periférica e as estruturas de poder que as limitam. A persistência feminista no rap não se dá apenas no campo artístico, mas também no campo político, onde as mulheres negras utilizam o rap como uma ferramenta de empoderamento, afirmando suas existências e lutando pela visibilidade e pela justiça social.

O rap, nesse sentido, deixa de ser apenas um espaço de entretenimento e se torna um campo de resistência e transformação onde a mulher negra ocupa, de forma legítima e poderosa, o centro do palco. Dessa forma, a persistência feminina dentro do rap não se resume apenas a conquistar espaço, mas também a transformar a cultura hip-hop para que ela seja verdadeiramente inclusiva. A presença de mulheres como Natália desafia o status quo e inspira novas gerações a ocuparem e ressignificarem esse espaço, consolidando o rap como uma ferramenta de resistência para todas as identidades marginalizadas.

*Então, às vezes a gente tem que fazer os sacrifícios de se anular, de se recolher em respeito a outras mulheres, que isso na verdade é a sororidade dentro do*

*feminismo, porque esse feminismo de conveniência hoje em dia não compreende isso. É ser feminista nesses momentos, entende? Ah não, porque eu vou lá e eu vou batalhar e eu vou botar para fuder e eu sou empoderada. Mas muitas vezes o empoderamento de uma outra mulher é você estar dando apoio psicológico a ela, muito mais do que você estar dividindo espaço com um agressor num lugar público só para ter visibilidade.*

Para aumentar o escopo da discussão junto aos relatos trazidos, trazemos o recorte interseccional proposto por Akotirene (2019); Collins e Bilge (2021). A interseccionalidade, como proposta teórica e política, tem se tornado uma chave importante para entender as múltiplas formas de opressão e privilégio que se cruzam e se manifestam nas vidas das pessoas, especialmente nas de grupos marginalizados.

No contexto do rap, a interseccionalidade oferece uma perspectiva valiosa para compreender como questões de raça, classe, gênero e identidade se entrelaçam e influenciam a maneira como os sujeitos, em particular as mulheres e homens negros miscigenados, se inserem e se posicionam dentro dessa cultura.

A luta por reconhecimento e espaço dentro do rap é marcada por essas múltiplas dimensões de identidade e opressões que se refletem diretamente na construção da subjetividade negra com todos os seus desafios e contradições.

A interseccionalidade propõe uma análise que leva em conta como diferentes sistemas de poder e opressão se combinam para criar experiências únicas de discriminação e marginalização. No contexto do rap, isso significa que a experiência de ser negro, pobre e masculino ou feminino dentro dessa cultura não pode ser compreendida sem levar em consideração as especificidades do Brasil e da sua herança colonial, racista e patriarcal.

Grada Kilomba (2020), em *Memórias de Plantação*, discute como a memória da escravidão e do colonialismo continua a influenciar as relações de poder na contemporaneidade. Para esta autora, a resistência das mulheres negras é, em grande parte, uma resposta à invisibilidade histórica e à desumanização imposta pelo colonialismo. O rap, ao ser apropriado pelas mulheres negras se torna um espaço para a reinterpretação dessas memórias, onde as experiências da mulher negra são reconhecidas e exaltadas.

A resiliência das mulheres no hip-hop se conecta com as reflexões de bell hooks (2020) e Sueli Carneiro (2015) sobre a luta feminista negra. Como aponta Carneiro, o machismo estrutural não só impõe desafios às mulheres em espaços artísticos, mas também as leva a desenvolver novas estratégias de resistência. Isso pode ser observado na forma como Natália e outras MCs utilizam suas letras para desafiar o sexismo e reivindicar seus espaços: *Eu não tô*

*aqui só pra rimar, tô aqui pra provar que a gente também tem voz. Que a gente também tem história e que merece respeito.*

A cultura hip hop, com seu caráter contestatório e de resistência, também enfrenta os desafios de lidar com as tensões interseccionais que afetam os indivíduos negros, como a construção de uma identidade negra que, por um lado, busca afirmar a ancestralidade africana, mas, por outro, carrega as marcas da miscigenação impostas pela história colonial. Collins (2019), reforça a ideia de que a identidade negra não pode ser vista como homogênea, sendo marcada por diferentes contextos sociais e históricos. No caso das mulheres negras, ela destaca como o racismo e o sexismo se entrelaçam para criar uma experiência única de opressão.

No rap, esse entrelaçamento se torna visível quando as mulheres negras, ao tentarem ocupar espaços dominados por homens, enfrentam a marginalização racial e o sexismo que permeiam a cultura. A interseccionalidade, nesse contexto, é crucial para entender como a luta das mulheres negras no rap se dá, em uma perspectiva de resistência simultânea ao racismo estrutural e ao patriarcado.

Entretanto, o desafio para a construção da subjetividade negra no Brasil é particularmente complexo. A miscigenação, muitas vezes, é tratada como um elemento de "harmonia racial" em nossa sociedade, um mito que esconde as profundas desigualdades raciais que ainda persistem. A ideia de uma "democracia racial" no Brasil tem sido um fator que, muitas vezes, silencia as experiências de discriminação racial e impede que a construção da subjetividade negra seja plenamente reconhecida e valorizada.

No hip hop, esse mito da miscigenação se reflete na maneira como as figuras negras são percebidas e representadas. O conceito de uma subjetividade negra no Brasil tem sido, em grande parte, uma construção que apaga as especificidades da experiência negra, misturando-as com uma visão idealizada de uma população "misturada", mas que, na prática, não garante a inclusão real dos negros na sociedade.

Collins e Bilge (2021), em suas reflexões sobre a interseccionalidade, enfatizam a importância de entender como as identidades não são estáticas e que, ao contrário, elas são construídas por múltiplas forças sociais, políticas e culturais. No contexto brasileiro, isso significa que a subjetividade negra é uma construção histórica, marcada pela luta contra o racismo, pela resistência à violência colonial, pela busca pela afirmação da ancestralidade africana e pelas contradições de um país que se constrói em torno de mitos de democracia racial.

A interseccionalidade no rap, então, não é apenas uma questão de gênero ou de raça, mas de um processo contínuo, de construção e reconstrução de subjetividades dentro de um

sistema que, muitas vezes, tenta apagar as marcas da ancestralidade africana em favor de uma noção diluída e universalista de subjetividade.

Akotirene (2019), ao refletir sobre a interseccionalidade no Brasil, reforça a ideia de que as desigualdades de classe, gênero e raça se entrelaçam e afetam de forma distinta os sujeitos negros. A luta por uma subjetividade negra autêntica, dentro do rap é, portanto, uma luta contra um sistema que ao mesmo tempo marginaliza e exotiza a figura do negro. No Brasil, onde as questões de classe e cor da pele desempenham papéis centrais, a subjetividade negra muitas vezes, é construída a partir de uma tensão entre a afirmação de um pertencimento racial e a negação das complexas dinâmicas de poder que caracterizam a sociedade brasileira sustentada pela branquitude.

No rap, essa tensão se reflete nas letras e nas performances dos rappers, que frequentemente tratam das questões da classe social, da luta contra o racismo e da afirmação da subjetividade negra. Perpetuando o desafio de lidar com as ambiguidades de ser um sujeito negro em uma sociedade que não reconhece plenamente as especificidades da experiência negra, Adriano narra:

*Inclusive, eu e Mateus batalhou na final do show de Racionais, e era uma batalha de sangue, não era pra ser uma batalha temática. Mas acabou sendo, tá ligado? Uma batalha temática.*

*E a gente falou da cultura preta, eu e ele. Meio que... A gente acabou falando do racismo. Ele puxou um ataque sobre racismo, tá ligado? Eu respondi sobre racismo, sobre vivência de escola.*

*Neguinho que senta no fundão e tal. Do jeito que a galera olha pra gente e do jeito que a gente se olha antes de se reconhecer, tá ligado? Antes de parar de querer ser branco, etc. Antes de sentir essa parada realmente de tipo querer parar de alisar o cabelo, de fazer as paradas do jeito branco de ser e querer ter traços finos, tá ligado?*

*E a batalha foi toda sobre isso e a gente argumentou, desenvolveu muito no argumento, tá ligado? E eu acho essas partes muito importantes, essas pequenas partes do hip hop, tá ligado? De vez em quando a gente tá batalhando de um jeito fútil, diminuindo um outro na base das conquistas, tá ligado? Na base das batalhas que ganhou, que perdeu.*

*Na base da vida, tá ligado? Desmotivando e tentando diminuir outro pelos motivos errados. E de vez em quando a gente tá usando dessa ideologia pra poder conscientizar a galera, tá ligado? Tirando totalmente o foco do ataque. Eu não gosto de batalha de tema, tá ligado? Eu acho que isso me deixa numa caixa.*

*Eu acho importante ser freestyle mesmo, estilo livre. Eu conseguir falar o que eu quiser na hora. E se eu tiver que falar daquele tema vai ser porque eu quero e não porque tá escrito na lousa, tá ligado? saca? Tá ligeiro? Aí eu acho que é isso, mano.*

Assim, a interseccionalidade no rap é uma lente crucial para compreender os desafios enfrentados pelos sujeitos negros que estão à margem de uma sociedade que, simultaneamente, os marginaliza e os exalta. O rap, enquanto uma forma de expressão artística e cultural, permite que as subjetividades negras se afirmem, mas também revela as contradições e os desafios impostos pela história de miscigenação e colonialismo.

A construção da subjetividade negra no rap é, portanto, um processo dinâmico que exige o reconhecimento das múltiplas dimensões de opressões e resistência que moldam a experiência dos sujeitos negros no Brasil e que, ao mesmo tempo, abre caminhos para novas formas de resistência e afirmação no cenário contemporâneo.

Natália reflete:

*acho que se eu sou uma referência, sou referência dessa força, dessa resistência. Artisticamente, existem muitas mulheres que representam até muito mais do que eu, que são até bem melhores do que eu no freestyle, nas batalhas de rima. Mas eu acho que o que está faltando mais é essa questão, sabe? dessa dessa mentalidade de pensar mais sobre as outras mulheres, quando você está ocupando um espaço, do que propriamente pensar só sobre si mesmo e sua visibilidade, e sua vaidade, e seus próprios sonhos.*

*Porque também não adianta de nada você estar ali no topo ficar rico, ficar famoso, e você sabe assim não carregar junto com essa sua caminhada, esses valores de cuidado para com as outras mulheres que não tiveram a mesma oportunidade, ou não tiveram a mesma força que você teve pra poder chegar onde você está, entende?*

#### **7.4 O Rap como Educação e Produção de Conhecimento Marginal**

O rap, como uma das expressões mais autênticas da periferia, tem se consolidado como mais do que um estilo musical, como uma ferramenta potente de educação e produção de conhecimento marginal. Originado nas periferias urbanas, o rap se caracteriza por ser uma forma de resistência à marginalização social e cultural imposta às classes populares e, especialmente, à população negra e periférica.

Nesse contexto, o rap se apresenta como um espaço de aprendizado coletivo onde as experiências de vida, a luta contra o racismo estrutural e a opressão são compartilhadas e

transformadas em narrativas de resistência e empoderamento. Inicialmente, tal movimento não se apresentou na proposta inicial da pesquisa, contudo, o olhar cartográfico (Passos et. al, 2015) nos permite levantar esta discussão, a partir do que foi trazido nas entrevistas-conversas.

Ao explorar o rap como um veículo de educação e produção de conhecimento, é possível compreender como ele se alinha às teorias educacionais de grande relevância, como as de Paulo Freire, bell hooks, e outros pensadores que enfatizam a educação como prática de liberdade e transgressão.

Paulo Freire (1981), destaca que a educação deve ser um processo dialético, onde educador e educando estão imersos em um movimento de construção de conhecimento. Ele propõe que a educação libertadora se baseia no diálogo, na conscientização e na participação ativa dos sujeitos, não como receptores passivos de conteúdo, mas como agentes de sua própria transformação.

Esse conceito de educação, centrado na ideia de emancipação, tem tudo a ver com o papel do rap nas periferias, onde o processo educativo se dá na troca de saberes entre os indivíduos e a comunidade. O rap, com sua linguagem direta e muitas vezes poética, proporciona uma reflexão crítica sobre as condições de vida dos marginalizados, além de promover a construção de um conhecimento que nasce da vivência, das experiências e das lutas diárias. A chamada pedagogia hip-hop (2020).

O rap pode ser visto como uma "cartografia da vida periférica", a partir de passos et. al (2015), ao propor que a psicologia deve se ocupar de ouvir, mapear e se ocupar das realidades sociais das populações marginalizadas. O rap, da mesma forma, faz uma cartografia das realidades de quem vive à margem da sociedade, revelando aspectos da vida nas periferias urbanas que são muitas vezes invisíveis ou deturpados pela grande mídia e pelas instituições de ensino.

Esse conhecimento, gerado nas ruas, nas comunidades e favelas, oferece uma perspectiva única sobre a vida social, o que inclui a vivência do racismo, da pobreza, das desigualdades estruturais e, também, das formas de resistência que nascem nesse ambiente. Ao contar suas próprias histórias, os rappers produzem um saber que, longe de ser "marginal", é profundamente crítico e transformador.

bell hooks (2013) reflete sobre a educação como uma prática de liberdade, onde o processo de ensino e aprendizagem vai além da simples transmissão de conteúdo. Para a autora, a educação deve ser um espaço de questionamento e resistência às opressões estruturais, um meio de os sujeitos se libertarem das amarras da ignorância e do conformismo.

Nesse sentido, o rap se configura como uma prática educativa libertadora onde os jovens das periferias, ao ouvirem e produzirem rap, se conectam com uma tradição de luta e resistência, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma consciência crítica sobre o mundo ao seu redor. O rap, nesse contexto, é um ponto de partida para a construção de um saber genuíno, ancorado nas realidades dos corpos marginalizados e que oferece uma alternativa para a ruptura de narrativas hegemônicas sobre o que é ser negro, pobre e periférico.

Adriano relata:

*Tipo, meus temas são esses. é o que eu quero passar, tá ligado? É que é possível, tá ligado? Pra todo mundo, tipo, voar. Tá ligado? Com o freestyle. Com a imaginação, com o jeito de fazer as rimas, tá ligado? Eu sinto que eu inspiro muito crianças por causa disso. Porque eu falo de coisas que crianças também podem ver às vezes, tá ligado? Um desenho, um anime, uma parada, uma referência. A criança pega e fica, uau! Eu quero rimar assim, tá ligado? E eu acho isso importante. Eu acho que é uma parada que eu quero passar, tá ligado? Que é possível, no geral*

Bell hooks (2013) também afirma que a educação deve ser uma prática de transgressão, uma forma de subverter as normas estabelecidas, e criar novas formas de ser e saber. O rap, enquanto prática cultural e educacional, tem esse papel transgressor: ele quebra as convenções sociais, a normatividade imposta e reinventa a forma como o conhecimento é produzido e compartilhado. No rap, a experiência marginalizada não é vista como um dado a ser superado, e sim como uma base sólida para o desenvolvimento de uma nova epistemologia que recusa os discursos de inferioridade e busca valorizar a cultura negra e periférica.

Essa transgressão, no rap, também se manifesta na forma como ele propõe uma educação informal, muitas vezes mais conectada com as necessidades reais da juventude periférica do que com os saberes acadêmicos. O conhecimento que circula nos versos das músicas de rap não é intelectual, é também prático e sensível, gerado a partir da vivência concreta.

No espaço do rap, a palavra é uma arma de denúncia e de construção coletiva de um saber reflexivo e transformador que permite aos ouvintes reconhecerem-se em suas próprias experiências e se organizarem para a luta. Como Paulo Freire (1981) propõe, a educação é um ato de amor e de humanidade e o rap é, sem dúvida, um campo de amor e de cuidado com a coletividade ao compartilhar as histórias de resistência e as possibilidades de transformação.

O rap como educação também se revela em sua capacidade de produzir uma verdadeira "sabedoria periférica" que, por estar à margem, não é menos relevante ou potente do que as

sabedorias que circulam nos centros de poder. O conhecimento gerado no rap desafia a ideia de que a educação de qualidade só pode ser encontrada nas escolas tradicionais ou nas instituições elitistas.

Mateus nos relata uma experiência:

*Mano, Tipo o rap mano, é a base mano, o rap tipo, qual é a base do rap? Mano, a literatura, o conhecimento, a revolução, O rap é uma cultura feita pra mudança, mano. O rap não é cultura feita pra dançar; rap não é a cultura feita pra entretenimento não mano, o rap é uma cultura feita pra ser uma luta tá ligado mano?*

*Porque tipo, as vezes é uma coisa que o povo muito fala de mim né, o povo me elogia muito, o meu público, que quando vai assistir uma batalha minha, eu falo umas coisas e o povo depois vai lá no google e procura tipo, caralho, olha o que Mateus sabe, tá ligado mano? Aí vem o povo ali no meio da batalha. Acha que eu tô falando abobrinha por não ter conhecimento, mano? Aí quando chega na internet e vê que aquilo que eu tô fazendo é passando informação, mano.*

*É algo que querendo ou não, fiz alguém aprender algo novo ali através de uma rima. Tá ligado? Eu lembro até hoje que uma vez na escadaria, faz muito tempo isso e eu mandei uma rima sobre o Homem Vitruviano. Tá ligado, o equilíbrio e tals. E tem um menino, um menino, criança né, na roda. Aí ele assistiu a batalha. No outro dia ele foi pra escola, aí na outra edição da Batalha, ele chegou em mim: Ei Mateus! Eu vi o Homem Vitruviano no livro, mas eu já sabia o que era, porque tu falou aqui.*

Propondo saberes outros, o rap traz à tona um saber que é fruto das experiências cotidianas, das lutas diárias e das estratégias de sobrevivência desenvolvidas nas periferias. Esse saber, muitas vezes desvalorizado, é um conhecimento subversivo que, além de denunciar a opressão, também aponta caminhos de resistência e de transformação social.

Em última análise, o rap se configura como um poderoso espaço de educação informal e profundamente libertador. O rap, então, abraça a pluralidade das experiências, das identidades e das subjetividades que formam a diversidade das periferias. Ele não apenas reflete a realidade da juventude marginalizada, mas também a educa, empoderando-a com ferramentas para a reflexão crítica e a ação transformadora.

Nos diz Natália:

*Porque é a questão do autoconhecimento. Pelo menos eu faço muito autoanálise. Então, quando eu tô numa batalha de rima, é um momento em que eu tenho um ápice de ansiedade e sou posta sob pressão. Então vai desde a questão da minha linha de raciocínio, de conseguir formar, e de conseguir manter uma linguagem corporal, de conseguir responder. Então, quando eu tô*

*em algum momento na minha vida, que é um momento difícil também, e isso me ajuda a ter mais um controle, sabe? Embora eu não batalhe tanto quanto eu gostaria, mas é sobre eu aprender a lidar comigo mesma em situações em que eu sou colocada sob pressão, entende?*

Nesse sentido, o rap é um saber marginal que, longe de ser inferior, é uma produção legítima e necessária ao conhecimento, capaz de alterar as estruturas de poder e de representar, de maneira vibrante e potente, as vozes que ainda são silenciadas pela sociedade dominante.

O rap, como educação e produção de conhecimento marginal é, portanto, uma prática pedagógica que desafia as normas, valoriza a experiência vivida e promove uma conscientização crítica das condições sociais, raciais e econômicas. Ele atua como um espaço de construção de uma educação libertadora, onde os sujeitos marginalizados não são passivos, mas sujeitos ativos na criação de seu próprio saber. Assim, o rap não só denuncia as desigualdades, mas também educa para a ação, para a liberdade e para a resistência.

## **8. CONCLUSÕES E INCONCLUSÕES: O RAP COMO FERRAMENTA DE AÇÃO CLÍNICA E DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**

Esta estrofe e a próxima tentaram dar conta do encerramento do presente trabalho. As considerações foram dissolvidas nos pontos 8 e 9, pois, a partir de tal escolha, tentamos condensar o que poderiam ser as considerações finais da dissertação.

Para compreender o rap como ferramenta de ação clínica, é fundamental reconhecer seu papel na construção de subjetividades. No contexto das batalhas de rima e das letras que expressam vivências marginais, o sujeito elabora experiências atravessadas pela violência estrutural, pela desigualdade e pela busca por reconhecimento. A cultura hip-hop e, especialmente o rap, atuam como espaços de invenção e ressignificação de experiências.

Como pontuam os MCs entrevistados, a possibilidade de transformar dor, opressão e desafios em palavras rimadas constitui um processo de elaboração subjetiva e fortalecimento identitário. O rap, enquanto manifestação cultural e musical, carrega consigo um potencial em promoção de saúde, educacional e transformador que vai além do simples entretenimento. Nas periferias urbanas, onde a marginalização social, econômica e cultural é uma realidade constante, o rap surge como uma ferramenta poderosa de expressão, resistência e cura.

Ao permitir que os indivíduos compartilhem suas vivências, sofrimentos, conquistas e reflexões, o rap se torna um espaço de autoafirmação e de autoconhecimento. Mais do que uma forma de arte, ele se configura como uma prática de promoção de saúde, capaz de promover a transformação social e de funcionar como um instrumento de construção de subjetividades.

Em muitos casos, o rap funciona como uma ferramenta de ação de promoção de saúde, ajudando os sujeitos a lidarem com traumas e experiências de violência. Passos (2015), ao discorrer sobre a cartografia, sugere que a cartografia das experiências e das subjetividades dos indivíduos pode ser um instrumento poderoso para o entendimento de si mesmo e do mundo. No rap, o processo de "cartografar" as vivências de dor, resistência, superação e luta contra o racismo e a exclusão social, permitem aos indivíduos externalizarem suas emoções e experiências, criando uma forma de ressignificação de suas histórias.

As letras de rap, ao descreverem os desafios enfrentados, não apenas denunciam as injustiças, mas também possibilitam que os sujeitos se reconheçam enquanto agentes de sua própria mudança. Esse processo de externalização, ressignificação e apropriação de sua existência é um aspecto central da promoção de saúde proposta pelo rap, pois permite que o

sujeito tenha ciência da dor e da opressão vividos, ao mesmo tempo em que constrói novas narrativas de resistência e empoderamento.

A experiência do rap, enquanto campo de enunciação de subjetividades marginalizadas, exige uma postura que não apenas compreenda as narrativas individuais, mas que, também, esteja implicada no reconhecimento das condições históricas e sociais que as atravessam.

Os MCs, ao darem voz às suas histórias e vivências, criam espaços de cuidado e acolhimento coletivo, nos quais a palavra tem uma função reparadora. O terapeuta, ao se aproximar dessa expressão, precisa estar atento às potências de escuta que ali se desdobram, compreendendo que o cuidado se faz também na legitimação dessas vozes e na criação de espaços que favoreçam sua emergência

O rap não apenas transmite um conteúdo, ele estimula a reflexão crítica, o questionamento das estruturas de poder e a busca por alternativas de mudança. As letras de rap não apenas falam de questões políticas e sociais, tocam também nas questões emocionais, pessoais e existenciais dos sujeitos, ajudando-os a elaborar suas próprias experiências e traumas, ao mesmo tempo em que contribuem para a construção de uma identidade fortalecida e consciente de sua própria história.

O rap, por sua própria natureza, é uma prática transgressora, pois subverte as normas sociais e culturais que buscam silenciar as vozes da periferia e da população negra. As letras de rap falam de racismo, violência policial, desigualdade de classe e outras formas de opressão, enquanto que, por outro lado, também celebram a resistência, a resiliência e a força da comunidade periférica. Ao fazer isso, o rap não apenas denuncia, mas também educa ao propor uma forma de resistência que desafia as normas vigentes e oferece alternativas para a construção de um futuro mais justo e igualitário.

Nesse sentido, o rap torna-se um espaço de transformação, pois promove a conscientização sobre a realidade social e, ao mesmo tempo, convida os sujeitos a agirem sobre essa realidade, buscando mudar as estruturas que os oprimem. Mais do que uma expressão artística, o rap é um dispositivo de cuidado que possibilita que os sujeitos falem de si, se reconheçam em outros e reconstituam suas trajetórias.

Ao dar voz às populações marginalizadas e silenciadas, o rap oferece um espaço para a autoafirmação e o reconhecimento das experiências daqueles que são invisibilizados pela sociedade. A prática de escutar e produzir rap, ao criar uma narrativa coletiva e individual de resistência, permite que os sujeitos se reconectem com suas raízes e com sua história, ressignificando suas experiências e buscando formas de transformação pessoal e social. O rap, nesse sentido, funciona como um processo que não só cura as feridas emocionais, como também

propõe uma mudança no mundo social e político, ao chamar a atenção para as injustiças e ao incitar a ação para a mudança.

No rap, a produção de conhecimento se dá de forma dinâmica e participativa, e sua mensagem não é apenas informativa, ela é também preventiva em relação a promoção de saúde, pois, oferece aos sujeitos, além de uma maneira de expressar suas realidades, um caminho de reimaginar um futuro possível, livre das amarras da opressão.

*E eu vi que através do rap, mano, é uma perspectiva que eu tenho que ninguém na minha família tem, tá ligado, mano? Minha mãe não tem perspectiva de tipo, hoje em dia conseguir algo maior. Minha mãe, tipo, eu falo com minha mãe, converso, aí a gente tenta incentivar ela a estudar, tá ligado, mano? Minha mãe não terminou o ensino médio. Ela tem vergonha. tá ligado mano? Eu não consigo incentivar ela a fazer isso. Meu irmão também não pensa nisso. Meu irmão prefere viver do trabalho braçal. Tá ligado, mano?*

*Então, tipo assim, eu acredito que eu posso mudar minha família através do rap, tá ligado? Eu acredito que ele vai, vai permitir isso acontecer. Eu tenho muita fé no que o rap vai fazer por mim, pelo tanto que eu me dedico e estudo pra fazer, tá ligado? Às vezes eu não sou valorizado, mas é uma coisa que eu aprendi. Se eu não tô sendo valorizado aqui, mano, é só sair daqui pra outro lugar que vai me valorizar. Se não for em outro lugar, sai de lá. Vai para outro lugar e continua. E continua. E continua porque tá com a molesta não, (Risadas) uma hora vai, o cara não vai morrer tentando não (Mateus)*

O rap, portanto, se configura como uma ferramenta educativa e transformadora, que atua nas dimensões pessoais, coletivas e sociais. Ele promove a educação como prática de liberdade, conforme Paulo Freire e a resistência como prática de transgressão, como Bell Hooks sugere.

A partir das ideias discutidas nas entrevistas, podemos observar de que formas os colaboradores entrevistados enfrentam os efeitos do colonialismo (Fanon,2008), racismo institucional (gonzalez, 1984) e as nuances da necropolítica (2018) em seu fazer artístico, consequentemente em suas vidas.

Finalizando as entrevistas-conversas, pedi para cada um dos colaboradores/a deixar alguns versos na improvisada. Mateus escolheu deixar alguns versos, Adriano recitou uma de suas poesias, e Natália ficou de enviar posteriormente.

Preciso ressaltar que toda a entrevista com Natália foi perpassada pelo diálogo sobre como o rap ainda é um ambiente machista, apesar de tudo. O rap ficou em segundo plano, pois as linhas que surgiram, trataram sobre como ainda vivemos em um meio machista e patriarcal, até mesmo naquele lugar que se propõe a romper com tais estigmas. Ao fim da entrevista, Natália me pediu *pode colocar isso aí no meu tópico, viu? É isso que quero deixar*. Certo Natália, como solicitado, aqui está!

Acredito ser interessante trazer à discussão ainda a fala de Adriano para sua poesia, cuja temática principal aborda a vida do crime, armas, entre outras vivências voltadas para a realidade do tráfico de drogas nas favelas. Ele relutou de início, pois, segundo ele, estava fazendo a entrevista no “modo luz”, o que não parecia combinar com armas. Todavia, conversamos e, com a explicação dada pelo próprio, chegamos ao consenso de que sim, também fazia sentido trazer o rap das armas, pois também é algo que está em nossa realidade, fugindo ao nosso controle.

Segue a explicação:

*Tipo, eu acho que sei lá, mano. Eu abordo muito o crime e o jeito que o crime e a música se misturam na hora do rap, tá ligado? E o jeito que as vivências da gente são mais violentas, tá ligado? E tem dois tipos de rap pra mim, tá ligado? O rap das armas e o rap dos livros, tá ligado, mano? E tipo, os dois são necessários, mano. A galera pensa que não, mas os dois são necessários.*

*É necessário o rap das armas, porque as armas fizeram parte da nossa história, tá ligado, mano? E fizeram parte das histórias dos manos que saíram do crime. Então como não cantar a vida deles, tá ligado? A galera fala, não, se for pra cantar esses bagulhos, eu tenho que cantar dizendo que é horrível. Mano, ok, eu acho válido cantar que é horrível esse tipo de vivência.*

*Mas teve um momento segurando as armas e ganhando aquele dinheiro que ele se sentiu bem, tá ligado? Então é importante falar que tem esse lado, tá ligado? Mas que esse lado não compensa, tá ligado? Aí meio que tem tipos de rap, quando eu tô no modo luz, tá ligado? Que foi o modo dessa entrevista.*

*É o modo que eu tento falar ao máximo as partes boas e as partes ruins. Só que as partes ruins não tão ruins assim, tá ligado? Eu não cheguei a falar da violência do crime do bairro, tá ligado? Do jeito que a galera enxergava a gente, tá ligado? Tipo, o jeito que a polícia, repressão policial, tá ligado? A repressão da sociedade em geral, tá ligado? E minhas poesias abordam mais esse lado violento, tá ligado, mano? É mais a parte que eu quero jogar pra fora, tá ligado? Só que os dois tipos de explicação pro rap são importantes.*

E, aqui, sua poesia:

*Ela tem a morte na cintura,  
eu não quis ter a morte na cintura  
Várias 9 no porte de amigos de infância,  
malote vivo, droga pura*

*ela tá me encarando, vou dar um oi  
ele tá me encarando meu, qual foi?*

*Foda-se seus amigos, te corto em pedaços  
Se brotar na reta, igual combo do Choi*

*Explana os bandidos que conhece  
Mas amigos, amigos, negócios à parte  
Ninguém passa pano, vê se cresce  
Fala de facção só quando fizer parte*

*Fala de rap quando fizer arte  
Não só freestyle pra pegar as novinha  
Diz o valor que tu põe nas tuas linhas  
Que eu digo se é rapper ou é covarde*

- Adriano

E, em seguida, os versos de Mateus:

*Tudo bem, eu sigo firme, pois eu sou artista  
fico muito agradecido por fazer essa entrevista  
é muito importante falar do que nós sente  
pois isso vai servir pra o futuro e pra o presente*

*Várias pessoas se identificam com a gente  
porque mandamos papo na rima inteligente  
É isso que eu trago à base de respeito  
afinal estamos juntos no movimento social feito pelos preto*

*É um desabafo a liberdade de expressão  
A gente tem que guiar com a mente e seguir o coração  
É muita informação, uso as cordas vocais  
que torna a gente os caras que se tornam maiores*

*Ideias são trocadas, ideias são valorizadas  
e desse jeito que eu continuo na improvisada  
tem que entender, agradecer, para somar  
muito obrigado por me escutar, me informar e deixar eu falar*

- Mateus

## 9. CONSIDERAÇÕES

O caminho traçado até aqui teve como proposta discutir o gênero musical rap enquanto possibilidade de ação clínica e promoção de saúde, em uma dimensão de clínica ampliada.

Na primeira estrofe deste trabalho, buscamos introduzir a temática, de forma que o caminhar subsequente não se tornasse algo pesaroso e cansado. O recorte junto à minha história pessoal se faz essencial, visto que compreendemos que o pesquisador está comprometido com seu campo e este suscita e deixa marcas na existência deste pesquisador cartógrafo.

Na segunda estrofe nos propomos a conceituar a periferia, território-rua que habitamos. Um breve percurso, abordando desde o surgimento das favelas até suas reverberações atuais nesses espaços, introduzindo o jovem que o habita e cuja interação se mostrou essencial no processo da pesquisa.

Na terceira estrofe, realizamos uma revisão de literatura, observando o que há sobre o gênero musical rap e o hip-hop, no campo das produções acadêmicas, especificamente junto ao saber da psicologia, no âmbito da clínica.

Na quarta estrofe, propomos a conceituação do que seria uma ação clínica, a partir do conceito de clínica ampliada, perpassado pela dimensão ética da clínica psicológica.

Na quinta estrofe, dialogamos com autoras e atores do sul global, propondo um diálogo de desconstrução, um olhar decolonial do nosso fazer.

Na sexta estrofe, pensamos uma metodologia possível e a eleição do método cartográfico se fez essencial para o processo de pesquisa.

Na sétima estrofe, apresentamos o campo e a análise dos dados produzidos, pensando junto aos colaboradores Mc's as dinâmicas de suas existências através da vivência no Rap.

A ética na clínica psicológica a partir da dimensão da clínica ampliada, contribuem para uma visão da psicologia clínica que transcende a abordagem tradicional. A partir deste olhar, podemos enfatizar a singularidade da experiência subjetiva, considerando a clínica como um espaço ético-estético de acolhimento e construção de sentidos, no qual a escuta se dá para além do diagnóstico, incluindo a historicidade e o sofrimento do sujeito em sua integralidade.

ampliamos o campo da clínica ao situá-la para além do setting terapêutico clássico, abordando as diversas fissuras na dimensão da vida social, reconhecendo o contexto sociocultural como parte essencial do cuidado. A interseção desses conceitos fortalece uma prática clínica que não se limita ao indivíduo isolado, mas considera as redes de relações, a

dimensão comunitária e as formas plurais de subjetivação, promovendo uma clínica comprometida com a singularidade de cada sujeito.

O rap, enquanto manifestação cultural e artística, transcende a esfera musical para se afirmar como uma potente ferramenta de expressão política e educacional. Ele representa uma forma de resistência e reivindicação, dando visibilidade a experiências sociais silenciadas pelas estruturas de poder.

Seu caráter contestador se manifesta na forma de letras que denunciam violências estruturais, desigualdades sociais, racismo, opressão policial e falta de oportunidades para populações periféricas. Dessa maneira, o rap se constitui como um discurso de luta, que desafia narrativas hegemônicas e promove reflexões críticas sobre a realidade.

Pudemos observar como a dimensão política do rap se entrelaça com sua potência educativa, na medida em que a arte se torna um veículo de empoderamento e conscientização. O rap questiona as desigualdades, e, ao mesmo tempo, fortalece a autoestima e a identidade de seus ouvintes e atores. Nesse sentido, MCs e grupos ocupam o lugar de referências, utilizando suas composições para desafiar estruturas sociais opressoras e fomentar a construção de um pensamento crítico.

Pensar o rap como ferramenta de ação clínica e promoção de saúde significa reconhecer sua dimensão constitutiva e seu potencial enquanto espaço de cuidado. A clínica ampliada nos permite compreender que a ação clínica não está restrita ao consultório, mas se expande para as ruas, para os encontros e para as manifestações culturais. Da mesma forma, a ética da clínica nos indica que escutar o outro é reconhecer sua história e as condições que atravessam sua existência.

Ao analisarmos as entrevistas com os MCs, torna-se evidente que o rap opera como um campo de resistência, construção de subjetivações e cuidado, fornecendo à juventude periférica ferramentas para narrar sua própria história e transformar seu mundo. Nesse sentido, a inserção do rap como um recurso de ação clínica e social não é apenas uma possibilidade, mas uma necessidade para um modelo de cuidado verdadeiramente comprometido com a realidade e com a singularidade dos sujeitos.

Por fim, concluímos a presente dissertação, com a intenção de que nosso trabalho não tenha sido em vão e tenha, de fato, possibilitado abrir portas para aqueles que quiserem chegar. Vamos juntos!

## 10 REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Sidney Barata de. Quatro cabeças de uma hidra urbana: imagens e sonoridades da cultura Hip Hop na cidade de Manaus-AM. 2022.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. Salvador: **Pólen Produção Editorial LTDA**, 2019.
- ALVES, Cândida Beatriz; DELMONDEZ, Polianne. Contribuições do pensamento decolonial à psicologia política. **Revista Psicologia Política**, v. 15, n. 34, p. 647-661, 2015.
- ALVES, Cristiano Nunes. Quando as ruas abrigam a arte: a cena hip hop no Recife (1980-2014). *Confins*. **Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasilera de geografia**, n. 25, 2015.
- ANJOS, Suelen Gonçalves dos. Hip hop e as práticas educativas: um estudo a partir das experiências do coletivo Família Hip Hop, Santa Maria-DF. 2019.
- ARAÚJO JÚNIOR, Adalberto Almeida de. Batalha do Coliseu: uma análise das práticas discursivas e simbólicas no rap a partir do espaço universitário. 2022.
- ARAUJO, Leonardo Luíz da Silva. Violência e Hip Hop: transformando um problema em arte. 2019.
- ARRUDA, Daniel Péricles. Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica. **Revista Katálysis**, v. 23, n. 01, p. 111-121, 2020.
- ASSIS, Adriano Cezario et al. “Se enraizando na cultura que é pra nós se manter vivo”: as bases da formação política e da participação social no instituto enraizados a partir da cultura Hip Hop. 2024.
- ASSIS, Flávio Eduardo da Silva. Rap na baixada, rap no mundo: o raplab tecendo redes educativas. 2020.
- AZAMBUJA, Marcos Adegas de; FERREIRA NETO, João Leite. Do território à multiterritorialidade entre usuários, trabalhadores e pesquisadores em saúde mental. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. e226200, 2019.
- BARBOSA, Deborah Rosária. Contribuições para a construção da historiografia da Psicologia educacional e escolar no Brasil. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 32, p. 104-123, 2012.
- BARBOSA, Marcio Ricardo da Silva et al. As marcas da rua: experiências decoloniais de consumo no Hip-hop. 2022.
- BARROS, Maria Beatriz dos Santos. De rolé na night carioca: R&B, geração tombamento e as festas da juventude preta do Rio de Janeiro. 2023.

BARROSO, Ibrahim Serra et al. Entre as ruas e as mídias: das redes de hip hop aos circuitos de batalhas de rimas alagoanos. 2019.

BERNARDES, Lucas Paranhos Netto. Lei dos Corres: uma análise do discurso do rap alagoano acerca dos significados do estigma e do desvio. 2020. Dissertação (Mestrado) – **Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, 2020.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, p. 15-24, 2016.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2018.

BLANCO, Leticia de Souza. Formação de territórios juvenis: os jovens e as rodas culturais da cidade de Niterói. 2024.

CARRAPATOSO, Gabriel de Oliveira et al. Hip-Hop e liberdade de expressão: uma análise fundamentada na educação para a mídia. 2021.

CARVALHO, João Paulo Toledo de. A polifonia visual do hip-hop paulistano: cartografia de escutas sobre os MC's Criolo e Emicida. 2024.

CARVALHO, Thiago Alberto de. Sabotage: Lírica negra e periférica. 2024. Tese (Doutorado) – **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2024.

CHAVES, Wanderson da Silva. O partido dos Panteras Negras. 2015.

CINTRA, Heloá Barroso et al. Perifeminas e representações sem fronteiras: entre interseccionalidades e agenciamentos. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. *Do Black Power ao Hip-Hop: racismo, nacionalismo e feminismo*. São Paulo: **Editora Perspectiva S/A**, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: **Boitempo Editorial**, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. São Paulo: **Boitempo Editorial**, 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). *Psicologia brasileira na luta antirracista: volume 1*. **Brasília: CFP**, 2022.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: **Selo Negro**, 2015.

DA ROSA MÜLLER, Henrique; COSTA, Lucas Lazzarotto Vasconcelos. “Combinaram de nos matar, combinamos de ficar vivos”: racismo e resistência negra no rap brasileiro contemporâneo. **Afro-Ásia**, n. 65, p. 607-647, 2022.

DE OLIVEIRA, Esmael Alves; SATHLER, Conrado Neves; LOPES, Roberto Chaparro. RAP como Educação para Resistência e (Re)existência. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 2, p. 388-410, 2020.

DE OLIVEIRA SANTANA, Tatiana. Refletindo sobre a decolonialidade com intelectuais negros brasileiros e as experiências de política e de afeto. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 34, p. 227-232, 2019.

DE SANTANA, Luiz Henrique Costa; DE FREITAS SILVA, Clarice; DE SOUZA, Emanuel Rodrigues. O discurso hegemônico e idealista na troca do termo favela por comunidade. **Porto das Letras**, v. 7, n. 1, p. 14-33, 2021.

DE SOUSA, Edson Luiz André; GOLDMEIER, Paula. Juventude em tempos de violência. **Revista Subjetividades**, v. 8, n. 4, p. 991-1020, 2008.

DE SOUSA, Thais Silva Araújo; DE CASTRO, Edson Olivari. O rap como moldura de identificação e vetor de subjetivação dos jovens na periferia. 2022.

DE SOUZA, Gabriel Delphino Fernandes; DA SILVA, Thiago Campos; DA SILVA, Fernando Rodrigues. Cultura popular negra: decolonialidade no rap e em produções audiovisuais. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura**, v. 9, n. 2, 2020.

DE SOUZA, Talita Menezes. Minas do rap e breakdance em Manaus.

DE TOLEDO, Bruna Brum. A formação das favelas na cidade do Rio de Janeiro: uma análise baseada na segregação populacional e exclusão social. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, v. 1, n. 1, 2018.

DETTMANN, Ana Paula da Silva; ARAGÃO, Elizabeth Maria Andrade; MARGOTTO, Lilian Rose. Uma perspectiva da clínica ampliada: as práticas da psicologia na assistência social. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 3, p. 362-369, 2016.

DE-CARVALHO, Roberth Jesus et al. Discursos em ruptura para outra educação em ciências no Sul global: o hip-hop como tecnociência afrodiaspórica. 2023.

DIAS, Cristiane Correia. *A pedagogia hip-hop: consciência, resistência e saberes em luta*. Curitiba: **Editora Appris**, 2020.

ESTELLITA-LINS, Carlos; OLIVEIRA, Verônica Miranda; COUTINHO, Maria Fernanda. Clínica ampliada em saúde mental: cuidar e suposição de saber no acompanhamento terapêutico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 195-204, 2009.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. **Editora Schwarcz-Companhia das Letras**, 2022.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Bahia: **Editora Edufba**, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Frantz Fanon: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. **Ser Social**, v. 20, n. 42, p. 148-163, 2018.

FAUSTINO, Deivison Mendes; ROSA, Miriam Debieux. O mal-estar colonial: racismo, indivíduo e subjetivação na sociabilidade contemporânea. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, p. e275160, 2023.

FERNANDES, Ana Claudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 64, p. 183-200, 2016.

FERNANDES, Fernando et al. O que é favela, afinal? 2009.

FERNANDES, Gilson et al. O rap como ferramenta de resistência: a influência da musicalidade de Djonga para a construção de sentido da luta negra no país. In: **Anais do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. 2019. p. 3-5.

FERREIRA NETO, João Leite. Práticas transversalizadas da clínica em saúde mental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, p. 110-118, 2008.

FRANCO, Felipe da Costa. Geografia, espaço escolar e Hip-Hop: em busca da formação espacial cidadã com as juventudes da EMEM Emílio Meyer-Porto Alegre-RS. 2021.

FRANÇA, Wellington dos Santos. A Sorocaba das Batalhas: ocupações juvenis de espaços públicos na cidade. 2020.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. **Rio de Janeiro: Paz e Terra**, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 1981.

FUINI, Lucas Labigalini. Território e territórios na leitura geográfica de Milton Santos. **Brazilian Geographical Journal**, v. 6, n. 1, p. 253-271, 2015.

GOMES, Matheus de Andrade. “Os locutores do inferno”: representações de violências no rap do Facção Central (1995-2006). 2020.

GOMES, Renan Lelis. O relevo da voz: um grito cartográfico dos saraus em São Paulo. 2019.

GOMES, Vitor Moraes et al. Entendendo o homem negro nos Racionais MCs: uma etnografia lírica. 2019.

GONZAGA, Lurian Endo et al. O RAP na experiência de fazer-se docente de história. 2023.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar. Interseccionalidade: uma contribuição do feminismo negro para a construção de práticas e conhecimentos antirracistas em Psicologia. **Conselho Federal de Psicologia**. Psicologia brasileira na luta antirracista, Brasília, v. 1, p. 155-176, 2022.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. **São Paulo: Schwarcz-Companhia das Letras**, 2022.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: **Editora 34**, 2012.

HINKEL, Jaison; DA CRUZ, Jessé. Saberes afrodiaspóricos: corpos que educam. **Revista Cocar**, v. 19, n. 37, 2023.

HINKEL, Jaison; MAHEIRIE, Kátia. Rap-rimas afetivas da periferia: reflexões na perspectiva sócio-histórica. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 90-99, 2007.

HINKEL, Jaison; MAHEIRIE, Kátia. RAP: reinvenção do sujeito e da cidade. **Psicologia em Estudo**, v. 23, 2018.

hooks, bell. *Teoria feminista*. São Paulo: **Perspectiva**, 2020.

hooks, bell et al. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: **WMF Martins Fontes**, v. 2, 2013.

IMBRIZI, Jaquelina Maria et al. Cultura hip-hop e enfrentamento à violência: uma estratégia universitária extensionista. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 166-172, 2019.

JESUS, Cleziane Santos de et al. Representação da violência nas letras de rap de Dory de Oliveira e Kmila CDD. 2022.

JUNIOR, Mário Damião Castro. Art'culando a linguagem: o hip hop como cultura, ciência, arte e comunicação criativa. 2021. **Tese de doutorado**. [s.n.].

JÚNIOR, Ferreira; TAFURI, Hernany Luiz. A juventude negra eleva sua voz: Racionais MC's e o negro drama da periferia brasileira. 2023.

JÚNIOR, Kleber Galvão de Siqueira. A pedagogia Hip-Hop e as narrativas da liberdade: o ancestral e o contemporâneo no ensino de História da África, dos povos africanos e afro-brasileiros. 2023. **Tese de doutorado**. **Universidade de São Paulo**.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. São Paulo: **Cobogó**, 2020.

LACAZ, Alessandra Speranza; LIMA, Silvana Mendes; HECKERT, Ana Lúcia Coelho. Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 58-67, 2015.

LARA, Viviane de et al. Resistência e (re)existência: a subjetividade e as invisibilidades produzidas a partir de experiências cotidianas do espaço urbano de Guarapuava (PR) retratadas pelo rap. 2023.

LIMA, Engel Rodrigues de. "Onde a ação se une com a ideia": as batalhas de rap em São Carlos-SP. 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito. 1. Ed. – Rio de Janeiro, **Via Verita**, 2022.

- MALTA, Gabriel Nogueira et al. Juventude e (m) movimento: uma terapia problematizadora da BNCC. 2023.
- MARTINS, H. V. Raça, colonialismo e o discurso decolonial: resistências e ressonâncias negras na Psicologia. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Psicologia brasileira na luta antirracista. Brasília, DF: CFP, 2022.
- MARTINS, Marco Antônio dos Santos. Velhos problemas: de Rosa Parks a George Floyd. Análise: conjuntura nacional e Coronavírus. **FCE/UFRGS. Porto Alegre**, 9 jun. 2020.
- MAHEIRIE, Kátia et al. (Re)composição musical e processos de subjetivação entre jovens de periferia. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 2, p. 187-197, 2008.
- MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: **N-1 edições**, 2018.
- MENEZES, Jaileila Araújo; LINS, Saiane Silva; SAMPAIO, Juliana Vieira. Provocações pós-coloniais à formação em psicologia. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, p. e191231, 2019.
- MIGNOLO, Walter D.; CASAS, Arturo. Silêncios da autoridade: a colonialidade do ser e do saber. **Grial**, v. 43, n. 165, p. 26-31, 2005.
- MONTEIRO, Verônica Sibere Ferraz. O hip-hop em Viçosa-MG: trajetórias socioespaciais dos rappers pelo espaço urbano (2010-2020). 2021.
- NAIFF, Luciene Alves Miguez; NAIFF, Denis Giovani Monteiro. A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 107-119, 2005.
- NASCIMENTO, Francisco Gerardo Cavalcante do et al. “É hip hop na minha embolada”: o salto espetacular do break ao manguê dos jovens Chico Vulgo e Jorge dü Peixe–Recife, 1984-1994. 2019.
- NÚÑEZ, Geni; NÚÑEZ, G. Efeitos do binarismo colonial na Psicologia: reflexões para uma Psicologia anticolonial. NÚÑEZ, G. Psicologia brasileira na luta antirracista. Brasília, DF: **Conselho Federal de Psicologia**, v. 1, 2022.
- OLIVEIRA, Maria Luisa Pereira de; MENEGHEL, Stela Nazareth; BERNARDES, Jefferson de Souza. Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, p. 266-274, 2009.
- PALHANO, Giovanna Silva. Nas trilhas das batalhas de MC's: pelo direito humano de viver a cidade. 2023.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; TEDESCO, Silvia. Editorial v. 25, n. 2-Dossiê Cartografia: pistas do método da cartografia-Vol. II. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 217-220, 2015.
- PEDROSO, Priscila Mendes. “As mina tão no corre, tá ligado?”: uma análise da atuação social e política do coletivo mulheres do Hip-hop. 2020.

PEREIRA, Grazielly Alves. Resistências Afro-Brasileiras no ensino de História: a sala de aula e as letras de RAP. 2019.

PEREIRA, Lucidalva Rangel et al. Letramentos a partir do Rap: voz e vez na aula de língua portuguesa. 2021.

PIMENTEL, Spensy. O livro vermelho do hip hop. São Paulo, v. 29, 1997.

PLÁCIDO, Ricardo do Ó. Territórios negros: cartografias e etnicidades na experiência do Rap paulistano (1970-1990). 2019. **Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.**

PRATES, Máine Alves; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; REIS, Carolina dos. O que a juventude negra do slam tem a dizer para a psicologia social?. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e251657, 2021.

QUEIROZ, André Sanchez. Cultura e política no Hip Hop na cidade de São Paulo: redes, sociabilidades e territórios. 2019.

QUEIROZ, Híkaro Diego Silva Alves de. O RAP de formação: uma abordagem do narrador em Mano Brown. 2023. **Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.**

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: **CLACSO**, 2005. p. 227-278.

REIS, Cristiano Lima de Araujo. Dor, negritude e resistência em discursos poéticos" da ponte pra cá. 2019.

ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. **Petrópolis: Editora Vozes**, 1996.

ROLIM, Mário Augusto Oliveira Monteiro. Múltiplos modos de mover politicamente os corpos no rap: cartografia dos regimes coreopolíticos do rap do Brasil e dos EUA. 2023.

SAFRA, Gilberto. Resenha: Po-ética na clínica contemporânea. **Ide**, p. 91-93, 2004.

SAWAIA, Bader. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. **Petrópolis: Editora Vozes**, 2017.

SALVI, Bruno Fantin. Para além da praça!: a Batalha do Vale e a educação das juventudes na cidade de Presidente Prudente (SP). 2023.

SANTOS, Giovanna Silveira. Contranarrativas periféricas: o movimento Hip Hop como agente de memórias. 2021.

SANTOS, Jaqueline Lima. Imaginando uma Angola pós-colonial: a cultura Hip Hop ao inimigos políticos da Nova República. 2019. **Tese de Doutorado**. [sn].

SANTOS, Lucas Nascimento dos. Djonga: o historiador da quebrada-rap, antirracismo e mediação intelectual (2017-2021). 2024.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. **Edusp**, 2002.

SANTOS, Milton; RIBEIRO, Wagner Costa. O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania. **In: O país distorcido: O Brasil, a globalização e a cidadania**, 2002. p. 221-221.

SHUSTERMAN, Richard. Vivendo a arte. **São Paulo: Editora 34**, 1998.

SILVA, Angélica Ferreira da. Juventudes, hip hop e políticas públicas na grande Aracaju. 2020.

SILVA, Breno. Colonização, quilombos, modos e significações: Colonization, quilombos, modes and meanings. **Argumentos-Revista do Departamento de Ciências Sociais da Unimontes**, v. 15, n. 2, p. 250-258, 2018.

SILVA, Carla Regina; TEIXEIRA, Débora Isabele Vasconcelos. O hip-hop é uma só família: processo criativo, produção cultural e militância. **Políticas Culturais em Revista**, v. 14, n. 2, p. 75-99, 2021.

SILVA, Jéssica Michelle dos Santos. A escuta psicanalítica de jovens negros no espaço Memorial Quilombo dos Palmares: o quilombismo como efeito ético-político das Rodas de Rap. 2023.

SILVA, Mateus Cunha da. Discursos de ascensão social no Rap Brasileiro. 2023.

SILVA, Ravena do Carmo. Liberdade cantou! E agora? Um estudo dos (as) egressos/as e das políticas públicas do sistema socioeducativo do Distrito Federal. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar. **UFMG**, 2010.

TAKEITI, Beatriz Akemi; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 256-262, 2019.